



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA  
CULTURAL**

POSCRITICA

MWEWA LUMBWE

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SUBSISTÊNCIA NA FAZENDA CANGULA**

ALAGOINHAS - BA  
2014

MWEWA LUMBWE

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SUBSISTÊNCIA NA FAZENDA CANGULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade estadual da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Crítica Cultural

Orientador: Professor Doutor Arivaldo de Lima Alves

ALAGOINHAS - BA  
2014

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

## FICHA CATALOGRÁFICA

L957o Lumbwe, Mwewa.

Organização social e subsistência na Fazenda Cangula. / Mwewa Lumbwe. – Alagoinhas, 2014.  
154f; il.

Dissertação – (Mestrado em Crítica Cultura) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Letras. Campus II

Orientador: Profº. Drº. Arivaldo de Lima Alves.

1. Quilombos – Bahia - História. 2. Negros – Bahia – Condições sociais. 3. Fazenda Cangula – Alagoinhas (BA). I. Alves, Arivaldo de Lima. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título

CDD 981.42

MWEWA LUMBWE

## **ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SUBSISTÊNCIA NA FAZENDA CANGULA**

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título de mestre em Crítica Cultural – Área de concentração em Letras e aprovada em sua forma final pelo curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus II.

Alagoinhas, 23 de maio de 2014

---

Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves  
Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Edil Silva Costa  
Examinadora Interna

---

Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts  
Examinador Externo

### **SUPLENTES**

---

Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira

---

Prof. Dr. Carlos Benedito Rodrigues da Silva

Em Memória de:

**Costa Mwewa**, da comunidade bemba de Zâmbia, que viajou a pé até a comunidade Kibanda, da República Democrática do Congo onde se casou com **Kayumba Maria**;

**Jean Lumbwe Kitungulu**, da comunidade Luba, de Manono, que viajou em serviço militar até as comunidades Luba–Sanga de Kansenya e Lulua, onde se casou com **Kabanga Agathe**;

**Augustin Mwewa Kilwa Mabimbi**, **Evariste Kimba** e **Eugène Kabanga Songasonga**, meus pais queridos, que me ensinaram a “gestão de pessoas”, a “diplomacia e política” assim como a “vida religiosa e o respeito aos meus ancestrais”;

**Marie Jacqueline Mwewa Mwaba** e **Nicole Mwewa Mabimbi**, minhas irmãs, que foram um exemplo nos cuidados tanto da saúde física como da saúde psicológica e mental das pessoas;

**Dona Alice Cipriano dos Santos**, da comunidade do Cangula;

**Carlos Arthur Conceição**, meu amigo, que me ensinou a escrever sem ter medo de ser lida...

## AGRADECIMENTOS

À força divina e criadora de Deus, pela minha vida, pela enorme família e pelos(as) numerosos(as) amigos(as) que eu tenho.

A **Helène Lumbwe Kitungulu**, minha mãe, que acompanhou a minha volta aos estudos desde 2000 até agora.

A **André Magloire Muleka Ditoka wa Kalenga**, meu marido, companheiro e professor, que sempre está ao meu lado tanto no campo de pesquisa como na construção deste trabalho e na vida em geral.

A **Elvis Muleka Kimba, Christian Muleka Mwewa, Alpha Petulay Muleka Kalenga Mushimbi, Francisco Modesto Muleka Ngoy e Jacqueline Marissol Omega Muleka Mwewa Mwaba**, meus/minhas filhos(as), pelo carinho e participação em todas as minhas atividades.

A **Françoise Petulay Ngoy Kinzanza Santana Maia, Vinicius dos Santos Muleka, Malaika Gomis, Isadora Mwewa, Sophia Helena dos Santos Muleka, Evelin Luana Muleka, Luiz Fortunato Rocha El Assal Muleka e Mateus E. dos Santos Muleka**, meus/minhas netos(as) queridos(as), pelo amor incondicional que sempre me transmitem.

A todos(as) os/as **meus/minhas filhos(as) de coração**, pelo carinho e afeto recebidos dia a dia.

Ao Prof. Dr. **Arivaldo de Lima Alves**, meu orientador e, agora, amigo que, desde 2012, se desdobrou para me orientar, lendo, corrigindo e sugerindo não só textos como ideias sobre a pesquisa em geral.

Aos Prof. Dr. **Osmar Moreira dos Santos**, Prof. Dr. **Roberto Henrique Seidel**, Prof. Dr. **Silvio Oliveira**, Profa. Dra. **Maria Nazaré Mota de Lima**, Profa. Dra. **Maria Anória Oliveira**, Prof. Dr. **Ivaldo Marciano**, Prof. Dr. **Oswaldo Fernandez**, Profa. Dra. **Eliana Brandão**, Prof. Dr. **Ricardo Oliveira de Freitas** e Prof. Dr. **Washington Luis Lima Drummond**, pelas disciplinas e bibliografias, que me proporcionaram um aprendizado de qualidade.

Ao Prof. Dr. **Edivaldo Conceição Santos**, pela supervisão no tirocínio docente.

À Profa. Dra **Edil Costa** e ao Prof. Dr **Alecsandro Ratts**, pelas orientações e bibliografias recebidas.

A todos(as) os/as professores(as) do PPGCC e da UNEB Campus 2, em geral, por contribuírem para o meu desenvolvimento e expansão do conhecimento.

A meus/minhas colegas de 2012. A vontade que eu tenho é de escrever o nome de cada um(a) de vocês, mas sei que cada um(a) sabe do apreço e carinho que eu tenho.

À secretaria do PPGCC, reservo uma imensa gratidão as pessoas que com dedicação me ajudaram a resolver meus problemas estudantis: **Edneide F. da Costa** (2011), **Karla Reis, Bruna Assis e Jovani M. dos Santos** (2012–2014).

A **Hilaire Inabanza Lupela, Maguy Kilufya Sumi, Kabengele Munanga, Irene** e toda a família, pelo amparo familiar que estou recebendo aqui no Brasil.

A **Maria José Estevan dos Santos e Alice Rocha El Assal**, minhas noras, pelo apoio logístico que sempre me proporcionaram. A **Lauro dos Santos Araújo**, meu genro, pelo apoio na correção dos textos.

A **Maria de Lourdes Teodoro** e família; **Hernani Henrique F. França** e família; **Millen Viegas Amorim** e família; **Izabel Figueiredo** e família; **Rosângela Ribeiro** e família; **Eliane Simões Vilar**; **José Maria Leitão**; **Severo Gomes** e família; **Miriam Quintão** e família; **Sylvana, Samyra, Safyra, Antônio Monteiro** e família; **Ivône Gonçalves Nery** e família; **Esther Sá** e família; **Ivaldo de Braga Senna** e família; **Antônio Salles** e família; **Iraci Gama Santa Luzia**; **Litho Silva, Marcia Almeida** e família; **Neila Santana** e família; **Rita de Cássia Nascimento**; **Washington Santos**; **Marizélia Soares**; **Sandra Góes**; **Ana Maria Rego** e família; **Joaquim C. Santos, Elena** e família; **André Nunes Barros** e família; **Jaldice Lima Nunes** e família; **Fabrizio Fiscina, Thais** e família; **Paulo Lima, Jelzi, Isabel, Fernando Lima** e família; **Rosemary Martins**; **Paulo Roberto Dias** e família; **Paulo Roberto Costa** e **Gilvan Barbosa**, pela amizade e confiança.

Um agradecimento especial é reservado para **Vanda Bastos**, que revisou esta dissertação com carinho e responsabilidade.

Por fim, agradeço à **CAPES**, pela bolsa recebida durante os seis últimos meses; à **Direção, Prefeitura e Serviço de Informática do Campus 2 da UNEB**, à **Prefeitura** e à **Câmara de Vereadores de Alagoinhas**, pelo apoio na realização do *I Encontro dos Quilombos de Alagoinhas e os governos federal, estadual e municipal*.

Este trabalho não podia acontecer sem a colaboração da comunidade do Cangula e o apoio incondicional da **Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Cangula...**

Obrigada ao meu povo de Cangula!!!

*“Pra descer santo de casa ajuda  
mas na subida quem salva é o carro de boi  
ÊTA LADEIRA  
pedi proteção pra padroeira  
mas na subida monta num carro de boi  
ÊTA LADEIRA”.*  
(François Muleka, Carro de boi).

## RESUMO

A presente pesquisa sobre a organização social e subsistência na Fazenda Cangula, comunidade remanescente dos quilombos, situada no Distrito de Boa União, em Alagoinhas–Bahia, foi desenvolvida na linha de pesquisa Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia Campus 2 com a preocupação de entender o cotidiano desta comunidade. Foi preciso mapear os principais meios de subsistência da comunidade e dos núcleos familiares de membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Cangula; diagnosticar como são administradas as relações entre os membros da comunidade e os governos federal, estadual e municipal nos assuntos de subsistência material, mental, espiritual e de continuidade, antes e depois do autorreconhecimento como remanescentes dos quilombos; e verificar como o modelo de organização social na comunidade se expressa no cotidiano. A metodologia adotada foi a da observação participante e, tratando-se de um estudo de caso, a pesquisa foi considerada como qualitativa. O universo da investigação foram os núcleos familiares dos membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais de Cangula. Foram entrevistadas trinta pessoas, em vinte núcleos familiares visitados. A abordagem teórica foi baseada principalmente em Jan Vansina (2010), sobre a tradição oral e sua metodologia, e em Alessandro Portelli (2010), sobre a entrevista de história oral e suas representações literárias. Convém salientar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados e os resultados permitiram observar que, em uma visão geral, todas as formas de subsistência seja ela material, mental, espiritual ou de continuidade, na organização social da comunidade do Cangula são interligadas e, na maioria das vezes, dependem da vontade política dos governos federal, estadual ou municipal. Esta constatação me levou a provocar o primeiro encontro entre os quilombos de Alagoinhas e os governos citados, que aconteceu em 15 de maio de 2013.

**Palavras-chave:** Quilombos. Organização social. Subsistência. Fazenda Cangula/Alagoinhas, Bahia.

## RESUMÉ

Cette recherche sur l'organisation sociale et subsistance dans la Ferme Cangula, communauté restante des Quilombos située dans le district de Boa União à Alagoinhas-Bahia, a été développée dans la ligne de recherche en Récits, Témoignages et Mode de vie du Programme d'Etudes Supérieures en Critique Culturelle de l'Université de Bahia Campus 2 avec le souci de comprendre la vie quotidienne de cette communauté. Il était nécessaire de cartographier les principaux moyens de subsistance de la communauté et des familles membres de l'Association des Producteurs Ruraux de Cangula; diagnostiquer comment sont administrées les relations entre les membres de la communauté et les gouvernements fédéral, d'État et de la Ville en ce qui concerne les subsistances matérielle, mentale, spirituelle et de continuité, avant et après la reconnaissance de soi comme communauté restante des quilombos, et vérifier comment le modèle de l'organisation sociale de la communauté s'exprime dans la vie quotidienne. La méthodologie adoptée était de l'observation participante et, s'agissant d'une étude de cas, la recherche a été considérée comme qualitative. L'univers de la recherche est formé par les familles des membres de l'Association Communautaire de Producteurs Ruraux de Cangula, trente personnes ont été interviewées dans les vingt familles visitées. L'abordage théorique s'est basée principalement sur Jan Vansina (2010), sur la tradition orale et sa méthodologie, et Alessandro Portelli (2010) sur l'entrevue d'histoire orale et de ses représentations littéraires. Il convient de noter que les objectifs de cette recherche ont été atteints et les résultats ont permis de constater que dans une vue d'ensemble de toutes les formes de subsistance, matérielle, mentale, spirituelle ou de continuité, l'organisation sociale de la communauté Cangula sont interconnectés et dépendents essentiellement de la volonté politique des gouvernements fédéral, d'État ou locale. Cette constatation m'a amenée à provoquer la première rencontre entre les Quilombos de Alagoinhas et les gouvernements cités qui a eu lieu le 15 mai 2013.

**Mots-clés:** Quilombos. Organisation sociale. Subsistance. Fazenda Cangula/Alagoinhas, Bahia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Catedral Santo Antônio – Alagoinhas-Ba .....	20
Figura 2	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Salvador – Bahia .....	21
Figura 3	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Inhambupe – Bahia .....	22
Figura 4	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Araçás – Bahia .....	22
Figura 5	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Aramari – Bahia .....	22
Figura 6	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Entre Rios – Bahia .....	22
Figura 7	Acesso Rodoviário Alagoinhas–Teodoro Sampaio – Bahia .....	22
Figura 8	Acesso Rodoviário Alagoinhas-BA–Aracaju-SE .....	23
Figura 9	Fábrica de cerveja – Alagoinhas-Ba .....	23
Figura 10	Prefeitura Municipal – Alagoinhas-Ba .....	24

## LISTA DE FOTOS

Foto 1	Comunidade Cangula: Planta Cangula .....	39
Foto 2	Comunidade Cangula: A caminho de casa vindo da pista .....	41
Foto 3	Comunidade Cangula: Uma das sete igrejas pentecostais instaladas na comunidade .....	41
Foto 4	Comunidade Cangula: Parte lateral da Associação Comunitária .....	43
Foto 5	Comunidade Cangula: Parte interna da Associação Comunitária .....	43
Foto 6	Comunidade Cangula: Abacateiro e bananeira .....	45
Foto 7	Comunidade Cangula: A terra e as fruteiras .....	45
Foto 8	Comunidade Cangula: Mangueira .....	45
Foto 9	Comunidade Cangula: Casa da Farinha .....	45
Foto 10	Comunidade Cangula: Sede da Associação Comunitária .....	66
Foto 11	Comunidade Cangula: Narrando a história do Cangula .....	77
Foto 12	Comunidade Cangula: Pilão de arroz .....	100

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Nível de Instrução: Nenhum .....	88
Gráfico 2	Nível de Instrução: Primeiro Grau Incompleto .....	89
Gráfico 3	Nível de Instrução: Primeiro Grau Completo .....	89
Gráfico 4	Religião: Católica .....	92
Gráfico 5	Religião: Evangélica .....	92
Gráfico 6	Estado Civil: Solteiro/a .....	93
Gráfico 7	Estado Civil: Casado/a .....	94
Gráfico 8	Estado Civil: Viúvo/a .....	94
Gráfico 9	Estado Civil: Outros .....	95

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distância de Alagoinhas para a capital e cidades limítrofes do Estado da Bahia .....	21
Quadro 2	Síntese das informações sobre o município de Alagoinhas – Bahia .....	25
Quadro 3	Relação entre a Pergunta 1, linhagem e tipo de sustentação .....	100
Quadro 4	Relação entre a Pergunta 2, linhagem e participação na Associação .....	101
Quadro 5	Relação entre a Pergunta 3, linhagem e tipo de necessidades .....	102
Quadro 6	Relação entre a Pergunta 4, linhagem e tipo de ligação com a África .....	103
Quadro 7	Relação entre a Pergunta 5, linhagem e tipo de contato com os governos .....	105
Quadro 8	Relação entre a Pergunta 6, linhagem e tipo de mudança .....	106
Quadro 9	Relação entre a Pergunta 7, linhagem e forma de evacuação de lixo .....	107
Quadro 10	Relação entre a Pergunta 8, linhagem e tipo de hábito .....	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Classificação das pessoas entrevistadas por faixa etária e família/linhagem .....	86
Tabela 2	Classificação das pessoas entrevistadas por faixa etária e nível de instrução .....	87
Tabela 3	Nível de Instrução: Nenhum .....	88
Tabela 4	Nível de Instrução: Primeiro Grau Incompleto .....	89
Tabela 5	Nível de Instrução: Primeiro Grau Completo .....	89
Tabela 6	Nível de Instrução: Segundo Grau Incompleto .....	90
Tabela 7	Nível de Instrução: Segundo Grau Completo .....	90
Tabela 8	Classificação das pessoas entrevistadas por faixa etária e religião que frequenta	90
Tabela 9	Religião: Nenhuma .....	91
Tabela 10	Religião: Matriz Africana .....	91
Tabela 11	Religião: Católica .....	92
Tabela 12	Religião: Evangélica .....	92
Tabela 13	Classificação das pessoas entrevistadas por estado civil .....	93
Tabela 14	Estado Civil: Solteiro/a .....	93
Tabela 15	Estado Civil: Casado/a .....	94
Tabela 16	Estado Civil: Viúvo/a .....	94
Tabela 17	Estado Civil: Outros .....	95

## LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
CF/88	Constituição Federal Brasileira de 1988
CNACNRQ	Comissão Nacional Provisória de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CPDS	Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21
CRA-BA	Conselho Regional de Administração da Bahia
DOU	Diário Oficial da União
EADA	Encontro África e Diáspora Africana
FAGA	Faculdade de Ciências da Administração de Garanhuns
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis
<i>IBGE</i>	<i>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística</i>
<i>INCRA</i>	<i>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária</i>
ITESP	Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo
MinC	Ministério da Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
RDC	República Democrática do Congo
RTC	Relatório Técnico-Científico
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIFIEO	Centro Universitário da Fundação Instituto de Ensino para Osasco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SUBSISTÊNCIA NOS QUILOMBOS</b> .....	33
1.1 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL .....	33
1.2 A SUBSISTÊNCIA .....	44
1.3 DE PALMARES À FAZENDA CANGULA .....	48
<b>1.3.1 A comunidade nomeada “Quilombo”</b> .....	50
<b>1.3.2 Quilombos do Brasil</b> .....	59
<b>1.3.3 Quilombos da Bahia</b> .....	62
<b>1.3.4 Quilombos de Alagoinhas</b> .....	64
<b>2 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA E SUA ORGANIZAÇÃO</b> .....	66
2.1 COMO SURTIU A IDEIA E QUANDO FOI FUNDADA A ASSOCIAÇÃO? .....	67
2.2 ORGANIZAÇÃO E SUBSISTÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO .....	72
<b>3 A EXPRESSÃO IDENTITÁRIA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DO CANGULA</b> .....	77
3.1 REVISÃO DOS OBJETIVOS E DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS .....	78
<b>3.1.1 Coleta de dados</b> .....	79
<b>3.1.2 Definição das variáveis</b> .....	80
3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OU ANÁLISE DOS DADOS .....	81
<b>3.2.1 Análise das variáveis identificadoras</b> .....	81
<b>3.2.2 Análise das variáveis de pesquisa</b> .....	95
3.2.2.1 <i>Qual a produção que sustenta a família?</i> .....	95
3.2.2.2 <i>Quem participa das decisões na comunidade?</i> .....	101
3.2.2.3 <i>Quais são as necessidades dentro da comunidade?</i> .....	102
3.2.2.4 <i>Qual a ligação com a África?</i> .....	102
3.2.2.5 <i>Como é feito o contato com os governos federal, estadual e municipal?</i> .....	105
3.2.2.6 <i>Há alguma diferença entre o momento atual e o momento de não reconhecimento como remanescentes quilombolas?</i> .....	106
3.2.2.7 <i>Como é feita a coleta de lixo?</i> .....	107
3.2.2.8 <i>Quais os hábitos que se tinha antes do reconhecimento e que permanecem até o momento atual?</i> .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A PÁGINA CRIADA NA INTERNET SOBRE O ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	122
<b>APÊNDICE B FOTOS DA COMUNIDADE DO CANGULA</b> .....	123
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA, EM 5 DE OUTUBRO DE 1998</b> .....	132
<b>ANEXO B CARTA DE RECONHECIMENTO DE PERTENÇA DA COMUNIDADE DO CANGULA</b> .....	135
<b>ANEXO C OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO</b> .....	137
<b>ANEXO D ABERTURA DE PROCESSO PARA O RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO, COMUNIDADE FAZENDA CANGULA</b> .....	138
<b>ANEXO E FICHA DE ACOMPANHAMENTO</b> .....	139
<b>ANEXO F CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO</b> .....	140
<b>ANEXO G DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, NR 15, DE SEXTA FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 2006, SESSÃO 1, PÁGINA 17</b> .....	141
<b>ANEXO H OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA DA BAHIA</b> .....	142
<b>ANEXO I ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE ELEIÇÃO E POSSE DA NOVA DIRETORIA, EM 4 DE ABRIL DE 2005</b> .....	146
<b>ANEXO J CARTAZ – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	148
<b>ANEXO K FOLDER – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	149
<b>ANEXO L CONVITE – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	151
<b>ANEXO M CARTA DO CANGULA– I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	152
<b>ANEXO N FOTO – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	154

## INTRODUÇÃO

No ano de 2004, eu residia na cidade de Caruaru-PE e terminava o meu curso de Administração no município de Garanhuns-PE. Naquela ocasião, participei dos debates sobre direitos humanos organizados pela Prefeitura Municipal que envolvia também as comunidades quilombolas instaladas em Garanhuns. O interesse em pesquisar quilombos surgiu dessa circunstância. Naquela oportunidade, percebi que ali se estava discutindo sobre a vida de pessoas que ocupavam uma área geográfica, desde a fuga ou libertação de seus antepassados trazidos da África como escravos para as Américas no regime escravagista (CARVALHO, 1995). O objetivo deste encontro era buscar obedecer às exigências da política governamental de direitos humanos dentro das comunidades de periferia, na administração pública de todos os municípios brasileiros. Um dos temas abordados foi o direito à saúde. As discussões se relacionavam a um processo decisório sobre a implantação de postos de saúde dentro de cada uma das comunidades dos quilombos de Garanhuns, em Pernambuco. Esta ou qualquer outra ação poderia vir a ser eficaz, se soubéssemos como estas comunidades viviam, a que sistema elas obedeciam, realmente, e quais as suas necessidades básicas, para garantir a qualidade de vida de cada morador e de cada comunidade.

A minha pesquisa atual sobre organização social e subsistência na Fazenda Cangula, situada no distrito de Boa União, no município de Alagoinhas-BA, foi desenvolvida na linha de pesquisa “Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida”, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, com a preocupação de entender o cotidiano desta comunidade quilombola. Para isto, foi preciso mapear os principais meios de subsistência da comunidade e dos núcleos familiares; diagnosticar como são administradas as relações entre os membros da comunidade e os governos federal, estadual e municipal, nos assuntos de subsistência material, mental, espiritual e de continuidade, antes e depois do autorreconhecimento como remanescentes dos quilombos; e, ainda, verificar como o modelo de organização social na comunidade se expressa no cotidiano.

A comunidade Cangula (como é chamada) recebeu a certificação de autorreconhecimento como remanescente das comunidades dos quilombos, no dia 12 de dezembro de 2005, conforme publicado no Diário Oficial da União (DOU), do dia 20 de janeiro de 2006. No dia 17 de fevereiro de 2006, foi encaminhada a certidão de autorreconhecimento ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) da Bahia para que este providenciasse a demarcação da terra herdada pela comunidade. Observei

que, até o final da minha pesquisa de campo, isto não aconteceu para o Cangula nem para qualquer das comunidades quilombolas reconhecidas de Alagoinhas-BA.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Alagoinhas foi instalado em 1852. Muito antes disso, surgiu como um sítio onde um sacerdote português não identificado se estabeleceu, construiu uma capela e criou a fazenda “Ladeira”. A cidade foi então se estabelecendo em torno do templo. O nome Alagoinhas provém da existência, na região, de um grande número de pequenas lagoas. O padre José Rodrigues Pontes, que chegou depois, conseguiu criar a freguesia de Santo Antônio de Alagoinhas, recebendo o alvará de funcionamento em 7 de novembro de 1816. A partir daí, o povoamento desta freguesia se iniciou com os imigrantes vindos das zonas limítrofes de Inhambupe, Irará e Santo Amaro. A localidade prosperou, por ser um ponto obrigatório de passagem dos que se encaminhavam para o norte da região nordestina. Na segunda metade do século XIX, visando se desligar do Município de Inhambupe, teve início o movimento de emancipação, que se concretizou em 16 de junho de 1852, através da Resolução nº 442.

O município de Alagoinhas localizado no leste da Bahia foi fundado em 2 de julho de 1852. Ele é uma das unidades federativas da Bahia e faz parte da mesorregião do Nordeste baiano que faz fronteira com os municípios de Inhambupe, ao norte; Catu, ao sul; Araçás, a leste; Aramari, a oeste; Entre Rios, a nordeste; e Teodoro Sampaio, a sudeste. Alagoinhas situa-se a 116,9km de Salvador, a capital da Bahia.

Figura 1 – Catedral Santo Antônio – Alagoinhas-Ba



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/1296275>

O nome Alagoinhas se deve aos rios Sauípe, Catu, Subaúma e Quiricó, às lagoas e córregos existentes na região cuja água, considerada de excelente qualidade, é uma de suas

maiores riquezas. No campo da literatura, alguns alagoinhenses se destacaram, como Maria Feijó, José Matos e o poeta Lázaro Zacariades.

Situada a 116,9 km do aeroporto de Salvador, a cidade é servida pela BR-101, que corta o Brasil de Norte a Sul, fornecendo importante acesso e meio de evacuação de produtos para outras cidades. A BR-110 une a cidade ao Nordeste pelo interior da região. Pelas rodovias estaduais, a cidade é ligada à BR-116 e também à Linha Verde. A ferrovia tem um papel histórico, possuindo um entroncamento que já foi de grande importância para o país e teve o seu declínio devido à subvalorização do transporte ferroviário no país. O Quadro 1 apresenta as distâncias e tempo de viagem rodoviária em horas, de Alagoinhas até a capital do Estado, Salvador, e às cidades limítrofes. As Figuras de 2 a 7<sup>1</sup> ilustram as distâncias expressas no Quadro 1, sendo (A) indicador da cidade de Alagoinhas e (B) da cidade de destino.

Quadro 1 – Distância de Alagoinhas para a capital e cidades limítrofes do Estado da Bahia

<b>CIDADE</b>	<b>DISTÂNCIA (em km)</b>	<b>TEMPO DE VIAGEM RODOVIÁRIA (em horas)</b>
Salvador	116,9	1:50
Inhambupe	47,	0:47
Araçás	28,	0:28
Aramari	11	0:11
Entre Rios	49,4	0:47
Teodoro Sampaio	37,7	0:38

Fonte: <http://www.entrecidadesdistancia.com.br/calculador-distancia/calculador-distancia.jsp>

Figura 2 – Acesso Rodoviário Alagoinhas –Salvador – Bahia



<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.entrecidadesdistancia.com.br/calculador-distancia/calculador-distancia.jsp>>.

Figura 3 – Acesso Rodoviário Alagoínhas–  
Inhambupe – Bahia



Figura 4 – Acesso Rodoviário Alagoínhas–  
Araçás – Bahia

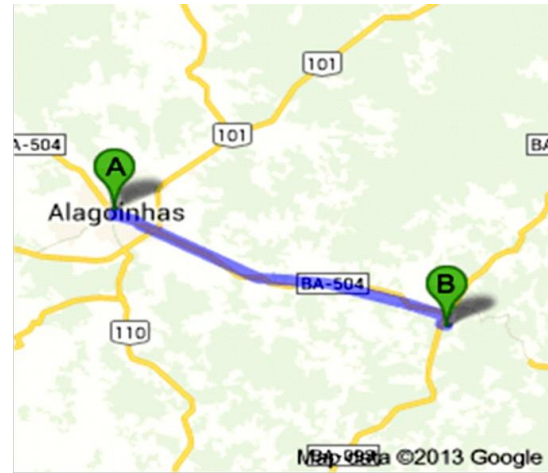


Figura 5 – Acesso Rodoviário Alagoínhas–  
Aramari – Bahia

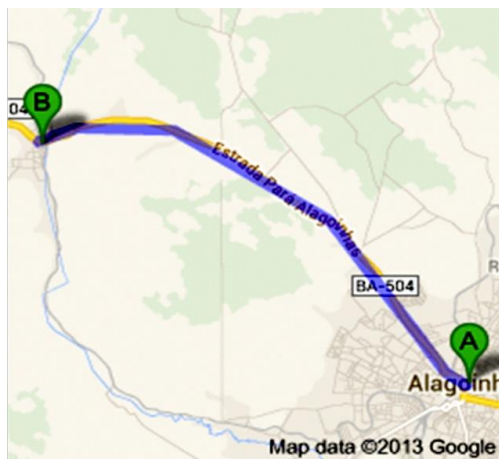


Figura 6 – Acesso Rodoviário Alagoínhas–  
Entre Rios – Bahia



Figura 7 – Acesso Rodoviário Alagoínhas–  
Teodoro Sampaio – Bahia



Alagoínhas está situada entre as capitais da Bahia, Salvador, e a capital de Sergipe, Aracaju (233,1 km), duas cidades grandes que possibilitam a recepção de produtos vindos da zona rural e de indústrias, o que favorece a industrialização do município, como é o caso das fábricas de bebida que, além da boa água, são atraídas também pela facilidade de evacuação do produto. (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Acesso Rodoviário Alagoínhas– Aracaju, Sergipe



Fonte: [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=distancia+entre+aracaju+e+alagoínhas-ba](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=distancia+entre+aracaju+e+alagoínhas-ba)

Figura 9 – Fábrica de cerveja – Alagoínhas-Ba



Fonte: <http://www.mundi.com.br/Fotos-Alagoínhas-2708262.html>

Figura 10– Prefeitura Municipal – Alagoinhas-Ba



Fonte: [www.achetudoeregiao.com.br/ba/alagoinhas/geografia.htm](http://www.achetudoeregiao.com.br/ba/alagoinhas/geografia.htm)

Destaca-se, também, na produção agrícola baiana: de limão, sendo o maior produtor do Estado; abacate e laranja, terceiro maior produtor; batata doce, décimo maior produtor; e de amendoim, décimo primeiro produtor baiano. No setor de bens minerais, o município é grande produtor de areia, argila e pedra.<sup>2</sup>

O IBGE apresenta informações sobre o município, conforme se pode ver no Quadro 2, onde se confirma que a área da unidade territorial é de 757,378 Km<sup>2</sup> dividida em área urbana e área rural. Percebi que nenhuma área quilombola é mencionada dentro da unidade territorial, fato que se confirma quando, por exemplo, nas unidades de saúde do município, são discriminados os atendimentos para as áreas urbanas, zonas rurais e para idosos. Não há nenhuma especificação para as áreas quilombolas. Presumo, então, que as terras quilombolas estejam incluídas dentro das duas áreas citadas. As comunidades quilombolas só são destacadas, na maioria das vezes, em momentos de celebração, tais como o dia vinte de novembro, Dia Nacional de Zumbi, herói do Quilombo de Palmares (1595-1695), e da Consciência Negra, onde elas são convidadas a desfilar e demonstrar o quanto estão felizes de serem negras.

Em um primeiro momento, para resolver a questão deste trabalho – investigar como o modelo de organização desta comunidade favorece as suas subsistências material, simbólica e de continuidade –, recorri aos textos do livro *Racismo à brasileira: uma nova*

<sup>2</sup> <http://www.achetudoeregiao.com.br/ba/alagoinhas/geografia.htm>.

*perspectiva sociológica*, de Edward Telles (2003), ao Estatuto da Igualdade Racial – Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e à definição da Fundação Cultural Palmares (FCP) que afirma: “Os Remanescentes quilombolas são descendentes de escravos vindos da África que mantêm as tradições culturais, de subsistência e da religiosidade”<sup>3</sup>.

Quadro 2 – Síntese das informações sobre o município de Alagoinhas – Bahia

Área da unidade territorial	752,378 Km <sup>2</sup>
Estabelecimentos de Saúde SUS	42 estabelecimentos
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: 2010 (IDHM, 2010)	0,683
Matrícula – Ensino fundamental – 2012	22.205 matrículas
Matrícula ensino médio – 2012	6074 matrículas
Número de unidades locais	2587 unidades
Pessoal ocupado total	24.967 pessoas
PIB per capita a preço corrente	11.379,75 reais
População residente	141.949 pessoas
População residente – Homens	67.212 pessoas
População residente – Mulheres	74.737 pessoas
População residente alfabetizada	116.973 pessoas
População residente que frequenta creche ou escola	42.943 pessoas
População residente, religião católica apostólica romana	75.109 pessoas
População residente, religião espírita	2.358 pessoas
População residente, religião evangélica	31.253 pessoas
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Rural	198,00 Reais
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Urbana	400,00 Reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Urbana	2.054, 43 Reais
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Urbana	400,00 Reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Rural	848,31 Reais

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013

A Fundação Cultural Palmares é um órgão do Ministério da Cultura (MinC) do Brasil cuja finalidade é promover e preservar a cultura afro-brasileira, valorizar as manifestações de matriz africana e a igualdade racial, formular e implantar políticas públicas que potencializem a participação da população negra brasileira nos processos de

<sup>3</sup> <http://www.palmares.gov.br/quilombola>.

desenvolvimento do país. Foi o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra<sup>4</sup>. Sendo estes seus objetivos, este órgão utiliza como ferramenta a ação afirmativa, um conjunto de políticas públicas adotadas com o objetivo de promover a ascensão de grupos socialmente minoritários, combatendo, assim, as desigualdades sociais resultantes de processos de discriminação negativa<sup>5</sup>.

Buscando conhecer qual seria a garantia da efetividade das ações afirmativas no quilombo Cangula, objeto deste trabalho, consultei a análise realizada por Edward Telles (2003, p. 72). Pude observar também, as alterações feitas nas leis nº 7.347, de 24 de julho de 1985, nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, nº 9.029, de 13 de abril de 1995, e nº 10.778 de 24 de novembro de 2003, e verificar, concordando com o autor, que o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010, é uma ferramenta efetiva de garantia para a realização das ações afirmativas na comunidade do Cangula. Segundo o autor, “a democratização ofereceria a esperança da inclusão de grupos excluídos anteriormente, especialmente na medida em que eles conseguiam se organizar” (TELLES, 2003, p. 72).

A metodologia adotada foi a da observação participante e, tratando-se de um Estudo de Caso, a pesquisa foi considerada como qualitativa. O universo da investigação foram os núcleos familiares da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula.

As abordagens teóricas se basearam em Jan Vansina (2010, p. 140), no capítulo em que trata da tradição oral e sua metodologia e descreve a importância do reconhecimento da fala como meio de comunicação diária e, também, como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais na sociedade oral. Este autor define a tradição oral como sendo um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra, o que me levou a priorizar a maior faixa etária na coleta de dados feita por meio de entrevistas padronizadas.

Na maioria das entrevistas feitas na comunidade do Cangula, constatei que, para responder a certas perguntas, os(as) entrevistados(as) se baseiam no passado para descrever a sua situação atual. Algumas perguntas não eram respondidas ou, simplesmente, eram respondidas com outra pergunta.

Alessandro Portelli (2010, p. 19-36), no seu texto “A entrevista de história oral e suas representações literárias”, do livro *Ensaio de história oral*, explica que a narração oral da história toma forma em um encontro pessoal promovido pela pesquisa de campo em que um diálogo interativo entre entrevistado e entrevistador ocasiona a evocação dos conteúdos da memória que são, então, organizados verbalmente. Para ele, a diferença cultural entre

---

<sup>4</sup> <http://www.cultura.gov.br/cultura-afro>.

<sup>5</sup> <http://www.palmares.gov.br/observatorio-afro-latino/>.

pesquisador e narrador provoca estímulos imprevistos no narrador e o força a explorar setores e aspectos da sua experiência que não são mencionados quando conta histórias ao seu grupo.

Isto ocorreu várias vezes na minha pesquisa de campo. Em muitos momentos, a experiência da diferença cultural e de modo de vida fazia com que, às vezes, o(a) entrevistado(a) falasse da sua vida ao mesmo tempo em que queria saber da minha para, assim, poder, na sua fala, se identificar pelas diferenças existentes entre nós, fossem elas culturais, de subsistência ou, até mesmo, de idade. Por exemplo, Maria, dona de casa e agricultora de 67 anos<sup>6</sup> achou que meu português era diferente, daí ela queria saber de que estado eu era. Quando informo que sou da África, a entrevistada me olha com uma grande empatia e logo fala:

– *O povo da África sendo negro pode chegar aqui e conviver com a gente sem problema* (Entrevista concedida por Maria em 5 de dezembro de 2012).

Recorri, também, ao entendimento da entrevista, conforme Portelli (2010, p. 19-36), como sendo uma bipolaridade dialógica de dois sujeitos face a face mediados pelo emprego do microfone. No meu caso, tomei as precauções de gravar, quando autorizado pelo(a) entrevistado(a), vídeo e áudio com o aparelho de telefone celular. As gravações de vídeo foram importantes para facilitar a transcrição, pois, sabendo que a comunidade tem a oralidade como linguagem fundamental e sendo eu mesma africana, originária de um contexto também fundamentalmente oral, sabia que qualquer movimento do interlocutor poderia significar alguma coisa. Por exemplo, quando perguntava algumas coisas para a minha avó ou minhas tias, elas costumavam responder com gestos de braços, dedos ou cabeça. Sobretudo o olhar delas significava mais do que elas expressavam nas falas. Então, quando não houve resistência, tomei a precaução de realizar os vídeos, o que facilitou a compreensão das entrevistas.

Segundo Portelli, é sem fundamento a ideia de que existe um “observado” e um “observador”, pois, durante o tempo em que o entrevistador entrevista o narrador, este último olha para ele, observando-o, tentando descobrir quem ele é, qual a sua motivação para estar a entrevistá-lo. Desta forma, ele pode modelar a sua fala. Ele afirma que a “entre/vista” é uma troca de olhares, daí qualificar a história oral como sendo um gênero multivocal resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo. No Cangula, eu era observada não só pelo(a) entrevistado(a), mas, também, pelos membros de seus núcleos familiares que, na maioria do tempo, se faziam presentes para completar as informações e satisfazer a sua

---

<sup>6</sup> Para preservar a intimidade dos(as) entrevistados(as), preferi usar nomes fictícios.

curiosidade de saber quem eu era, o que eu fazia ali e, sobretudo, o que iria fazer com o material colhido.

Os dois autores citados, Vansina (2010, p. 140) e Portelli (2010b, p. 19-30), me levaram a entender que o(a) entrevistado(a) não conta a história de sua vida em ordem cronológica, mas em ciclos. As narrativas começavam sempre com “*Antigamente...*” ou “*Meus avós eram...*” e terminavam com “*... e hoje...*” ou “*... e agora...*”. Estava muito claro que, naquela comunidade, as pessoas valorizavam a sua memória em cada resposta ou descrição de suas situações atuais. Elas faziam questão de, em primeiro lugar, lembrar-se do passado para depois explicar ou justificar o presente. Portelli (2010b, p. 19-39) afirma, também, que, nos relatos de história oral, as modalidades “institucional”, “comunitária” e “pessoal” nunca são separadas, muito menos separáveis, de modo nítido ou explícito; que a arte de contar história consiste em combiná-las de maneira criativa em estruturas significativas. Isto me levou a constatar, várias vezes, durante a minha pesquisa de campo, que uma pergunta suscitava não uma resposta, mas um trecho da história de vida do(a) orador(a) o que representava, ao mesmo tempo, um trecho da história da própria comunidade.

Essas duas abordagens teóricas foram fundamentais em meu percurso metodológico para a pesquisa em um quilombo onde há tradição e história oral. As descrições e análises de Portelli (2010b, p. 19-39) tanto quanto as indagações de Vansina (2010, p. 140) são convergentes e, posso até dizer, complementares.

A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 5 de dezembro de 2012 e 6 de fevereiro de 2013, mas o contato com a comunidade, formada por cento e cinquenta e dois núcleos familiares dos quais a maioria faz parte do nosso objeto de pesquisa, continua. Os cenários da pesquisa foram as residências dos associados, escolhidas por ordem de maior faixa etária dos moradores, valorizando, assim, os informantes que pudessem resgatar a memória da comunidade. Utilizei nas entrevistas **a idade, a família/linhagem, o nível de instrução, o gênero, a religião e o estado civil das(os) entrevistados(as)** como variáveis identificadoras. Como variáveis de pesquisa, selecionei as perguntas seguintes:

- Qual a produção que sustenta a família?
- Quem participa das decisões na comunidade?
- Quais são as necessidades, dentro da comunidade?
- Qual a ligação com a África?
- Como é feito o contato com os governos federal, estadual e municipal?
- Há alguma diferença entre o momento de não reconhecimento e o atual?

- Como é feita a coleta de lixo?
- Quais são os hábitos que se tinha antes e que estão sendo mantidos até hoje?

Nem sempre conseguia fazer todas as perguntas, pois o/a entrevistado(a), ou os/as familiares começavam a apresentação logo que entrava no recinto familiar e observei que, nesta apresentação, encontrava resposta para a maioria das perguntas previstas em meus escritos. Para entender este processo, tive que me lembrar de Vansina (2010, p. 145) quando afirma ser um erro reduzir a civilização oral somente a uma negativa, a uma falta do escrever. Ele argumenta que um estudioso que trabalha com tradições orais deve entender melhor a atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, pois esta atitude é diferente da de uma civilização onde a escrita tenha registrado todas as mensagens importantes. Durante o percurso desta pesquisa, foi possível observar que o discurso dos moradores do Cangula é tanto oral como silencioso, vocal, mas também eloquente nos movimentos sejam eles de braços, da cabeça e até mesmo dos olhares. Por isto, à medida que avançavam as entrevistas, a decisão foi de ouvir e observar primeiro antes de qualquer pergunta. Assim, os escritos só eram utilizados para perguntar o que não era citado na narrativa do(a) entrevistado(a).

Foram entrevistados vinte núcleos familiares, pois percebi que, à medida que eu avançava com as entrevistas, as respostas às perguntas preparadas se repetiam, o que veio a sinalizar o fim das entrevistas. Continuei indo ao quilombo para participar de algumas reuniões da Associação, por convite da comunidade.

A minha escolha do tema Organização Social e Subsistência se justifica, também, pelo fato de se tratar de um tema que contempla a minha área de origem, que é a administração/empreendedorismo com especialização em gestão estratégica da comunicação.

Como membro do Núcleo de Estudos em Gestão de Pessoas, do Conselho Regional de Administração da Bahia (CRA-BA), entendo “gestão de pessoas” em toda a sua globalidade, assim, o quilombo Fazenda Cangula representa um grupo de pessoas que tem uma forma de viver a ser entendida, de forma a facilitar a elaboração de estratégias de aproximação com empreendedores, políticos, pesquisadores e críticos culturais visando promover a integração social, comercial e cultural desta comunidade como fazendo parte efetivamente da comunidade de Alagoinhas e, assim, possibilitar maior qualidade de vida com empregos, empreendimentos rurais, entretenimentos e melhorias nos diversos intercâmbios e construção do quilombo do terceiro milênio sem se desfazer das suas tradições nem das suas terras e parcerias.

## Por que abordar este tema em Crítica Cultural?

Antes de continuar, acredito que seja pertinente apresentar o meu entendimento de crítica cultural.

A teoria crítica, sob o ponto de vista da história de ideias, tem a ver com a Escola de Frankfurt e a sua presença institucional no Instituto de Pesquisa Social, fundado em 1923, na Alemanha. Em 1930, Max Horkheimer e outros intelectuais, dentre os quais Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, procuraram justificar a importância de um olhar crítico sobre as teorias tradicionais com o esclarecimento das grandes transformações da primeira metade do século XX, tais como a falha das revoluções do proletariado no Ocidente depois da Primeira Guerra Mundial, a passagem do capitalismo liberal à era dos monopólios e o surgimento da cultura de massa. A tradição do idealismo alemão de Kant e Hegel pode ser considerada como fonte de criação da teoria crítica.

Em 1931, no seu discurso inaugural como responsável pelo Instituto de Pesquisa Social, Horkheimer apresenta um programa inicial da teoria crítica enfrentando a teoria tradicional, pois, para ele, a especialização no campo científico, a ideologia da competência e a cultura da perícia, como consequência dos dois primeiros, favorece ainda mais a divisão do trabalho que prevalece na esfera socioeconômica. Por isto, o seu plano é considerado como uma resposta à teoria tradicional. Ele propõe começar com a realização de um programa de pesquisas interdisciplinares com uma filosofia social e uma teoria crítica da sociedade inspiradas por Marx, que exige, em primeiro lugar, uma análise econômica da fase adiantada do capitalismo; em segundo lugar, uma pesquisa sobre a integração sociopsicológica dos indivíduos, principalmente através da família nuclear burguesa e seu declínio; e, finalmente, estudos sobre a cultura e arte. Estas etapas, segundo Horkheimer (1978), permitiriam relacionar um grupo social com uma época e com alguns países, o seu papel no processo econômico, a transformação da estrutura psíquica de seus membros particulares e as ideias e as instituições que agissem sobre esta estrutura psíquica considerada como um conjunto na totalidade da sociedade e que são produzidos por elas.

A crítica cultural nos leva a ter um olhar diferente sobre o projeto da modernidade em três aspectos: *histórico* (séc. XVI) – dominado pela religião e produzindo um escrito que vai representar o outro sem levar em conta que este outro tem a sua língua, a sua religião; *filosófico* (séc. XVIII) – em que a razão entra no lugar da fé – nascimento das ciências, artes e

corte; e *estético* (séc. XIX) – quando, na arte, vale mais o significante do que o significado: romantismo, história da colonização, domínio de uma linguagem.<sup>7</sup>

O olhar crítico significa uma análise a partir das próprias interpretações. O olhar contemporâneo torna possível a multiplicidade, a coexistência do tempo e espaço e não uma prática linear da modernidade, segundo Gilles Deleuze ([1972], 2006), perspectiva esta que me permitiu analisar a comunidade do Cangula como sendo uma das multiplicidades étnicas dos remanescentes quilombolas e perceber que, além de serem descendentes dos africanos que foram trazidos como escravos para as Américas, eles(as) representam várias outras coisas. Suas personalidades e modos de vidas os/as acompanham durante as suas múltiplas trajetórias, coexistindo no tempo e no espaço com as culturas da mandioca, as casas de farinha e com as danças exóticas exibidas nos momentos de alegria ou de tristeza, a exemplo da capoeira e do samba de roda, permitindo-me, assim, observar e interpretar o seu modo de vida sob a visão da crítica cultural.

Entendo a crítica cultural, portanto, como sendo uma das multiplicidades da forma de pensar. Sobre multiplicidade, Deleuze ([1972], 2006)<sup>8</sup>, falando sobre dualismo, monismo e multiplicidades e relacionando desejo–prazer–gozo, explica que Foucault teria dito, em arqueologia do saber, coisas bem profundas sobre enunciados que podem ter a ver com várias áreas ao mesmo tempo, ou não, e, então, traz o exemplo de uma cidade grega onde enunciados de um novo tipo tinham surgido dentro de relações temporais atribuíveis em muitas áreas. Podiam ser enunciados sobre amor, sobre casamento, sobre guerra, mas há um tipo de parentesco ou de comunidade entre os enunciados. No decorrer da aula, explica que a supressão da oposição entre o um e o múltiplo acontece a partir do momento em que um e múltiplo param de ser adjetivos para dar lugar ao substantivo multiplicidade. Isto quer dizer que, quando o substantivo multiplicidade pega o lugar do um, do múltiplo, neste momento, um e múltiplo perdem, absolutamente, todo o sentido, ao mesmo tempo em que o sujeito da enunciação é sujeito do enunciado.

Segundo Deleuze ([1972] 2006), em havendo multiplicidades isto implica, evidentemente, uma teoria e uma prática de multiplicidades. Este argumento demonstra uma forma de pensar que é diferente do pensamento linear da modernidade, o que me leva a acreditar que as multiplicidades existentes nas narrativas dos membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula permitirão o meu entendimento quanto ao seu

<sup>7</sup> Anotações da aula de Metodologia de Pesquisa em Crítica Cultural ministrada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira, em 3 de abril de 2012.

<sup>8</sup> Aula gravada. Disponível em: [http://www.webdeleuze.com/php/liste\\_texte.php?groupe=Spinoza](http://www.webdeleuze.com/php/liste_texte.php?groupe=Spinoza).

modo de vida e à(s) política(s) organizacional(ais) de subsistência, antes e depois do reconhecimento como remanescentes de quilombos.

O desenvolvimento deste trabalho dissertativo está dividido em três capítulos e é finalizado com algumas considerações e os resultados da pesquisa realizada.

O Capítulo 1, “Organização social e subsistência”, vai acolher algumas teorias que permitiram o nosso entendimento sobre o tema escolhido. Este capítulo é dividido em três subtítulos que são: “A organização social”, “A subsistência” e “De Palmares à Fazenda Cangula”. No terceiro título, é apresentada uma revisão de literatura sobre o conceito de quilombo assim como algumas discussões sobre os quilombos do Brasil, da Bahia e de Alagoinhas.

O Capítulo 2, “A Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula e sua organização”, contém informações sobre a comunidade, que se distingue através desta Associação, que é o nosso objeto de pesquisa.

O Capítulo 3, “A expressão identitária nas narrativas dos moradores do Cangula”, se debruça sobre as narrativas, no sentido de definir melhor a visão de mundo, a autoidentificação, os valores e outros aspectos observados durante a pesquisa de campo.

Por fim, as “Considerações Finais” contém os resultados e efeitos provocados pela pesquisa já encerrada.

# 1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SUBSISTÊNCIA NOS QUILOMBOS

A solidariedade entre os pretos, na doença e na morte, seguramente preservou-os do aniquilamento e predestinou-os à existência coletiva (BANDEIRA, 1988, p. 99).

Neste primeiro capítulo, procuro estabelecer um conceito para a organização social e a subsistência na comunidade do Cangula. Para isto, acredito ser necessário explicar, que, baseada no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1989), entendo por “organização” a forma pela qual qualquer ser vivo é organizado; “constituição moral ou intelectual”; conjunto de sistemas “de cooperação humana para a produção e a troca de bens econômicos”; um sistema de relações entre os membros de um grupo ou entre os grupos de uma sociedade “[...] que envolvem relações e compensações recíprocas”. Pelo mesmo embasamento, entendo por “social” o que é “relativo à sociedade”, uma forma de pertencimento, assim, o social para a minha pesquisa seria o modo de vida comunitário. Com relação ao termo subsistência, o mesmo dicionário o define como “permanência; continuação; estabilidade das coisas”; o “conjunto dos meios para a vida e despesas de cada um”; “alimentos, manutenção e sustentação”. Estas foram as ideias que atraíram a minha curiosidade quanto a estudar o modo de vida da comunidade do Cangula.

Como explicado na Introdução, este capítulo está dividido em três títulos que são: “A organização social”; “A subsistência”; e “De Palmares à Fazenda Cangula”. O terceiro subtítulo apresenta uma revisão de literatura sobre o conceito de quilombo assim como algumas discussões sobre os quilombos do Brasil, da Bahia e de Alagoinhas.

## 1.1 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

De fato, a organização social foi definida por vários autores e de maneiras diferentes, dependendo das diversas situações e das preocupações das épocas e lugares em que estes se encontravam ou se encontram. Neste elenco de autores, é imprescindível citar alguns como Emile Durkheim (1858–1917), sociólogo francês, considerado o fundador da sociologia moderna, formado na escola do Positivismo, que define a especificidade do fato social, o que quer dizer a independência do grupo em relação ao ser humano, como não redutível à soma das características e comportamentos individuais os quais podiam, a este título, impor constrangimentos ao indivíduo. Para encontrar soluções para as preocupações da sua época e baseado na sua cultura, Durkheim transformou sua tese no livro *De la division du*

*travail social* (1893) – *Da divisão do trabalho social* – no qual define uma tipologia real da vida em sociedade, que seria construída a partir de dois tipos possíveis, a solidariedade mecânica, que se caracteriza pelo fato de que os indivíduos se imitam uns aos outros se conformando a uma sociedade que os transcende, e a solidariedade orgânica, que se define pela fusão de indivíduos e da sociedade no quadro de uma verdadeira divisão do trabalho.

Suas preocupações são aquelas de um sociólogo europeu pertencente a uma época onde se observava mudanças de comportamentos humanos, ou seja, em uma sociedade individualista como a da Europa, o surgimento de alguma solidariedade entre as pessoas. Este fato me leva a observar que estas solidariedades descritas por Durkheim são específicas para sua época e cultura local. Sabendo-se que a cultura europeia é individualista, é compreensível que alguém possa ter inquietações ao perceber alguma mudança no sentido de união ou solidariedade entre as pessoas. Talvez em uma sociedade de cultura comunitária, o contrário é que teria provocado inquietações e curiosidade.

Também, o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936) se preocupou com o desenvolvimento da questão social (1907), com o costume (1908). A maior parte da sua doutrina está no livro *Comunidade e sociedade* e suas ideias principais são reproduzidas em *Introdução à Sociologia*; assim, pode-se dizer que a obra de Tönnies inteira é a construção das noções fundamentais da sociologia pura.

Esses autores clássicos estudaram as sociedades e cunharam alguns conceitos de organização social baseados na época e, sobretudo, na cultural local. Já a comunidade do Cangula é remanescente quilombola, ou seja, descendente dos africanos trazidos como escravos para o Brasil, e considerando que a cultura africana é baseada em uma comunidade onde a oralidade permite a comunicação humana e, conseqüentemente, a solidariedade, suas motivações são bem diferentes daquelas de uma sociedade individualista como a Europa. Mas encontrei em Jean Cuisenier (1971) uma definição clara do conceito de organização social. Segundo este autor, a sociedade humana funciona não como uma máquina ou um autômato composto de peças mecânicas, mas como um corpo organizado ou como uma “organização”.

Para Cuisenier (1971): “a organização social deve ser entendida [...] como um agenciamento determinado do sistema social em subsistemas, que manifesta as afinidades estruturais maiores ou menores existentes entre esses subsistemas”<sup>9</sup>. Assim, vê a organização

---

<sup>9</sup> Tradução livre do original: “*L’organisation sociale est à comprendre [...] comme un agencement déterminé du système social en sous-systèmes, qui manifeste les affinités structurales plus ou moins grandes existant entre ces sous-systèmes*”.

social como um arranjo determinado de um sistema social em subsistemas que manifesta afinidades estruturais mais ou menos existentes entre eles.

Depois de uma introdução ao tema geral da organização social, Cuisenier (1971) apresenta os seus princípios como sendo baseados nas duas formas de solidariedade, contemplando os conceitos de Durkheim e de Tönnies. A primeira forma, chamada de “mecânica”, em Durkheim (1999), ou de “*gemeinschaft*”<sup>10</sup>, em Tönnies, é uma solidariedade por similitude. Quando esta predomina em uma sociedade, os diferentes indivíduos sentem e satisfazem as mesmas necessidades básicas, possuem os mesmos valores e veneram o mesmo mundo sagrado. Tönnies (1977) diria que, neste tipo de sociedade, a comunicação é interpessoal, a especialização não é excessiva e nela reina a ordem social. A segunda forma, denominada de “orgânica”, por Durkheim, ou “*gesellschaft*”<sup>11</sup>, por Tönnies, é aquela na qual os indivíduos não são semelhantes, mas diferentes, preenchem cada um uma função própria e são como órgãos de um ser vivo, igualmente necessários ao funcionamento da totalidade. Tönnies diria que, neste tipo de sociedade, a comunicação é artificial, a especialização é excessiva e nela reina a desordem social.

Observei essas duas formas de solidariedade na comunidade do Cangula sendo a primeira herdada de suas raízes africanas e a segunda adquirida pela necessidade de subsistência.

Além das duas formas de solidariedade, Cuisenier (1971) introduz um novo conceito não tratado pelos autores anteriores, ou seja, o conceito de “relacionamentos de oposição” que se dão entre os níveis da organização social apresentada pela família nuclear, as formas compostas da família, os grupos de consanguinidade e os grupos fundados sobre a estratificação da sociedade global. Por fim, ele acrescenta uma análise do funcionamento da organização social começando pela organização familiar e terminando pela organização em outros níveis.

Diversos outros teóricos discutem a organização social e política. Michel Crozier e Erhard Friedberg (1977, p. 471), no seu livro *L'acteur et le système – O ator e o sistema* –, definem a organização social como sendo um manual não de sociologia das organizações, mas de sociologia da ação organizada. Este método, segundo eles, é baseado na análise

<sup>10</sup> “Gemeinschaft. *Sf* -en. 1 comunidade, coletividade, associação, companhia. 2 união, comunhão. Europäische Gemeinschaft Comunidade Europeia. Europäische Gemeinschaft Comunidade Europeia”. (MICHAELIS. Moderno Dicionário de Alemão online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/escolar/alemao/index.php>>).

<sup>11</sup> “Gesellschaft. *Sf*, -en. 1 sociedade. 2 companhia. 3 festa social. geschlossene Gesellschaft reunião íntima. Gesellschaft leisten fazer companhia. Gesellschaft mit beschränkter Haftung (GmbH) sociedade limitada”. (Id. *ibid.*).

estratégica e se posiciona no plano das relações de poder entre os atores e as regras que governam suas interações são chamadas de “jogos”. Aqui, a organização é considerada como o reino das relações de poder, de influência, das trocas e do cálculo. Para estes autores, a organização seria como uma construção humana que não tem sentido fora dos relacionamentos de seus membros (CROZIER; FRIEDBERG, 1977, p. 50).

Quando Cuisenier (1971) fala de “relacionamentos de oposição”, posso entender que este tipo de relacionamento é regido pelo poder, definido por Crozier e Friedberg (1977, p. 286) como uma relação estruturante caracterizada pelo desequilíbrio de uma relação que é recíproca e pela possibilidade de certos indivíduos ou grupos agirem sobre os outros indivíduos ou grupos. Isto significa que os que têm poder agirão sempre sobre outros indivíduos que se pode chamar de subalternos. Para os autores, não se apresenta chance alguma, dentro da ação organizada, de acontecer uma relação sem definição de poder. Chamam, ainda, de “sistema de ação concreta” (1977, p. 82), um conjunto humano estruturado que coordena as ações de seus participantes pelos mecanismos de jogos estáveis que mantêm sua estrutura, o que quer dizer que a estabilidade destes jogos e os relacionamentos entre eles são mantidos pelos mecanismos de regulação que constituem outros jogos. Em outros termos, a estabilidade dos jogos depende de outros jogos.

Observando a comunidade do Cangula, entendo que, quando os autores explicam o sistema de ação concreta, os mecanismos de jogos seriam as terras, a estabilidade destes jogos, os núcleos familiares e os mecanismos de regulação seriam as sequências de tarefas executadas visando o bem-estar familiar e, conseqüentemente, da comunidade. A entrevistada n. 2 “Maria”, que possui um dos três sobrenomes prevalecentes na região, cuida da estabilidade da família, por ser a matriarca, e coordena as tarefas da casa e da lavoura o que faz com que exerça um tipo de poder nas decisões da família nuclear, do clã e da própria comunidade.

A respeito de poder, Friedberg (1995), no livro *O poder e a regra*, aborda temas como as ligações entre o poder e o estabelecimento de regras, a análise do fenômeno organização na sua generalidade e na sua própria organização dinâmica, a estruturação e reestruturação dos contextos em que se desenvolve a ação coletiva dos homens, introduzindo uma reflexão mais geral sobre a coordenação da ação e sobre a natureza da ordem social.

Por sua vez, Raymond Firth (1973, p. 36-37) afirma que a estrutura social serve para compreender o comportamento social dos homens. As relações sociais são importantes para o comportamento dos membros da sociedade que constituem a essência do conceito de estrutura. De outra forma, este autor confirma o argumento de Crozier e Friedberg (1977)

quando afirma que cada ação social pode ser pensada como tendo uma ou mais funções sociais e que a função social pode ser definida como sendo a relação entre uma ação social e o sistema do qual a ação social faz parte. Este é também o ponto de vista de Evans-Pritchard (1993, p. 201), que estudou uma tribo africana chamada Nuer, e afirma que, para eles, o relacionamento existente entre qualquer membro de uma linhagem familiar e outro membro dela é traçado em termos genealógicos, conseqüentemente, o relacionamento existe também entre ele e outros membros de outras linhagens do mesmo clã.

Vale dizer, portanto, que a teoria de Evans-Pritchard constitui uma abordagem teórica adequada para a presente pesquisa, na medida em que uma das minhas hipóteses é que a organização social da comunidade de Cangula obedece à teoria da filiação e da fixação territorial, sobretudo quando o autor enfatiza que as relações sociais dos Nuer são influenciadas por limitações ecológicas e que o sistema social é um sistema dentro do sistema ecológico e dependente dele, mas, existindo, em parte, por direito próprio.

O meio ambiente, o modo de subsistência, comunicações pobres, tecnologia simples e escassos suprimentos de comida – com efeito, tudo que chamamos de sua ecologia – explicam até certo ponto os aspectos demográficos da segmentação política Nuer, mas a tendência para a segmentação deve ser definida como um princípio fundamental de sua estrutura social. [...] (EVANS-PRITCHARD, 1993, p. 159).

Acrescentando, ainda, que:

As tribos Nuer constituem uma avaliação na distribuição territorial e que o valor tribal é relativo, porque, a qualquer momento, ele está vinculado a uma determinada extensão de uma série em expansão de relações estruturais, sem estar inevitavelmente fixado a essa extensão. Ao mesmo tempo, ele afirma que o valor tribal determina o comportamento num campo definido e restrito de relações sociais. Ele constitui apenas um dentre uma série de valores políticos e alguns estão em conflito com ele (1933, p. 159).

Considerando a organização social e a subsistência, o nosso imaginário é transportado para o modo de subsistência e das instituições políticas dos Nuer, na descrição da maneira pela qual um povo africano obtém sua subsistência e organiza suas instituições políticas, começando pela situação geográfica do espaço usado por este povo. O autor também descreve a formação física dos Nuer e assemelha a sua cultura à dos Dinka, um outro povo com o qual eles formam uma subdivisão do grupo nilótico que ocupa uma área de cultura da África Oriental (EVANS-PRITCHARD, 1993, p. 7).

Para a organização social dos Nuer, a linhagem, o clã e a tribo são variáveis importantes na identificação do povo e no sistema político. Sobre segmento tribal, Evans-Pritchard explica:

Quanto menor o segmento tribal, mais compacto é seu território, mais contíguos estão seus membros, mais variados e íntimos são seus laços sociais genéricos, e mais forte, portanto, é seu sentimento de unidade [...] A coesão política, em consequência, não varia somente com as variações da distância política, mas é também uma função da distância estrutural de outros tipos (1993, p. 154).

No caso do Brasil, acredito que é impossível se falar da organização social sem considerar “raça” entre as variáveis de identificação. Mas, como a comunidade pesquisada se declara negra e descendente de africanos, a variável “raça” não consta como fator de identificação, pois toda a comunidade é negra. A propósito, em *Racismo à brasileira*, Edward Telles (2003) descreve, historicamente, a relação social no Brasil onde se observa uma mistura racial e, ao mesmo tempo, uma exclusão. Ele considera a exclusão como sendo a antítese da miscigenação, porque os conceitos de mistura racial da América Latina sustentam que negros, indígenas e brancos se socializam, moram juntos e se misturam biologicamente. Partindo desta afirmação, expressa várias preocupações quanto à coexistência entre esta percepção de inclusão racial e a exclusão social. Para ele, aí está o enigma das relações raciais no Brasil. Os capítulos cinco e seis relativos ao tema “racismo à brasileira” contêm uma investigação das dimensões horizontais nas relações raciais que remetem diretamente ao conceito de miscigenação. No Brasil, fala-se dos movimentos sociais tais como o movimento negro, os quilombos e as comunidades indígenas.

Se, para os Nuer, a relação social é agradável a partir do momento em que se é proprietário de vacas, no Brasil, esta relação é muito complicada porque há várias formas de identificação do povo. No caso do Cangula, podemos dizer que a relação social é agradável a partir do momento em que se é herdeiro(a) de terra. Observamos que o segmento tribal Nuer de que fala Evans-Pritchard (1993, p. 154) pode ser comparado, no Cangula, à presença de três famílias que são originárias da terra e reagrupadas geograficamente possuindo a mesma origem de subsistência. Na carta endereçada à Fundação Cultural Palmares para reconhecimento de pertença da comunidade do Cangula (2005), pode-se ler o seguinte: “A história de Cangula está também ligada à presença de três famílias de diferentes nomes: a Família Carvalho, a Família Paixão e a Família Jesus, sobrenomes que prevalecem na região”.

De modo prático, comparando os conceitos teóricos de organização social e a realidade pesquisada na comunidade de Cangula, observei que o sistema social seria o modo de vida da comunidade, os subsistemas seriam os núcleos familiares e a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula seria a agenciadora das afinidades estruturais existentes entre os núcleos familiares e entre os indivíduos que ocupam o espaço chamado Cangula.

Ao procurar saber o significado de “Cangula”, algumas pessoas da comunidade explicaram que a ocupação do território aconteceu quando os seus antepassados, que eram escravos fugitivos da Fazenda Oiteiro, se instalaram naquele espaço, que tinha ao seu redor uma grande quantidade de uma planta espinhosa chamada “cangula” (Foto 1). A estratégia era usar esta planta como proteção para os/as fugitivos(as) impedindo ou complicando a sua captura pelos capatazes da Fazenda Oiteiro. Atualmente em extinção, ela é encontrada raramente e pouca gente da comunidade sabe identificá-la na vegetação.

Foto 1 – Planta Cangula<sup>12</sup>



Durante a minha pesquisa de campo, observei que o jogo de poder estava centrado no núcleo familiar baseado no pertencimento às famílias Paixão, Jesus ou Carvalho. Estas três famílias estão aglomeradas em partes geográficas que deixam a impressão de uma terra dividida em três partes, no caso, as três famílias. Na beira da pista, que é a rodovia estadual que vai para o distrito de Boa União, fica aglomerada a família Carvalho e, logo depois, a

---

<sup>12</sup> Todas as fotos apresentadas neste trabalho foram realizadas pela autora.

família Jesus. A família Paixão ocupa terras que se estendem pelas ladeiras do Cangula. Bem em cima, encontramos, então, a família Santos, que ocupa um grande terreno que se estende até o quilombo do Oiteiro. As três primeiras famílias são mencionadas na carta de autorreconhecimento enviada à Fundação Cultura Palmares, em 2005, como remanescentes quilombolas. Já a família Santos foi se revelando no decorrer da pesquisa, pois, além de ocupar a parte de cima da ladeira, cujo acesso é muito difícil, este sobrenome se encontra misturado por laços de matrimônio com as famílias Paixão, Carvalho e Jesus.

Citamos aqui o exemplo da genealogia de uma das primeiras entrevistadas: o patriarca de sobrenome Jesus se casou com a matriarca de sobrenome Santos, que chegara ao Cangula, aos quatro anos de idade, com seus pais adotivos, vindos de Araçás, um município vizinho de Alagoinhas. Logo, posso deduzir que os Santos não são do Cangula e, por isto, este sobrenome não foi mencionado como família prevalecente na região, mas foi encontrado em vários núcleos familiares além do espaço geográfico descrito acima.

A comunidade do Cangula é baseada na cultura oral, logo, a comunicação interpessoal conduz o modo de vida, porém, percebi, durante o estudo de campo, que, por motivos de subsistência material, existe um certo afastamento entre as pessoas devido à necessidade de procurar um meio de se sustentar o que os leva a trabalhar, na maioria das vezes, fora da comunidade e, ao mesmo tempo, nas próprias lavouras. Isto ocorre mais frequente nos períodos de seca quando não há muita safra. As mulheres deixam a comunidade para trabalhar nas casas de família e os homens para prestar serviços de construção ou de jardinagem em Alagoinhas ou nas cidades vizinhas. Na época da boa safra, as famílias levam seus produtos nas feiras para vender. Antigamente, isto bastava para a sustentação da família, mas hoje, com a concorrência dos supermercados, os produtos agrícolas não são vendidos no mesmo dia, e é preciso voltar vários dias da semana para poder vender e, assim, conseguir, ou não, suprir as necessidades da família.

Observei, então, que o fato de a comunidade sair para prestar serviços fora dela cria um afastamento entre as pessoas, pois quando toda a comunidade trabalhava só nas lavouras ou na fabricação do carvão, as tarefas eram executadas dentro da própria comunidade e facilitavam a comunicação interpessoal. Atualmente, o modo de vida dos membros da comunidade que trabalham na cidade é dificultado por vários obstáculos como, por exemplo, o transporte. Há um ônibus circular que passa pela Cangula, a cada duas horas, até as 17:00h e alguns transportes alternativos, que circulam de hora em hora, das 6:00 às 18:00h. Estes meios de transporte não entram na comunidade: eles param nas três entradas da comunidade antes de continuar para o distrito de Boa União e, em seguida, voltar para

Alagoínhas. Quando descem do transporte, as pessoas se dirigem às suas residências, às vezes muito distantes da rodovia, que eles costumam chamar de pista. A Foto 2 foi tirada do meu celular, no dia 5 de dezembro de 2012, enquanto eu esperava o ônibus de volta para Alagoínhas. Ela mostra três pessoas da comunidade que acabam de descer do transporte alternativo e que se dirigem para suas residências depois de um longo dia de trabalho em Alagoínhas.

Como demonstra a Foto 2, a volta para casa é cansativa para as pessoas do Cangula e este trajeto é percorrido de segunda a sexta-feira para satisfazer as necessidades de subsistência material dos núcleos familiares. Percebi que, quando a pessoa chega à sua residência, depois de andar um ou muito mais quilômetros a pé, ela se alimenta e descansa, não tendo nenhuma disposição de se comunicar com o vizinho ou com outros membros da comunidade. Neste contexto, observei, também, a falta de diálogo entre os membros do núcleo familiar e, neste caso, o vilão desta falta de comunicação é a televisão. Quando a casa tem televisão, os membros do núcleo familiar estão mais ligados nas telenovelas do que nos relatos da safra ou do rendimento da jornada trabalhada. Tampouco os pais têm tempo de contar histórias para suas crianças ou verificar seus deveres de casa. Assim, o conforto da televisão afastou muito a comunicação interpessoal na comunidade do Cangula.

Foto 2 – A caminho de casa, vindo da “pista”



Foto 3 – Uma das sete igrejas pentecostais instaladas na comunidade



As famílias, assim como as pessoas da comunidade, dificilmente têm tempo de se reunir. As famílias ou alguns membros delas ocupam seus finais de semana com atividades das religiões ocidentais, as igrejas católica e pentecostais (Foto 3) e organizações tais como Testemunhas de Jeová ou Seicho-no-ie.

As igrejas ocidentais influenciam na mudança de modo de vida de solidariedade baseado na comunicação interpessoal pelo fato de que suas doutrinas impedem os fiéis de praticarem os ritos africanos herdados de seus antepassados. Até mesmo os familiares, se comunicam mais com os correligionários do que com os outros membros da comunidade ou da família entre os quais o intercâmbio é baseado somente nos problemas que não envolvem suas práticas religiosas ou sua fé.

As religiões ocidentais têm um grande poder na comunidade pelo fato de que os governos Federal, Estadual e Municipal não dedicam a devida atenção, no caso específico das comunidades quilombolas de Alagoinhas. No Cangula, antes da instalação, pelo governo municipal, de certas ações afirmativas, tais como visitas da agente comunitária e o Programa Bolsa Família, as pessoas eram abandonadas a si mesmas e as organizações religiosas ocidentais interferiram para ajudar e assim conquistar os fiéis dentro da comunidade. Como já foi mencionado acima, na minha pesquisa de campo, observei que, dentro da comunidade, há sete igrejas pentecostais e duas igrejas católicas, além de ocorrerem várias visitas de representantes da Pastoral da Criança e das Testemunhas de Jeová. As pessoas que frequentam a religião de matriz africana são poucas ou não se declaram e costumam frequentá-la em outras comunidades. Este fato só aumenta o afastamento das famílias como subsistemas.

Percebi, também, que a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula (Fotos 4 e 5) é o único espaço onde os membros da comunidade, independentemente das religiões que frequentam, podem se encontrar para discutir temas que têm a ver com a sua comunidade e o relacionamento entre si mesmos e com as outras pessoas ou entidades.

As reuniões da Associação acontecem na segunda semana de cada mês, no dia de segunda-feira, entre 16:00 e 18:00h, para permitir que todos os membros possam participar, mas, pelos motivos anteriormente explicados, dificilmente as pessoas que trabalham fora da comunidade conseguem chegar a tempo nas reuniões. A comunidade estava estudando a possibilidade de transferir o horário das reuniões para a noite. Falarei mais sobre a Associação Comunitária, no segundo capítulo desta dissertação.

Foto 4 – Parte lateral da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula



Foto 5 – Parte interna da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula



Voltando à questão do poder, observei que os núcleos familiares representam, na maioria das vezes, uma mistura dos quatro sobrenomes citados e, facilmente, a decisão fica democrática, pois os quatro sobrenomes têm o poder baseado na posse das terras. Mas, quando pergunto a “Maria 2” quem manda na casa?, a resposta é:

– *Deus primeiramente e Eu e eu... Não tem outro para mandar, os filhos são outros* (Entrevista concedida em 5 de dezembro 2012).

O rumo da pesquisa mudou, a partir do momento em que percebi que o sobrenome “Santos” tem uma representatividade significativa, apesar de seus antepassados terem vindo de outros locais. Partindo deste fato, acrescentei às variáveis, a linhagem familiar que foi importante para a identificação do povo e do seu poder no sistema político do Cangula.

Para definir a organização social na comunidade do Cangula, considerando o conceito de Cuisenier (1971), diria que esta é um agenciamento da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula, um sistema social formado por núcleos familiares manifestando as afinidades das formas de subsistência existentes entre eles.

## 1.2 A SUBSISTÊNCIA

Seguindo a minha explicação no começo deste capítulo, o meu entendimento de subsistência é a permanência, a continuação, a estabilidade das coisas, o conjunto dos meios para a vida, os alimentos, a manutenção e a sustentação. (Enciclopédia Britânica do Brasil, 1989). Na comunidade do Cangula, percebi que estas formas de subsistência são interligadas e dependem do elemento “terra”. Por exemplo, a sua agricultura, na maior parte do tempo, é destinada apenas ao sustento das pessoas da família ou da comunidade. Lembro-me que durante a minha pesquisa de campo, os núcleos familiares visitados apresentavam com orgulho suas terras, suas lavouras, os fruteiros, as casas de farinha (Fotos 6 a 9).

A respeito das terras nas comunidades de remanescentes quilombolas, Valdério Santos Silva observou o seguinte:

Ao contrário da compreensão mercantil capitalista, que considera a propriedade da terra um bem de troca e um fator de produção, as comunidades de quilombos veem a terra como espaços de construção social onde diferentes elementos aparentemente dissociados são articulados e diferentes significados atribuídos no seu uso cotidiano, por exemplo: como meio para se garantir a sobrevivência física; espaço para as práticas religiosas, as brincadeiras e as formas de entretenimento; local de reconstrução e preservação dos legados ancestrais, dos bens culturais e dos feitos históricos do grupo. A terra, compreendida com essa ampla dimensão, é um espaço simultaneamente sagrado e profano, de reprodução social e simbólica (2001, p. 72).

Assim, Silva (2001, p. 72) conclui que “ao não observar esta componente cultural típica dos quilombolas, pode-se comprometer uma intenção positiva de reconhecimento dos direitos sociais históricos dessas populações”.

Nesse sentido, observei que, no Ofício que a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula (Anexo C), em 2005, endereçou ao presidente da Fundação Cultural Palmares pedindo o reconhecimento de pertencimento da comunidade do Cangula como remanescentes dos quilombos, são citadas várias atividades efetuadas naquelas terras, atividades de reprodução social e simbólica, tais como as ladainhas de Nossa Senhora e Santo Antônio, sambas de roda e os mutirões com cantorias para o cultivo do fumo e da mandioca que fizeram parte do contexto cultural da comunidade. No dito Ofício, declara-se, também, que a manifestação da religiosidade é uma referência forte dentro da comunidade onde há uma presença marcante dos evangélicos, do catolicismo e a presença não menos importante do culto afrodescendente (candomblé).

Foto 6 – Comunidade Cangula: Abacateiro e bananeira – Alagoinhas-Ba



Foto 7 – Comunidade Cangula: a terra e as fruteiras



Foto 8 – Comunidade Cangula: Mangueira



Foto 9 – Comunidade Cangula: Casa da farinha



Como explicado anteriormente, no meu trabalho de campo (2012–2013), constatei, efetivamente, que a comunidade do Cangula tem uma presença marcante dos evangélicos e do catolicismo. Curiosamente, as pessoas que praticam ainda o candomblé ou que gostam de samba de roda costumam frequentar estas atividades na comunidade vizinha, a “Fazenda Oiteiro”, que é uma das quatro comunidades quilombolas de Alagoinhas. Nesta, pouca gente continua cultivando o fumo, mas o plantio da mandioca é bem mais significativo e ver o plantio de mandioca na comunidade, me fez pensar nas comunidades rurais da República Democrática do Congo (RDC), meu país, onde os plantios da mandioca, da batata doce, da abóbora são elementos primordiais de subsistência, pois, destes, o aproveitamento é total para a consumação familiar e para a venda nas feiras das cidades grandes. Na minha terra, as folhas comestíveis são vendidas em quantidades medidas pela mão, como é vendido, aqui no Brasil, o “cheiro verde”. Os custos destas folhas variam, dependendo da época: no período de seca, por exemplo, a folha da mandioca tem custo elevado, pois, sem chuva, a folha é escassa. Mas, as folhas de abóbora e de batata doce têm um custo/renda não muito significativo nos lares rurais e urbanos pela simples razão de poderem ser plantadas em quintais de casas com facilidade e em qualquer momento climático.

Na comunidade do Cangula, não se consome folhas de batata doce nem de abóbora. Sobre a folha da mandioca, algumas mulheres explicaram que, durante muito tempo, elas faziam um prato chamado “maniçoba” para consumação e venda na feira de Alagoinhas. Este prato é muito consumido no Estado do Pará, mas Alagoinhas tinha alguns consumidores que compravam a folha já tratada pelas mulheres do Cangula. Atualmente, não está tendo procura da maniçoba e, por isto, a folha da mandioca é dispensada e o povo só consome a mandioca, que é chamada de “aipim”, na Bahia, e “macaxeira”, em Pernambuco. O tratamento da folha da mandioca para a maniçoba se realiza uma semana antes de ser consumida (a folha da mandioca possui o ácido cianídrico que é venenoso), mas, na RDC, esta folha chamada de “pondu”, nas línguas kikongo e lingala, ou “sombe”, na língua swahili, é tratada em menos de uma hora e é considerada comida principal em várias famílias sendo ela um alimento rico em proteína e várias vitaminas. Esta diferença cultural me incentivou a propor um almoço de confraternização entre as culinárias africanas e as culinárias do Cangula. Este almoço aconteceu no dia 10 dezembro de 2012 e, nesta oportunidade, eu ensinei como se trata e cozinha a folha da mandioca no meu país.

A confraternização foi uma estratégia para favorecer a minha aproximação como pesquisadora para, assim, permitir que os núcleos familiares viessem a me receber e conceder as entrevistas, lembrando que a comunidade do Cangula é muito fechada e não queria mais

receber pesquisadores nem políticos pelo fato de não receber nenhum retorno da parte deles. Então, eu tinha de criar alguma confiança e demonstrar que a minha participação visava o bem-estar da comunidade. A agente comunitária, que é uma das entrevistadas e uma pessoa respeitada dentro da comunidade, fez a proposta de que, em troca da pesquisa, eu pudesse incentivar os governos municipal, estadual e federal a dialogar com o povo do Cangula e, sobretudo, levar palestrantes para incentivar as mulheres a levarem seus/suas filhos(as) pequenos(as) para fazerem a triagem neonatal (teste do pezinho) que detecta precocemente doenças metabólicas, genéticas e infecciosas. O ideal é que este teste seja efetuado até o sétimo dia de vida da criança. Infelizmente, segundo a agente comunitária, as mulheres do Cangula não aceitam que suas crianças sejam furadas no pezinho logo depois do seu nascimento, pois, segundo elas, ninguém explicou o porquê deste exame.

A comunidade tem, também, um índice alto de anemia falciforme e pareceu interessante que eu conseguisse algum(a) palestrante que falasse sobre esta doença. Por isto, neste almoço, eu me comprometi a buscar possibilitar o diálogo entre o Cangula e os governos, federal, estadual e municipal, o que veio a acontecer em 15 de maio de 2013, em evento organizado por mim junto com a Secretaria Municipal de Cultura e a Câmara de Vereadores de Alagoinhas, o I Encontro dos Quilombos de Alagoinhas com os Governos Federal, Estadual e Municipal (Anexos J a N), ocasião em que convidei um palestrante que explanou sobre a anemia falciforme. Para permitir às comunidades dos quilombos de Alagoinhas e ao público interessado entender mais sobre a Fundação Cultural Palmares, convidei como moderador das discussões, o Sr. Carlos Moura, que foi o primeiro presidente da FCP. Criei uma página na Internet onde postarei os discursos e compromissos feitos durante o evento (Anexo O). Quanto ao “teste do pezinho”, nas minhas visitas ao Cangula, eu continuo incentivando as mulheres grávidas do Cangula a aceitar este teste, explicando os benefícios da cura quando se descobre uma doença precocemente.

Pensando na subsistência como permanência (EBB, 1989), percebi que a comunidade está ameaçada pela grande quantidade de plantio de eucaliptos ao seu redor. Uma das lutas da Associação é dar fim a esta invasão. O que ocorre é que algumas pessoas da comunidade, que não conseguem sobreviver de outras formas, acabam por vender uma parte ou todas as suas terras a indústrias ou fazendeiros com fins de plantios de eucaliptos. Este problema é frequente, mas a comunidade não conversa sobre isto, por ser um problema delicado e tratar-se de decisões para a subsistência de alguns núcleos familiares. Algumas pessoas acham, também, que, por falta de estrutura, Cangula não é lugar para um bom desenvolvimento e se sentem felizes quando um(a) dos(as) filhos(as) consegue sair da

comunidade para trabalhar e morar fora. Estas pessoas acreditam que há melhor qualidade de vida fora da comunidade e, por isto, o sonho delas é vender as terras para ir morar na cidade grande onde estarão perto de tudo. O perigo que isto pode trazer é que são as indústrias que querem comprar estas terras para o plantio de eucalipto o que, com certeza, acabará com a subsistência como “conjunto de meios para a vida”, “manutenção e sustentação” que, por sua vez, acabará com a subsistência como “continuação” e “estabilidade das coisas”.

Ao contrário do grupo que pensa em sair da comunidade, observei que a maioria da comunidade se sente feliz por estar nas suas terras e se sentirá ainda mais realizada quando receber as titulações pelo INCRA. Há, também, pessoas que são familiares distantes dos clãs Carvalho, Jesus, Paixão e Santos, que estão comprando as terras no Cangula para assim voltarem a ter uma vida melhor.

Voltarei a falar mais sobre o modo de subsistência na comunidade Cangula no segundo capítulo, onde falarei da organização da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula.

### 1.3 DE PALMARES À FAZENDA CANGULA

Como já foi esclarecido na Introdução, irei, neste espaço, apresentar o desenvolvimento de estudos sobre quilombo, as abordagens que o caracterizam e, por fim, apresentar o que a minha pesquisa acrescenta a estes estudos sobre a história das comunidades afrodescendentes/afro-brasileiras.

Antes de tratar sobre a comunidade nomeada “quilombo” no Brasil, recorri a José Jorge de Carvalho (1995, p. 13), em *O quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições, lutas*, que trata sobre a experiência histórica dos quilombos nas Américas e no Brasil, argumenta sobre os escravos libertados nas várias regiões do mundo afro-americano e situa a luta do negro brasileiro durante o regime escravista e na época em que escreveu sobre a Comunidade do Rio das Rãs<sup>13</sup>, considerando o contexto de um movimento histórico mais amplo.

Para entendermos melhor a situação destas comunidades negras, Carvalho (1995, p. 13-14) explica que as comunidades que fugiram como resistência e que não foram capturadas pelas forças escravocratas receberam vários nomes. No Brasil, são nomeadas “quilombo ou mocambo”; na Colômbia e em Cuba, receberam a nomeação de *palenques*; na Venezuela, foram nomeadas de *cumbes*; no Haiti e nas ilhas do Caribe, são chamadas de

---

<sup>13</sup> A descrição desta comunidade localizada no Estado da Bahia será feita neste mesmo capítulo quando me debruçarei sobre os quilombos da Bahia.

*marron*; em diversas partes da América espanhola, os grupos ou comunidades negros(as) receberam a nomeação de *cimarrones*; na Jamaica, Suriname e sul dos Estados Unidos são chamados(as) de *maroons*. Revela, ainda, que a história do cativo negro se confunde com a história da rebelião contra o regime escravagista e que os dois movimentos moldaram o perfil ideológico, cultural e psicossocial de todos os países das Américas negras.

Este fato me ajudou a ter informações preliminares sobre o quilombo de Cangula, pois, sendo esta uma comunidade quilombola, entendo que ela construiu sua saga de lutas, com seus sucessos, fracassos, perseguições, retrações e atos de heroísmo, como os casos de Zumbi dos Palmares, no Brasil; François Makandal, no Haiti; Negro Kofi, na Jamaica; Domingo Bioho, na Colômbia; Taita Hermenegildo, em Cuba; e Negro Miguel, na Venezuela.

Carvalho (1995, p. 15) relata que a experiência mais extraordinária de quilombos, no Novo Mundo, aconteceu no Suriname, quando os negros lograram fugir massivamente das plantações, nas primeiras décadas do Século XVII, e, após mais de cem anos de duras guerras contra os exércitos escravistas, conseguiram assinar vários tratados de paz com o Estado holandês e se apossar, definitivamente, do vasto território da selva que conquistaram na sua resistência.

Este fato é, efetivamente, extraordinário porque os quilombos do Brasil continuam ainda lutando pela posse das terras conquistadas por seus antepassados, como é o caso da Comunidade do Cangula. Na mesma oportunidade, Carvalho (1995, p. 23) informa que o Haiti foi a primeira nação, em todo o mundo latino-americano e caribenho, a se tornar independente, em 1804, do poder colonial europeu. Justifica, também, que a história da sua independência está intrinsecamente ligada à história dos seus movimentos quilombolas, que têm como apelido *marronage*, e da religião vodu. Não consegui entender por que a religião vodu seria uma razão para a independência de um povo, mas o autor demonstra que as tradições afro-brasileiras e haitianas se tocam e que merecem uma pesquisa mais ampla.

O palenque mais famoso da Colômbia é o de San Basílio, a 70 km de Cartagena, fundado, também ao redor de 1600, por Benkos Bioho, e que resistiu heroicamente à assimilação branca escravista e pós-escravista até os dias de hoje (CARVALHO, 1995, p. 38).

Continuando o seu relato, Carvalho (1995, p. 46) procura mostrar conexões históricas entre outros países escravagistas e o Brasil e, após este percurso pela experiência quilombola nas Américas, passa a descrever o caso do Brasil voltando, assim, ao tema do livro: o Quilombo do Rio das Rãs. Mas, antes, ele lamenta o fato de que os homens do poder

no Brasil jamais assinaram tratados de paz com escravos libertados. A atitude da colônia portuguesa e, mesmo, a do Império, foi inflexível e impiedosa. O autor também informa que o Brasil é o único país afro-americano que ainda não resolveu, nem mesmo formalmente, a questão dos direitos territoriais das suas comunidades negras e que estas continuam usando a arma da invisibilidade para se proteger contra as injustiças, da mesma forma que o faziam há séculos (CARVALHO, 1995, p. 46).

Depois desta compreensão acerca dos diversos quilombos das Américas, passamos a procurar entender também o significado da palavra *quilombo*.

### 1.3.1 A Comunidade nomeada “*Quilombo*”

São descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosidade ao longo dos séculos.  
(FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES)

A palavra quilombo vem de “kilombo” ou “kalombo”, em língua *quimbundu*, falada em Angola e em uma parte da República Democrática do Congo. O primeiro significado é “casa” ou “esconderijo no mato”, onde se acoitavam os negros fugidos. O segundo significado é usado, em Alagoas, como “folgado”, também chamado “torre” ou “torém”, encenado durante o Natal entre grupos que figuram escravos fugidos e índios que lutam pela posse de uma rainha indígena, terminando a função com a derrota dos negros vendidos aos espectadores como escravos. A palavra “quilombola” significa escravo ou escrava refugiado(a) em quilombo, segundo o Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1989).

É interessante, neste momento, lembrar que Kabengele Munanga (1996, p. 58) escreveu sobre a origem e história do quilombo na África explicando que, embora a palavra quilombo ou kilombo seja de língua umbundu, seu conteúdo como instituição sociopolítica e militar vem de uma longa história que envolve regiões e povos africanos. Em seguida, afirma que a história do quilombo, como a dos povos bantu, envolveu os povos da Angola e da República Democrática do Congo e começa no império Luba, que fica no centro e sudeste da RDC, mais ou menos no fim do século XVI. A cultura oral conta que, no império luba, depois da morte de Kalala Ilunga Mbidi, houve um conflito de sucessão entre seus filhos. O perdedor do trono, Kimbinda Ilunga, partiu com seus seguidores para buscar um outro território. Com fome e sede, o grupo parou em uma aldeia Lunda para pedir água e alimentos. Lá, o Rei tinha acabado de morrer sendo substituído pela filha, Rweej, que se encantou com Kimbinda Ilunga

ao ponto de pedi-lo em casamento. O amor de Rweej por Kimbinda era tão grande que ela preferiu lhe passar o poder de governar, apesar de ele ser estrangeiro. Este fato causou um desentendimento entre a família da Rainha e, por causa disto, o príncipe Kinguli, seu irmão, saiu da aldeia com seus simpatizantes em direção a Angola. Mais tarde, o exército de Kinguli, com seus aliados jaga ou imbangala (uma comunidade africana), adotou o quilombo – que já pertencia como instituição aos jaga – e formou um exército mais poderoso constituído de bandos de guerreiros nômades conhecidos como imbangala. A palavra quilombo parecia indicar uma associação de homens, aberta a todos, sem distinção de filiação a qualquer linhagem. Dentro do quilombo, os membros eram submetidos a rituais de iniciação. Pode-se dizer, também, que o quilombo é uma instituição transcultural que recebeu contribuições das culturas lunda, imbangala, mbundu, kongo, wovimbundu, etc. (MUNANGA, 1996, p. 58-60).

O Prof. Dr. Kabengele Munanga é o primeiro antropólogo da República Democrática do Congo e vive no Brasil desde 1975, quando veio terminar o seu doutorado na Universidade de São Paulo. Professor aposentado desde novembro de 2012, ele sempre trabalhou pela causa da cultura negra e, sobretudo afro-brasileira. Os professores Pedro Jaime e Ari Lima publicaram uma entrevista que fizeram com o ilustre congolês justificando assim:

[...] esta entrevista é simultaneamente uma homenagem que lhe prestamos e uma maneira que encontramos de aprender um pouco mais com esse a quem consideramos um pesquisador negro e um antropólogo que as futuras gerações de cientistas sociais e de profissionais interessados nas questões socioculturais relacionadas à população afro-brasileiras devem sempre visitar (2013, p. 509).

Além desta justificativa, posso dizer que, no meu caso, lendo o texto de Kabengele (1996), voltei à minha infância, quando, ainda pequena, com sete ou oito anos, escutava as histórias de Kalala Ilunga Mbidi contadas pelos meus numerosos avós antes do adormecer<sup>14</sup>. Estes contos começavam sempre com uma pergunta que o contador fazia para nós: “Adisi njo / história é?” e tínhamos que responder juntos: “Njo adisi/ é história”. Nenhum dos velhos contadores tinha falado de Kimbinda Ilunga nem de Kinguli, mas, com doze anos, quando me levaram para a aldeia, na ocasião da minha iniciação, observei que nesta aldeia, que se chama “Kibanda” e que é a origem de minha avó paterna, falava-se duas línguas, o luba e o lunda. Durante a iniciação, foram apresentados os rituais de dança dos “Mbudié”, que é um ritual luba, e, também, dos “Bifwebe”, que é um ritual cokwe/lunda.

<sup>14</sup> Meus avós maternos são da comunidade Luba como a minha avó paterna também, mas meu avô é da Zâmbia.

Aprendi, também, nesta cerimônia de iniciação, que eu podia ter um casamento preferencial/desejado pela linhagem, casando-me com um luba, sanga, bamba, cokwe ou lunda. Eu nunca entendi porque as meninas luba podiam se casar com os cokwe ou lunda, que falam uma língua bem diferente do luba, sanga ou bamba. Também nunca procurei a resposta até que, já adulta e morando no Brasil, em 1989, voltei para o meu país. Antes da minha volta ao Brasil, fui me despedir do representante da minha família e nesta ocasião é que fiquei sabendo mais ou menos a história de Kimbinda Ilunga ancestral luba que provocou a união entre os lunda e os luba.

Como eu fiquei sabendo disso? Enquanto eu estava na cidade de Lubumbashi, fui convidada pelo meu pai, arcebispo, para participar de uma reunião importante onde iríamos receber uma comitiva que vinha da fronteira com Angola e que eram nossos familiares. Eu achei estranho e perguntei para o pai arcebispo como poderíamos ter parentesco com o pessoal daquela região que fala cokwe e lunda? Então, ele me contou a história de certo Ilunga que tinha se casado com a filha do rei lunda e que a comitiva que iríamos receber estaria acompanhando o rei atual de uma das comunidades que se dizem descendentes diretos da união lunda/luba. Confesso que eu não tinha entendido grande coisa além de ligar a presença dos lunda às comunidades de Mukulakulu e de Kibanda às quais eu pertencço e onde se fala as duas línguas. Na verdade, eu me interessei mais pelo “glamour” da cerimônia, da qual eu fazia parte como princesa, e nem pensei na história geral do meu povo. O texto de Kabengele (1996) me fez, então, lembrar estes fatos históricos e, sobretudo entender o meu passado, ao mesmo tempo em que estou encontrando a origem e a história africana da palavra quilombo.

Sobre os quilombos no Brasil, em 2010, Palmira Manoela Silva e Arivaldo Lima Alves (2010), em “Discussões sobre reminiscências de quilombos”, traçam um histórico, a partir da década de 1970, quando houve maior organização da militância negra, muito mais ativa politicamente e que, em plena ditadura militar, buscou discutir os problemas das relações raciais no Brasil. Em seguida, informam que, com o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal Brasileira de 1988 (CF/88), em que o governo brasileiro reconheceu algum tipo de continuidade dos quilombos, um dos mais notáveis meios de resistência à escravidão, há, ao menos legalmente, uma forma de reparação política para o negro, a partir da introdução na Constituição de uma lei que lhe assegura direitos em específico, social e economicamente, com a “garantia” de uma demanda histórica do negro: a posse da terra como meio de assegurar a sua sobrevivência.

A respeito do reconhecimento dos quilombos e de suas terras, Alecsandro J. P. Ratts publicou um artigo, em 2000, com o título “(Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações” onde faz a revisão do que ele denomina de “complexo fenômeno do aquilombamento” começando pelos conceitos do termo; depois, ele apresenta alguma mobilização política contemporânea e analisa as implicações que este fato provoca em diversos campos. Ratts começa seu relato com a experiência africana e afrodescendente onde ele revisa o conceito de quilombo explicado por Kabengele (1996, p. 58) como já mencionado. Em seguida, baseado no texto de Kabengele, confirma que, há relações mútuas entre o quilombo africano e o brasileiro e que os dois foram formados mais ou menos na mesma época. Além de Kabengele (1996, p. 58), Ratts se refere também a outros autores, como João José Reis (1996, p. 16) que, segundo ele, tem uma opinião próxima da de Kabengele quando trata do caso do quilombo de Palmares. Antes de se debruçar sobre o conceito de quilombo e a “descoberta” das comunidades negras, Ratts ressalta que “o processo de aquilombamento não se restringiu às Américas, nem se encerrou com a abolição da escravidão” (2000, p. 4).

Falando do conceito de quilombo ou mocambo, Ratts (2000, p. 4) afirma que, no senso comum, é entendido como “reduto de negros escravos fugitivos” sendo esta a ideia disseminada desde o período escravista. Ele também explica que, entre os anos 1970 e 1980, autores como Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Joel Rufino dos Santos, em seus estudos e reflexões, relacionam e procuram aplicar a noção de quilombo às formulações feitas no campo de ação do movimento negro, mas ele acredita que seja relevante estudar as relações existentes entre estes autores e os que os antecederam.

Lamento que, por ser o tempo muito curto e limitado antes da minha defesa de dissertação, a revisão destes autores não possa ser efetuada neste trabalho. Interessei-me pela tese de doutorado do mesmo autor, sob o título de *O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros*, defendida em 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Kabengele Munanga, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo. A revisão deste trabalho foi valiosa para a minha dissertação pela simples razão de que Ratts (2001) analisa agrupamentos negros rurais e urbanos no Estado de Ceará, que é um Estado nordestino como a Bahia onde fiz a minha pesquisa. O trabalho é dividido em cinco partes que eu considero de grande valia para qualquer pesquisa que possa ser feita sobre os quilombos brasileiros e, sobretudo, do Nordeste. Minha atenção foi atraída pela primeira parte “Uma rede de agrupamentos negros: pontos, percursos, questões”, em que o autor situa as áreas e os agrupamentos negros que são o foco da sua pesquisa explicando que:

A movimentação entre agrupamentos negros, entre campo e cidade e entre Estados da federação aparece combinada com a permanência no agrupamento rural ou urbano. A maior parte dos grupos rurais em estudo se consolidou a partir da aquisição ou registro de terras (RATTS, 2001, p. 2).

Na segunda parte, “Trajetórias e territorialidades negras”, Ratts (2001) se debruça sobre esta questão, apresentando os principais eixos temáticos do trabalho, uma significativa coleção de narrativas, genealogias e documentos escritos coletados que constituem o estofado principal da pesquisa. Esta parte me mostrou que, em vários momentos, as narrativas do Ceará não são diferentes das narrativas do Cangaço uma década mais tarde (2012/2013). Na terceira parte da tese de Ratts, que leva o título “Quilombo: perspectivas de abordagem”, ele revisa a história do Ceará que trata de agrupamentos negros; expõe uma parte do processo de visibilidade das comunidades negras rurais no plano regional e nacional; e discute os deslocamentos na noção de quilombo, os estudos sobre comunidades negras e a mobilização dos chamados “remanescentes de quilombo” nas três últimas décadas do século XX.

Apesar de o governo brasileiro reconhecer a continuidade dos quilombos, há a necessidade de se entender o significado e a problemática que envolve as comunidades ditas remanescentes dos quilombos no Brasil. Um razoável esclarecimento vem de um texto publicado na revista *Ambiente & Sociedade* como Comunicação de Resultado de Pesquisa, em que as antropólogas sociais, Alessandra Schmitt, Maria Cecília Manzoli Turatti e Maria Celina Pereira de Carvalho (2002) discutem a atualização do conceito de quilombo depois de um trabalho de pesquisa executado para a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), que teve como objetivo investigar as comunidades remanescentes de quilombos localizadas no Estado que, amparadas legalmente em direito constitucional pertinente, pleiteiam a titulação dos territórios que, historicamente, reconhecem como seus.

No primeiro capítulo, em que revisam a história oficial, é repetido o artigo 68 da ADCT–CF/88: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos” (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 1).

Este Relatório Técnico-Científico (RTC) é o resultado da pesquisa efetuada em sete comunidades de São Paulo: Cafundó (Salto de Pirapora); Jaó (Itapeva); Caçandoca (Ubatuba); Mandira (Canareia); Sapatu; André Lopes; e Nhunuguana (Eldorado), estando as três últimas situadas na região do Vale do Ribeira. Um dos objetivos da pesquisa foi o de analisar as recorrências e similitudes destacadas e elaboradas previamente, permitindo a

chegada a um corpo genérico de questões dispostas no trabalho (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 1).

No mesmo texto, as autoras construíram uma fundamentação teórica sobre a atribuição de uma identidade quilombola a um grupo para garantir, “ainda que formalmente”, o seu acesso à terra herdada. Este fato levantou a necessidade de redimensionar o próprio conceito de quilombo para poder elaborar a variada gama de situações de ocupação de terras por grupos negros e, assim, ultrapassar o binômio fuga–resistência instaurado no pensamento corrente, quando se trata de caracterizar estas situações sociais. Ainda na revisão histórica, elas lembram que, em 1740, o Conselho Ultramarino, reportando-se ao rei de Portugal, definiu quilombo como sendo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles”.

As autoras afirmam que esta caracterização “descritiva” se perpetuou como definição clássica do conceito de quilombo e influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola, como Artur Ramos (1953) e Edison Carneiro (1957), que atribuíram aos quilombos um tempo histórico passado, cristalizando sua existência no período em que vigorou a escravidão no Brasil, caracterizando-os, também, exclusivamente, como expressão da negação do sistema escravista, aparecendo como espaços de resistência e de isolamento da população negra. Elas criticam o fato de que os estudiosos de até meados dos anos 1970 não abarcaram a diversidade das relações entre os escravos e a sociedade escravocrata nem as diferentes formas pelas quais os grupos negros se apropriaram da terra.

Como referência desta problemática relativa à definição de quilombo, as autoras de “A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas” citam Flávio dos Santos Gomes (1996a, p. 36) para explicitar tal diversidade, ao forjar o conceito: “campo negro”: “uma complexa rede social permeada por aspectos multifacetados que envolveu, em determinadas regiões do Brasil, inúmeros movimentos sociais e práticas econômicas com interesses diversos”. Relatam, ainda, que o Conselho Ultramarinho demonstra que a definição do quilombo se constitui, basicamente, de cinco elementos:

1. a fuga;
2. uma quantidade mínima de fugitivos;
3. o isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma “natureza selvagem” que da chamada civilização;
4. moradia habitual, referida no termo “rancho”; e
5. autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz.

Estes elementos, segundo as autoras, foram criticados por Almeida (1999) que afirma que, com os instrumentos da observação etnográfica:

Se pode reinterpretar criticamente o conceito e asseverar que a situação de quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa reapropriação do mito do bom senhor, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 2).

Ainda com a referência de Almeida (1999), as autoras do relatório técnico-científico citam exemplificações que o autor usou como contrárias aos cinco elementos da definição de quilombo do Conselho Ultramarino: o quilombo Frechal, no Maranhão, localizado a cem metros da casa-grande; e alguns casos em que o quilombo esteve na própria senzala, representado por formas de produção autônoma dos escravos, que ocorriam em épocas de decadência de ciclos econômicos agrícolas ou de mineração (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 3). Afirmam, também, que vários trabalhos recentes a respeito de comunidades negras com origem relacionada à escravidão têm demonstrado que a economia interna destes grupos não representa um aspecto isolado em relação às economias regionais da Colônia, do Império e da República e explicam que, paralelamente à formação do aparato de perseguição aos fugitivos, existia uma rede de informação entre as senzalas e muitos comerciantes locais que tinham interesse na manutenção destes grupos porque lucravam com as trocas de produtos agrícolas por produtos que não eram produzidos no interior do quilombo (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 3).

Depois da revisão da história, Schmitt, Turatti e Pereira enunciam um título que vai de acordo com o pensamento deleuziano – “Múltiplas formas, amplos conceitos” – onde explicam que os grupos considerados hoje como remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, dentro dos/dentre os quais se incluem as fugas, a ocupação de terras livres e, geralmente, isoladas, como também as heranças, doações, o recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção. Propõem, então, para estas comunidades, as denominações de “terras de preto” ou “território negro”, baseadas na utilização destes termos por vários outros

autores, enfatizando a sua condição de “coletividade camponesa”, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade.

A promulgação da CF/88 e a necessidade de regulamentação do Artigo 68 provocaram discussões de cunho técnico e acadêmico que levaram à revisão dos conceitos clássicos que dominavam a historiografia sobre a escravidão, instaurando a reativação e a adequação dos critérios para se conceituar o termo “quilombo”, de modo que a maioria dos grupos que hoje reivindicam a titulação de suas terras possa ser contemplada por esta categoria, depois da demonstração, efetuada por meio de estudos científicos, da existência de uma identidade social e étnica por eles compartilhada e, também, da antiguidade da ocupação de suas terras e, ainda, de suas “práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar” (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 4).

Na conclusão do texto, abordam, ainda, a questão de território e de identidade nos grupos rurais negros afirmando que vários trabalhos sobre populações camponesas no Brasil têm demonstrado a importância da relação entre território e parentesco. Como referência, citam Paoliello para quem o acesso à terra é garantido,

[...] pela via hereditária, isto quer dizer que alguém tem direito virtual de ‘dono’ sobre a terra não simplesmente porque é um indivíduo, mas porque o é enquanto filho e herdeiro. Assim, está imbricada uma definição estrita das relações de parentesco, seguindo o critério prioritário da filiação (1998, p. 158 apud SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 4).

Referindo-se, também, à concepção de Fredrick Barth (2000, p. 25-58) sobre a flexibilidade dos grupos étnicos e à ideia de que um grupo confrontado por uma situação histórica peculiar realça determinados traços culturais que julga relevantes em tal ocasião, concluem que, se, por um lado, território constitui identidade de uma forma estrutural, apoiando-se em estruturas de parentesco, pode-se ver que território também constitui identidade de uma forma fluida.

Outra conclusão do texto é formulada com base em Boaventura S. Santos que, ao relacionar identidade e questões de poder, lembra que quem é obrigado a reivindicar uma identidade se encontra, necessariamente, em posição de carência e subordinação, pois a identidade de negro é colocada como uma relação de diferença calcada na subalternidade e na diferença de classe (SCHMITT; TURATTI; PEREIRA, 2002, p. 5). Para terminar, alertam que as considerações teóricas e as conotações históricas vindas de estudiosos das comunidades negras rurais que elas apresentaram no trabalho assim como a legislação

pertinente à questão quilombola têm buscado rediscutir e recharacterizar o conceito de quilombo.

Em *Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*, Ilka Boaventura Leite discorre sobre o quilombo como conceito sócio-antropológico e, discutindo implicações teóricas e políticas, esclarece: “falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção” (2000, p. 333-354). Refere, também, o Conselho Ultramarinho Português, de 1740, que o definiu como já citado através de Schmitt, Turatti e Pereira (2002) e, considerando esta situação como opressiva, cita David Birmigham (1974) que sugere que “quilombo se origina na tradição Mbunda, através de organizações clânicas, e que suas linhagens chegam até o Brasil através dos portugueses” (2000, p. 336). Diz, ainda:

Kabengele Munanga (1994), ao recuperar a relação do quilombo com a África, afirma que o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos (2000, p. 336).

Em seguida, cita Lopes, Siqueira e Nascimento:

Na tradição popular no Brasil há muitas variações no significado da palavra quilombo, ora associado a um lugar (‘quilombo era um estabelecimento singular’), ora a um povo que vive neste lugar (‘as várias etnias que o compõem’), ou a manifestações populares, (‘festas de rua’), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (‘lugar público onde se instala uma casa de prostitutas’), ou a um conflito (uma ‘grande confusão’), ou a uma relação social (‘uma união’), ou ainda a um sistema econômico (‘localização fronteira, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos’) (LOPES, SIQUEIRA; NASCIMENTO, 1987, p. 15 apud LEITE, 2000, p. 337).

Ao evoluir o seu pensamento, converge para a conclusão de Schmitt, Turatti e Pereira (2002, p. 3) de que a palavra quilombo tem uma vastidão de significados, segundo as conclusões de vários estudiosos da questão, e que isto favorece o seu uso para expressar múltiplas experiências, confirmando, assim, que a palavra quilombo é “um verdadeiro aparato simbólico a representar tudo que diz respeito à história das Américas” (LEITE, 2000, p. 337).

Quanto a mim, observei, durante a pesquisa, que a maioria dos moradores do Cangula não sabe o que significa quilombo, daí o desejo do presidente da Associação de promover palestras que falem da história afro-brasileira e dos quilombos. Para esta maioria, a

nomeação daquele espaço como sendo quilombo não afetou os seus hábitos no Cangula nem influenciou o modo de vida da comunidade. Da mesma forma, esta mesma maioria não sabe se seus antepassados vieram da África. A maioria das narrativas confirma que moram naquele espaço por terem herdado dos antepassados, fossem eles africanos ou não. A partir destas respostas, posso acreditar que, para se considerar remanescente dos quilombos, esta comunidade precisou de uma orientação para se lembrar de seus antepassados, observar que eram negros e apreender que os negros são descendentes de escravos trazidos pelos ocidentais para o Brasil.

Sendo baixo o nível de instrução da comunidade, a importância que este povo coloca sobre a forma de pertencimento à comunidade do Cangula me leva a acreditar que a comunidade não se preocupa com o nome “quilombo”, porque este lhe foi imposto pelo colonizador e pelo governo brasileiro que exige que esta comunidade se reconheça como tal para, só então, obter os benefícios aos quais ela já tem direito normativamente, mas se identifica como agricultor rural, morando em um espaço que seus antepassados um dia conquistaram. Acredito que se os membros desta comunidade ficassem informados sobre a origem africana do quilombo aceitariam este nome de cabeça erguida.

A comunidade do Cangula se diferencia dos outros agricultores rurais por ser herdeira dos antepassados negros africanos trazidos pelos colonizadores como escravos, mas que conseguiram se instalar naquele local vindos do quilombo Fazenda Oiteiro. Este fato cria um diferencial para a qualidade de vida dos membros desta comunidade. Infelizmente, a comunidade é considerada no município só como agricultores rurais e não como remanescentes dos quilombos.

### **1.3.2 Quilombos do Brasil**

O Programa Brasil Quilombola, no seu relatório de 2012, confirmou que o Brasil tem 1,17 milhão de quilombolas, divididos em 214 mil famílias. Este relatório afirma, também, que 90% se autodeclararam negros. A maioria das comunidades certificadas fica no Nordeste do Brasil. O INCRA tituló 207 territórios quilombolas, beneficiando 12.906 famílias.

Para o presidente da Fundação Palmares, Hilton Cobra, a certificação reforça o sentimento de pertencimento dos quilombolas. “É um passo importante para manutenção das

manifestações culturais dentro das comunidades, assim como para garantia de direitos básicos para as mulheres e homens quilombolas”<sup>15</sup>.

No caso atual do Brasil, Valdélío Santos Silva (2001), em seu artigo “Os novos desafios dos quilombos contemporâneos”, argumenta que, desde a inclusão do Artigo 68 nos ADCT–CF/88 até então, algumas conquistas importantes, embora insuficientes, foram alcançadas, pelas comunidades de quilombos, na luta em defesa da legalização das suas terras imemorialmente ocupadas, conforme prevê o aludido preceito constitucional. De acordo com um levantamento preliminar da secretaria da Comissão Nacional Provisória de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CNACNRQ), algumas comunidades receberam os títulos de terras com base neste artigo: a Comunidade quilombola de Castainho, em Garanhuns–PE, faz parte dos felizardos.

No mesmo artigo, frisa o autor que a aplicação do preceito constitucional titulando as terras das chamadas comunidades remanescentes de quilombos decorreu, sobretudo, de iniciativas relativamente isoladas dos institutos de terras dos governos estaduais do Maranhão e Pará, da Fundação Cultural Palmares, do INCRA e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis (IBAMA). Esta situação evidencia a inexistência de uma estratégia governamental devidamente discutida e negociada com os interessados para reconhecer os direitos históricos das populações afro-brasileiras do meio rural (SILVA, 2001).

Carvalho explica que a geografia dos remanescentes de quilombos e das comunidades negras tradicionais brasileiras se apresenta de um modo completamente fragmentado, não havendo nenhuma região onde se possa reconhecer a representação que a nação faz de si mesma, como lugar dos quilombos. “As comunidades de ex-escravos e de descendentes de quilombolas estão espalhadas por inúmeros estados da nação e não alcançaram, jamais, uma visibilidade aos olhos do coletivo” (1995, p. 45). Informa, ainda, que o Brasil parece ser o único país afro-americano que ainda não resolveu a questão dos direitos territoriais das suas comunidades negras. Podemos, então, entender que este talvez seja o motivo pelo qual várias publicações sobre quilombo indicam lutas por direitos a terra, escola para as crianças e pelo seu reconhecimento como seres humanos. Traz, ainda, uma discussão onde esclarece que a sua postura é de entender que as tradições da comunidade de Rio das Rãs, devem ser vistas e descritas em um discurso mais amplo do que “limitado a um texto cultural afro-brasileiro [...]” (CARVALHO, 1995, p. 45).

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/quilombola/>>.

Esta discussão já nos leva a observar outro ângulo em relação às comunidades dos quilombos e, especificamente, do Cangula, pois, se Carvalho especifica o quilombo Rio das Rãs como sendo uma comunidade que tem suas tradições, seu modo de vida, suas necessidades, independentemente de ser um quilombo, como todos os outros espalhados pelo Brasil, a comunidade do Cangula deve ser vista com esta mesma postura teórica que não é senão uma postura crítica que reconhece as múltiplas possibilidades de cada comunidade afro-brasileira. A partir disto, concordamos com este autor quando argumenta que “a resistência negra dos descendentes de quilombos brasileiros deu-se através do heroico porque voluntariamente desumano recurso da invisibilidade” (1995, p. 45). Este recurso parece ser tão forte no Cangula que poucas narrativas demonstraram a tristeza ou a preocupação de não ter, dentro da comunidade, nenhuma representação visível das tradicionais religiões afro-brasileiras como se tem das religiões católica e pentecostal.

No artigo “Remanescente das comunidades dos quilombos no interior da Amazônia: conflitos, formas de organização e políticas de direito à diferença”, Assunção José Pureza Amaral (2008, p. 179-206) apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica e de campo na Região do Médio Amazonas, trazendo uma discussão sobre práticas cotidianas e organização voltada para investigar se a ocupação do espaço e o uso do território pelas comunidades remanescentes de quilombo influenciam a dinâmica socioambiental.

Amaral (2008) explana, antes de tudo, sobre a questão conceitual de quilombo, no subtítulo “De quilombo a remanescente” e, abrindo uma discussão com vários autores, demonstra, mais uma vez, que este conceito está sendo discutido e revisado, na busca de reparar o conceito de origem e inventar uma nomeação mais apropriada à situação dos atuais quilombolas ou remanescentes. Seu trabalho teve como base a organização e as políticas de direito à diferença em quilombos da Amazônia e ele observa que, a partir das décadas de 1980 e 1990, as pesquisas desenvolvidas apontavam centenas de comunidades negras localizadas nas diversas mesorregiões da Amazônia, no Estado do Pará. Também explica que a necessidade de manter sua existência levou os diversos grupos da região a inventarem uma diversidade, a cada vez, para lidar com as condições impostas. Uma das formas, que nós chamaríamos de subsistência, é que cada grupo concebe e utiliza as possibilidades da floresta de modo a satisfazer suas necessidades sem se preocupar com o que vai resultar de suas ações, o que leva, às vezes, à discordância entre as comunidades da região, pois este processo envolve conhecimentos, tradições e interesses políticos.

Na nossa pesquisa no Cangula sobre a sua organização social e subsistência, foram consideradas várias formas de subsistência de conhecimento, da tradição, da

espiritualidade, saúde, etc. Logo, o trabalho de Amaral foi de grande importância, pois nos permitiu observar o quanto a pesquisa de campo do Cangula teve uma visão global do modo de vida dos membros da comunidade. Este fato confirma a nossa contribuição à visão crítica, que permite observar a comunidade do Cangula através de seus hábitos e costumes para associá-la às comunidades dos quilombos do Brasil.

### **1.3.3 Quilombos da Bahia**

O conflito e a luta pela posse da terra são representados no relato histórico de Siglia Zambrotti Doria (1995, p. 75) quando esta apresenta a comunidade rural negra do Rio das Rãs. Seu relato situa Rio das Rãs a uma distância de 70 quilômetros da cidade de Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, e informa que a cidade abrigava várias localidades habitadas e que apenas cinco destas comunidades não foram destruídas “ainda” porque os moradores resistiram à expulsão. Dentro destas localidades, encontra-se Rio das Rãs.

A leitura da história trazida por esta autora nos leva a perceber algumas semelhanças entre a situação das comunidades rurais negras do Rio das Rãs e a comunidade do Cangula como, por exemplo, o fato de as duas terem vivido até a destruição de localidades, no caso da comunidade do Rio das Rãs, e a divisão dos territórios, no caso da comunidade do Cangula, sem nenhuma organização de caráter jurídico. Estas comunidades têm em comum, também, o fato de as duas terem enfrentado uma luta de ordem simbólica, porque, repentinamente, no caso da comunidade do Rio das Rãs, esta tinha perdido uma parte de seus valores, com a destruição de algumas localidades, e adquirido o medo de perder a posse de seu território, suas tradições; já no caso da comunidade do Cangula, esta corria o risco de perder seus valores e suas terras pela invasão dos plantadores de eucalipto. Estas situações levaram as duas comunidades, que nem se conhecem, a tomar uma mesma providência nas suas organizações internas: a de fundar e registrar legalmente uma associação, no caso do Cangula, uma associação de produtores rurais.

Aqui, podemos voltar ao artigo de Amaral (2008) quando explica que a necessidade de manter sua existência pode levar uma comunidade a inventar alternativas para lidar com as condições impostas e que este processo envolve conhecimentos, tradições e interesses políticos. No caso de conhecimento, ele poderia ser adquirido nas duas comunidades, de múltiplas formas, para se chegar ao resultado jurídico de registro das duas associações.

*De mangazeiros a quilombolas: terra, educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho – Sítio do Mato-Bahia* é o título do trabalho dissertativo de Sandra Nivia Soares de Oliveira que atraiu a nossa atenção pelo desenvolvimento do primeiro subtítulo do primeiro capítulo “Quem são esses negos: história e memória de uma comunidade negra no Oeste baiano”. No subcapítulo, “Relação de parentesco e espaço de poder em Mangal”, a autora relata uma situação de laços familiares que lembra, perfeitamente, vários laços familiares do Cangula onde, facilmente, encontramos um núcleo familiar com os três sobrenomes, Carvalho, Paixão e Jesus, e outros núcleos em que se encontra o quarto sobrenome, Santos. As narrativas do Cangula são mais individualistas, apesar de as famílias serem ligadas umas às outras, mas percebemos que a primeira narrativa de “Mangazeiros...” é coletiva, onde o entrevistado declara que ali só tem uma família. Assim, a autora argumenta que “os laços de parentesco e os núcleos familiares fortes, a partir dos quais se originou a comunidade são elementos importantes nas relações de comunidades negras rurais” (OLIVEIRA, 2004, p. 26).

Concordo com este argumento e posso afirmar que, apesar das separações geradas por incompatibilidades religiosas entre as famílias do Cangula, os laços familiares sempre se tornam importantes em caso de decisões políticas e de subsistência material. Como o quilombo de Mangal/Barro Vermelho, pesquisado por Oliveira, recebeu o certificado de autorreconhecimento como remanescente de quilombo, em 1998, pode-se presumir que a experiência de vivência na condição de remanescente seja maior do que a do Cangula, que só recebeu a certificação de autorreconhecimento em 2006, o que favoreceu a autora com relação a fontes escritas. No caso do Cangula, a única fonte escrita que conseguimos encontrar foi a documentação enviada à Fundação Cultural Palmares (Anexos A, B, C e D) assim como o ofício enviado por esta Fundação para o INCRA (Anexo H) remetendo a certidão (Anexos F e G) em cumprimento à determinação do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Esse problema pode ser uma consequência da fragmentação geográfica das comunidades quilombolas do Brasil, pois o Cangula não tem as mesmas possibilidades de adesão à comunicação como, por exemplo, Castainho, em Pernambuco, ou Rio das Rãs, na Bahia, que recebem muitos pesquisadores de várias universidades. O nosso trabalho é um dos primeiros a abordar esta comunidade e, por isto, dispusemos somente das fontes orais. Os quilombos de Castainhos, em Pernambuco, e Mangal/Barro Vermelho, na Bahia, podem servir de exemplo para os quilombos de Alagoinhas-BA, em geral, e para o Cangula, especificamente.

### 1.3.4 Quilombos de Alagoinhas

Gilvan Barbosa da Silva, por sua vez, em sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), defendida em 2011, *Comunidades quilombolas: o reconhecimento e a autoidentificação frente ao processo de globalização e massificação cultural* traz discussões sobre comunidades quilombolas contemporâneas com seus modos de vidas e seus desafios depois do autorreconhecimento oficial, buscando evidenciar a problemática de uma autoidentificação consciente, investigando, também, as dificuldades e as possibilidades de criação de um movimento de reconhecimento mais amplo, chamado por Abdias Nascimento (2002) de “quilombismo”. O trabalho de Silva é importante para a nossa pesquisa, pois, além de o autor ser filho de um quilombo de Alagoinhas (Catuzinho), ele foi um dos incentivadores do nosso trabalho no Cangula.

No primeiro capítulo, discorre, historicamente, sobre a cultura quilombola, descrevendo a origem das comunidades quilombolas brasileiras contemporâneas, e traz uma tabela com o número de comunidades quilombolas em processo de titulação, por região e por Estado, onde revela que a Bahia tem 85 quilombos e a região Nordeste, 565 quilombos com processos em andamentos ou resolvidos, representando 46,69% em relação ao Brasil. Em seguida, apresenta um mapa com a distribuição das comunidades quilombolas no Brasil através do qual se pode verificar o quanto estas comunidades são dispersas, uma situação que dificulta, certamente, a sua visibilidade e, conseqüentemente, a sua inclusão (SILVA, 2011, p. 34-35).

Silva reservou um subtítulo para a sua comunidade quilombola de origem, Catuzinho, no qual ele explica a razão de ter escolhido esta comunidade como objeto de sua pesquisa. A comunidade quilombola Catuzinho fica no sentido contrário à do Cangula. Alagoinhas tem quatro quilombos e três deles já receberam a certificação de autorreconhecimento. Catuzinho é vizinho ao quilombo do Buri, que ainda não pediu o autorreconhecimento. Já Cangula é vizinho ao quilombo do Oiteiro, de onde vieram seus ancestrais fugindo dos escravistas. Silva descreve Catuzinho como sendo uma comunidade rural negra, pobre e socialmente desassistida. Este é igualmente o perfil de Cangula e de outros quilombos de Alagoinhas.

Apesar dos relacionamentos pessoais e, às vezes, familiares, os quatro quilombos de Alagoinhas só conseguiram ter um primeiro encontro em 2010, coincidentemente, o ano em que nós trouxemos a Alagoinhas o embaixador da República Democrática do Congo, que

visitou um dos quilombos. O segundo ocorreu na ocasião da preparação do primeiro encontro dos quilombos de Alagoinhas com os governos federal, estadual e municipal, um evento organizado por nós como retorno da pesquisa realizada no Cangula.

A dissertação de Silva me auxiliou em algumas informações que parecem comuns a todos os quilombos de Alagoinhas e tendo sido o trabalho dele feito com uma abordagem que diz respeito à cultura, observei algumas informações sobre a subsistência de continuidade das comunidades quilombolas de Alagoinhas. Como já observado, procurei aqui demonstrar que, além de importante, esta pesquisa está entre as poucas que procuram olhar os quilombos para além do sofrimento das lutas, resistências, etc.

Assim, minha pesquisa entra em sintonia com outras já elaboradas ou a serem elaboradas e, ao mesmo tempo, permite a desinibição entre os atores e os governos, pesquisadores e outras comunidades. Além disto, também permitiu obter informações valiosas dentro das multiplicidades da cultura oral.

No próximo capítulo, irei apresentar a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula.

## 2 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA E SUA ORGANIZAÇÃO

### **Saiba como obter a certificação:**

Como a comunidade deve proceder para a emissão da certidão de autodefinição como remanescente de quilombo:

- 1) A comunidade deve possuir uma associação legalmente constituída; e apresentar uma ata de reunião convocada para a autodefinição aprovada pela maioria dos moradores, acompanhada de lista de presença devidamente assinada;
- 2) Nos locais onde não existe associação, a comunidade deve convocar uma assembleia para deliberar sobre o assunto autodefinição, aprovada pela maioria de seus membros, acompanhada de lista de presença;
- 3) Enviar esta documentação a FCP, juntamente com fotos, documentos, estudos, reportagens, que atestem a história do grupo e suas manifestações culturais;
- 4) Apresentação de relato sintético da história;
- 5) Solicitar ao Presidente da FCP a emissão da certidão de autodefinição. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES).

Foto 10 – Comunidade Cangula: Sede da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula



Quando fui apresentada à comunidade do Cangula, pelo colega e mestre em Crítica Cultural, Gilvan Barbosa da Silva, e a colega de turma do mestrado, Rosemary

Martins, logo entendi que a melhor forma de me aproximar da comunidade seria através da Associação, pois, algumas vezes em que tentei abordar pessoas, estas me orientaram para primeiro falar com a Associação que é a sua representação. Por isto, escolhi, como foco da minha pesquisa, a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula e, como sujeitos, as famílias da comunidade do Cangula que dela fazem parte.<sup>16</sup>

Vale ressaltar que o fato de a Fundação Cultural Palmares exigir que, para obter a certificação de autorreconhecimento, se deva criar uma associação não foi a motivação que levou esta comunidade a fundar a Associação, pois esta já existia desde 1998 e o reconhecimento foi pedido somente em 2005.

## 2.1 COMO SURTIU A IDEIA E QUANDO FOI FUNDADA A ASSOCIAÇÃO?

Rapaz, essa associação começou [...] através de um primo da gente que veio do Rio e ele acostumou lá no Rio com o negócio de Associação, então ele achou interessante [...] aí chegou aqui, fez esta proposta pra gente fundar uma associação [...] primeiro passo, se reunir, bater um papozinho [...] O pessoal que participou da reunião concordou, aí fundamos a Associação [...] Cada família apareceu dois ou três [...] O primeiro presidente foi Jairzinho [...] ele é da família Lima Rodrigues [...] ele é daqui, é filho daqui [...] Hoje ele não tá mais na comunidade porque foi embora para cidade, mas é filho daqui [...] A família dele toda é daqui, tanto parte de pai e da mãe. (João 2, entrevista feita em 7 de fevereiro de 2013).

Sobre a fundação da Associação, na entrevista que me foi concedida em 9 de janeiro de 2013, Maria 14 diz:

– [...] *Me engajei na Associação como sócia fundadora [...] Quando a gente fundou a Associação foi no objetivo de unificar a comunidade, cada um vivia no seu cantinho [...] A gente juntou para melhorar as melhorias, correr atrás [...] No estatuto diz que oitenta por cento da renda deve vir da agricultura, da lavoura e deve ser maior de 16 anos para entrar na associação.*

Então, a ideia surgiu quando um primo da família “Paixão” fez uma visita à comunidade. Como este tinha o costume de ver e participar de associações, achou interessante propor aos primos a abertura de uma na comunidade. Por sua vez, os irmãos “Paixão” convidaram a comunidade para divulgar a ideia, que foi aceita pelos representantes de alguns núcleos familiares do Cangula. A partir daquele momento, o grupo se organizou para

<sup>16</sup> A pedido dos(as) entrevistados(as) e da Associação à qual estão ligados(as), preservaremos os nomes identificando os homens por *João* e as mulheres por *Maria*, seguidos de uma numeração sequencial.

constituir, sob a forma de sociedade civil sem fins lucrativos, a Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula<sup>17</sup>, como comprova a Ata de Assembleia de sua constituição assinada pelos representantes, em 5 de outubro de 1998 (Anexo A).

Observei que esse documento é uma ata normal de uma assembleia que teve como objetivo a constituição da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula, realizada em 5 de outubro de 1998. Esta Ata contém 26 assinaturas de pessoas na faixa etária entre 67 e 21 anos, uma média aritmética de 32 anos, composta por 8 mulheres e 8 homens. As assinaturas dos(as) participantes foram arrojadas e reconhecidas como firmas no Cartório do Registro de Títulos, Documentos e das Pessoas Jurídicas, Comarca de Alagoinhas – BA, em 1 de dezembro de 1998. Este fato confirma as declarações de João 2 e de Maria 14. Esta Ata faz parte dos documentos que me foram entregues no escritório da Fundação Cultural Palmares quando da minha visita preliminar ao órgão em Brasília e que acompanham este trabalho como anexos.

Iniciando com a Ata de Fundação da Associação (Anexo A) seguiremos todo o procedimento: do requerimento, análise e certificação da comunidade como remanescente de quilombos<sup>18</sup>. O Anexo B traz a cópia da Carta de Reconhecimento de Pertença da Comunidade do Cangula em que a Associação, representando toda a comunidade, requer o registro no Livro de Cadastro Geral e a expedição da certidão pela Fundação Cultural Palmares/ Ministério da Cultura. Como exigido pela FCP, o documento foi endereçado ao seu presidente, na época, o Dr. Ubiratan Castro Barbosa. Nesta carta, é relatada a história da comunidade do Cangula como descrita na introdução deste trabalho. Observe-se que, no começo da página do lado direito, há um carimbo de protocolo da Fundação Cultural Palmares onde consta como sendo a folha 4.

Maria 14 lembra como esta carta foi construída:

*– [...] No caso, quem fez a entrevista sou eu né [...] Essa pesquisa, fui fazendo copiando a mão [...] Desde muitos anos eu tinha uma curiosidade aí quando na quinta série a escola vai assim estimulando para a gente fazer um trabalho [...] Aí ofereceu a de Boa União, mas eu falei que vou fazer da minha comunidade aí comecei conversando com o pessoal mais velho, não tinha como filmar nem gravar nada mas fui anotando e o que serviu para levar para lá [...].*

<sup>17</sup> A partir deste ponto, será referida, simplesmente como “Associação”.

<sup>18</sup> Em toda a documentação recebida da Fundação Cultural Palmares há um carimbo de número da folha, porém, a ordem aqui será diferente, pois a intenção é seguir o passo a passo de cada documento até chegar à certificação.

A página seguinte (Folha 5, conforme a numeração da FCP) traz o final da carta, com menção da data, 14 de setembro de 2005, número de CNPJ da Associação e as assinaturas dos cinco membros da diretoria da Associação: José Iginio da Paixão (atual presidente), com número de identidade e CPF; Maximiano Paulo de Jesus (já falecido), com número de identidade; José da Paixão (hoje, cego); Firmina dos Santos (hoje com 96 anos); e Alice Cipriano dos Santos (falecida em abril de 2013). Observo que, na diretoria, em 2005, havia duas pessoas do clã Paixão, pai e filho; uma pessoa da linhagem Jesus e sua esposa, que foi a matriarca do clã Santos. A quinta pessoa é também da linhagem Santos mas não pertence à mesma família. Assim, a pergunta suscitada, que só ficou esclarecida na pesquisa do campo, foi: “Se a linhagem Santos é representada por duas pessoas na diretoria, por que não é mencionada na carta como sendo um dos sobrenomes que prevalecem na região?”. Foi então que descobri que o sobrenome Santos veio de outra fazenda e se juntou por matrimônio com as linhagens Carvalho, Jesus e Paixão. Na entrevista que me foi concedida por Maria 1 (que é da linhagem Santos) em 5 de dezembro de 2012, ela relata:

*– Não, não nasci aqui, nasci na fazenda sítio mas tô aqui desde 4 anos de idade [...] Depois de 4 anos [...], a minha mãe faleceu; com 2 anos [...] depois que minha mãe morreu, meu pai morreu, a minha madrinha aqui do Cangula tomou para me tomar conta de mim [...] eu fiquei órfã de pai e mãe [...] já tenho noventa e quatro anos [...].*

Segundo o procedimento exigido pela Fundação Cultural Palmares, esta carta de reconhecimento escrita por membros da comunidade representados pela Associação, foi então encaminhada ao escritório de representação deste órgão federal, em Salvador-BA que, por sua vez, elaborou um ofício endereçado ao presidente da FCP, na época, o já citado Dr. Ubiratan Castro Araújo, em 27 de setembro de 2005, tendo como assunto “Solicitação de Reconhecimento e Registro” (Anexo C). Nesta cópia, observa-se, no início da página do lado esquerdo, a logomarca da Fundação Cultural Palmares, no meio da página, a logomarca do Ministério da Cultura e, em seguida, a marca do Governo Federal “Brasil um país de todos”. Em cima desta marca consta o carimbo da FCP com o número de registro e a data de recebimento da documentação: 18 de outubro de 2005. Logo abaixo consta, também, o carimbo protocolar identificando o documento como folha três. No final da página, consta a assinatura da representante regional da FCP na Bahia, na época, a Sra. Lindinalva Barbosa.

A partir do encaminhamento deste ofício, começa, então, a tramitação do processo para o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo e o seu registro. O Anexo D traz a cópia deste Processo, que é um ofício com as mesmas características do Anexo C, porém, com a data de recebimento de 21 de outubro de 2005 e o carimbo protocolar

com a menção Folha 1. Ao lado, a identificação “memo nr. 645/DPA/FCP/Minc?2005”. O assunto do ofício é Abertura de Processo para o Reconhecimento da Comunidade Remanescente de Quilombo, Comunidade Fazenda Cangula e é endereçado à Divisão de Serviços Gerais. No final do ofício, consta a assinatura da diretora-substituta, na época, a Sra. Miriam Caetana de Souza Ferreira.

Depois deste encaminhamento, é elaborada uma ficha de acompanhamento (Anexo E), protocolada na FCP como Folha 2, de nº 0 1420.002545/2005–95, de 18/10/2005, às 17:14:40; espécie de memorando nº 77, de 27/09/2005; código de classificação de arquivo, Bahia, município de Salvador/Brasil. A procedência é mencionada como sendo a FCP da Bahia, com o nome da representante já citada. No final, pede-se providência até 19/10/2005. Consta, também, a assinatura da chefe de gabinete da FCP, na época, Sra. Marina Rosa F. Queiros. A ficha foi fechada em 18/10/2005 e emitida em página única por Vera Lucia Severino.

Ainda na FCP, em Brasília, é elaborada, então, a certidão de autorreconhecimento (Anexo F). O documento contém a logomarca da FCP, um carimbo protocolar com menção à Folha 18. Tem como título: “Certificação da Comunidade de Fazenda Cangula como Remanescente das Comunidades dos Quilombos”. São citados como declarantes os membros da diretoria da Associação que assinaram o requerimento (Anexo B). O documento foi lavrado em 12/12/2005, pela diretora de Proteção do Patrimônio Afro-brasileiro, na época, Sra. Maria Bernadete Lopes da Silva, e assinado pelo presidente da FCP da época, já citado anteriormente.

Depois da certificação, é confirmada a decisão, com a publicação no Diário Oficial da União (DOU), nº 15, de sexta feira, 20 de janeiro de 2006, Sessão um, página 17 (Anexo G). Esta publicação, que tem o carimbo protocolar de Folha 19, é proveniente da Portaria nº 2, de 17 de janeiro de 2006, procedente da FCP. Constam várias outras comunidades certificadas: a Comunidade Fazenda Cangula, de Alagoinhas, Estado da Bahia está no livro 005, registro 456, folha 64.

Quando é publicado no DOU, significa que o processo na FCP está terminado. Então, este órgão federal elabora um ofício de acompanhamento de envio de certidão de autorreconhecimento endereçado ao superintendente Regional do INCRA da Bahia, na época, o Sr. Marcelino Antônio Martins Galo (Anexo H). Constata-se que, com este Ofício nº 15/2006 – Gab/PRES/FCP/MINC, Brasília, 17/02/2006. Além de vinte e sete outras comunidades da Bahia, mencionadas na folha protocolar nº 21, há menção à comunidade

Fazenda Cangula localizada no município de Alagoinhas, com os dados de publicação no DOU.

Observa-se que, até 2012, esta comunidade não recebeu nenhuma visita do INCRA para a certificação de títulos das terras herdadas, o que contribuiu para a minha proposta de provocar o I Encontro dos Quilombos de Alagoinhas com os governos Federal, Estadual e Municipal<sup>19</sup> com a intenção de satisfazer a necessidade dos membros da Comunidade do Cangula de obter um contato direto com as autoridades de forma a poderem desde então começar a resolver seus assuntos sem depender de outras pessoas que prometem e não conseguem cumprir.

Então, em janeiro de 2013, fui conversar com o Secretário Municipal de Cultura e Esporte, André Nunes Barros, para levar a proposta deste encontro. Ele achou a ideia interessante e encarregou a Diretora Municipal de Cultura, Jaldice Nunes, de me dar todo o apoio necessário para a elaboração e a realização do evento. Mas, como envolveria verbas dos governos, seria melhor usar o formato de Audiência Pública, assim envolveria também os vereadores, que são os representantes do povo de Alagoinhas, conseqüentemente dos quilombos deste município.

Por experiência de longa data neste assunto de contato entre povos e governos, pedi, por intermédio dos meus amigos Prof. Me. Gilvan Barbosa e Profa. Rosemary Martins, aos quilombos de Alagoinhas que, juntos, preparassem um documento onde constariam todas as reivindicações relativas a saúde, educação, meio ambiente e demarcação e titulação dos territórios, para que eu pudesse encaminhar para os setores dos governos junto com o convite de participação de forma a uma resposta aos quilombolas. Este documento era necessário para evitar que os representantes dos governos viessem e deixassem novas promessas sem nenhuma resposta concreta. Assim, os quilombos do município resolveram se reunir em um 2º Encontro dos Quilombos de Alagoinhas, no mês de abril de 2013, na Associação dos Produtores Rurais do Cangula, quando foi elaborada a famosa “Carta do Cangula” (Anexo M), famosa porque, até agora, esta carta está circulando em todo o Brasil.

O evento foi uma das maiores audiências públicas que já tinha acontecido na Câmara dos Vereadores de Alagoinhas. Como eu previa, este evento foi um intercâmbio entre o PPGCC, a Direção do Campus II da UNEB, a prefeitura da UNEB, a prefeitura de Alagoinhas e a Câmara de Vereadores de Alagoinhas. Foram duas sessões, manhã e tarde, que totalizaram 504 presenças (Anexo N).

---

<sup>19</sup> O cartaz de divulgação consta como Anexo J deste trabalho, o folder de divulgação (Anexo K) e o convite elaborado pela Câmara de Vereadores (Anexo L).

Neste encontro, foram selados vários compromissos entre os governos e os quilombos. Para permitir algum controle assim como a divulgação do evento, abri uma página na Internet/Facebook que continua sendo curtida até hoje. Nela ainda vou publicar as falas das autoridades e os debates que aconteceram no evento. (Anexo O).

O encontro facilitou muita coisa e como, em abril de 2013, foi eleita a nova presidente, Antônia do Carmo dos Santos e sua diretoria<sup>20</sup>, a Vice-Presidente me informou que a diretoria atual está em contato constante com as secretarias de Saúde, Cultura e outros Órgãos municipais e estaduais para a resolução de seus problemas corriqueiros.

## 2.2 ORGANIZAÇÃO E SUBSISTÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO

A Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula é um órgão do direito civil brasileiro sem fins lucrativo que é regido por um estatuto próprio. Ela foi registrada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), em 10 de dezembro de 1998, com a natureza jurídica de Associação Privada (3999) e com Atividade Econômica de horticultura, exceto morango (0121101), produção de sementes certificadas, exceto de forrageiras para

---

<sup>20</sup> Irei visitar a comunidade no dia 6 de abril de 2014, para ser apresentada à nova direção, na perspectiva da continuação do projeto de intercâmbio de culinárias africanas e do Cangula assim como da organização de palestras sobre a África convidando alguns embaixadores africanos a visitar o quilombo, como já o fiz com o embaixador da RDC, em 2010, quando ele visitou a casa da farinha e a fábrica do beiju no quilombo do Buri, assim como a escola do quilombo do Catuzinho, em Alagoinhas, lembrando aqui que, como africana, tenho interesse em promover o (re)encontro dos quilombolas com a África. Cada vez que tenho a oportunidade, convido os embaixadores africanos a visitarem alguns quilombos. Em 2003, com a colaboração da Faculdade de Ciências da Administração de Garanhuns (FAGA) e o patrocínio da Prefeitura e da Câmara de Vereadores de Garanhuns-PE, convidei o decano do corpo diplomático africano em Brasília, na época, o embaixador Martin Mbarga Nguele, que era embaixador da República Camerounaise, para visitar o quilombo de Castainho onde efetuei a minha primeira pesquisa em quilombos, em 2004. Para o embaixador africano e sua delegação, foi uma redescoberta da paisagem africana e um reencontro com as crianças africanas. Depois de relatar a sua visita aos colegas, unanimemente, os embaixadores africanos em Brasília pediram permissão aos respectivos países para liberarem uma pequena quantia de dinheiro que foi enviada para as crianças de Castainho através da Pastoral da Criança do Brasil. Em novembro de 2013, no Encontro África e Diáspora Africana (EADA), em Costa de Sauípe-Ba, conversei sobre os quilombos de Alagoinhas em geral e, especificamente, sobre o Cangula, com o vice-decano dos embaixadores africanos em Brasília que é o Embaixador do Benim, que ficou muito interessado em visitar os quilombos e incentivar seus colegas africanos a organizarem visitas a estas comunidades que, na realidade, são membros da dita “Diáspora africana” no Brasil.

A Associação do Cangula está preparada e tem espaço para este tipo de evento, pois ela tem uma sede que foi construída em 2010 com o apoio da Petrobras (ver imagens 4 e 5).

pasto (0141501), e produção de mudas e outras formas de propagação vegetal certificadas (0142300)<sup>21</sup>.

A Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula é dirigida pela diretoria eleita composta de: Presidente<sup>22</sup>; Vice-Presidente; Primeiro(a) Secretário(a); Segundo(a) Secretário(a); Primeiro(a) Tesoureiro(a); e Segundo(a) Tesoureiro(a). O seu Conselho Fiscal é composto de três membros titulares e três membros suplentes, e funciona como qualquer outra, com os direitos e obrigações dos associados sejam eles financeiros ou sociais.

Como explicado mais cedo, os encontros da Associação aconteciam a cada segunda segunda-feira de cada mês, até a nova diretoria assumir. Atualmente, as reuniões acontecem a cada primeiro domingo do mês, para permitir que a maioria dos membros da comunidade possa estar presente e participar das decisões, pois, depois do evento de 15 de maio de 2013<sup>23</sup>, os quilombos de Alagoinhas estão usando as informações recebidas das autoridades que se apresentaram naquele dia e os conselhos do primeiro presidente da Fundação Cultural Palmares, Sr. Carlos Moura, que também estava presente, para estarem sempre informados sobre seus direitos e, conseqüentemente, das suas obrigações das quais a primeira é saber quais os direitos que eles têm para poderem reclamar quando estes não lhes estão sendo dados. Este fato levou os membros da Associação a justificarem suas faltas nas reuniões por estarem, nas segundas-feiras, trabalhando, às vezes, fora da comunidade e em função da já explicada dificuldade de transporte e da longa distância da pista para as residências dos moradores do Cangula não conseguem comparecer no horário, o que suscitou a mudança de dia e horário das reuniões da Associação.

Para a sua subsistência, como permanência, continuação e estabilidade, a Associação tinha decidido, em 2010, comprar um terreno e construir sua sede. Na ocasião, a Petrobras tinha convidado várias associações comunitárias do Distrito de Boa União, propondo-se a financiar alguns projetos apresentados por cada uma delas. A Associação, que já tinha o projeto de comprar um terreno, apresentou o projeto com o preço do terreno e da construção de uma granja para a criação de galinhas caipiras que serviria para a venda das aves abatidas para, com o lucro, manter-se, no sentido de pagamento de contas de luz, água e continuação da construção. Sobre a parceria com a Petrobrás, Maria 14 observa o seguinte:

---

<sup>21</sup> Ver em: <<http://wooki.com.br/w/cnpj/associacao-do-cangula/cy1J5gfCpy3Bcif/tgEQaBKO83>>.

<sup>22</sup> Observo que a atual presidente Antônia do Carmo dos Santos foi a vice-presidente de José Higino da Paixão durante todos seus mandatos.

<sup>23</sup> Primeiro Encontro dos Quilombos de Alagoinhas com os Governos Federal, Estadual e Municipal organizado por mim junto com a Secretaria de Cultura e a Câmara de vereadores de Alagoinhas.

*– Este estatuto da Associação nos permite ter cinco núcleos, aí o primeiro núcleo é a granja galinha caipira [...] Mas aí, a gente pensou em melhorar a qualidade de vida da comunidade das famílias e complementar a renda, né [...] Conseguimos arrumar um parceiro que é a Petrobras, no caso nos ajudou bastante, né, conseguimos duas vezes o projeto [...].*

Querendo entender mais sobre a parceria da Associação com a Petrobras, pedi para Maria 12, na entrevista que me foi concedida em 7 de janeiro de 2013, me explicar a relação entre a Associação e o grupo galinha caipira:

*– A gente tem reunião da associação todas as segunda, segunda-feira do mês e o grupo [...] é, de vez em quando, a gente se reúne, o grupo separado [...] o nome do grupo é ‘Grupo esperança vida’. Se não tivesse associação, não existiria o grupo [...] Ele começou, lembro que foi quinze de maio, foi renovado em dois mil e sete [...] A Petrobras traz a grana e a gente compra as coisas [...] Mesa de abate não compramos porque é muito caro [...].*

O primeiro projeto, que foi de pequeno porte, permitiu a compra do terreno e a montagem de um pequeno galpão. Os resultados não foram satisfatórios e, assim, a Associação foi orientada a fazer um projeto maior para ampliar o galpão e a construção do escritório. No momento da pesquisa de campo, estava sendo feito um mutirão para a construção de um espaço maior para a realização de vários eventos que a Associação poderia promover.

Sobre o grupo, Maria 8 declarou o seguinte:

*– O grupo tem roteiro, trabalhar na granja é diferente da associação. [...] A granja é uma coisa, a Associação é outra coisa [...] Sobre a granja, montaram um grupo para ajudar as famílias daqui [...] Aí só podia trabalhar duas pessoas da família. Agora ficou a família de dona Bené, ela, o esposo e a filha dela que ficaram para tocar o projeto que é da Petrobras [...] Vendem o frango, aí vai mantendo [...] A taxa da associação são dois reais [...] Eu espero as coisas boas da Associação, porque lá em Salvador também tem outras associações mas não como a daqui [...] É totalmente diferente, porque, lá você participa é tudo para você, mas os moradores não têm [...] Aqui, os moradores também recebem [...] Como teve o projeto de banheiro. A comunidade teve o benefício. Minha mãe conseguiu o projeto de banheiro.*

Como foi declarado, a criação e venda de galinhas caipiras funciona em um projeto chamado “Grupo Esperança Viva”, filiado à Associação que, com a doação recebida da Petrobras, vinha comprando galinhas que vinham de Brasília. Como o custo é muito alto e não cobre as necessidades da Associação, a diretoria decidiu não comprar mais de Brasília e

sim em Feira de Santana. Além disto, será feito um novo projeto, para ser apresentado à Petrobras, para a melhoria das condições da Associação, de forma a tornar possível terminar as construções, comprar uma mesa de abate, o que facilitará o trabalho, e organizar melhor as vendas das aves abatidas.

Deve-se entender que há uma diferença entre as galinhas “caipiras”, criadas em quintais, e as galinhas compradas para o abate, uma diferença que está no custo da ração e na demora em estar em condição de abate, no caso da galinha criada em quintal, ou galinha da terra, que demora muito para ficar pronta para o abate enquanto a industrial fica pronta em pouco tempo trazendo o retorno do investimento em menos tempo. Mas, até agora, o lucro é muito pouco e, por enquanto, só serve para manter o projeto, o que deixou as pessoas desmotivadas e as fez sair do grupo, daí a necessidade de ampliá-lo. A Associação organiza, ainda, eventos pagos, tais como churrascos, festas de São João e recebe uma participação mensal de R\$ 2,00 (dois reais) de cada membro.

Além disso, há um lago ou rio que atravessa a comunidade, um espaço que atraiu a atenção dos membros da Associação que perguntaram para a Petrobras sobre a possibilidade de investir nele como lugar turístico. Esta respondeu que é proibido investir em um espaço que pertence às pessoas para evitar a possibilidade de brigas familiares que venham a impedir a continuação do projeto. Efetivamente este local está sendo desperdiçado e chega até a poluir o espaço por falta de cuidado, pois pertence a muita gente e ninguém quer cuidar.

Verifiquei, durante o trabalho de campo, que a granja está funcionando bem, mas funcionaria melhor se houvesse uma mesa de abate dentro dos parâmetros de produção de galinhas para o abate. Observei, também, algum tipo de empreendedorismo corporativo, no sentido de que vinham fazendeiros com suas próprias galinhas para serem abatidas na Associação e estes pagavam alguma taxa.

A Associação reconhece que não está obtendo contribuição oficial porque, até então, não procurou nenhum órgão governamental para perguntar quais são seus direitos e, muito menos, para reclamá-los, devido à falta de organização e ao desinteresse de alguns membros. Quando foi pedida a instalação de sanitários em certos domicílios onde estes não existiam, o governo instalou sem nenhum problema. Por esta razão, a conclusão do presidente da Associação é de que se não estão tendo intervenção do governo é porque não sabem de seus direitos, logo, o que pedir, nem a quem, por não saberem o órgão que pode cuidar disto. Confirma, ainda, que deve ser por “falta de vontade” ou por “medo de se expor” das pessoas da comunidade, lamentando que “não seja mais como era antes”, pois, quando se busca responsabilizar alguém para efetuar uma tarefa a resposta é sempre a de não ter tempo e que,

antigamente, as pessoas se preocupavam em resolver os problemas da Associação sabendo que era para o bem de toda a comunidade. Mas o fato de o governo, às vezes, não satisfazer ou demorar muito para satisfazer as necessidades da comunidade, deixa os membros sem motivação de continuar procurando ou mesmo de participar de eventos organizados pelo governos como declara João 7:

*– Nós já fomos lá na prefeitura umas duas vezes aí fazer samba, desta raça daqui e do oiteiro [...] festa daqui e do oiteiro são unidos da mesma coisa, é tudo Cangula [...] Aí fizemos lá aquele samba! Aquele negócio, sem direito a alguma coisa [...] Nunca sai nada [...] Nada não apareceu até hoje [...] Quer dizer, apareceu uma besteirinha porque botaram umas casinhas aqui fora para quem não tem, mas não foi pra tudo mundo [...].*

O grande problema da Associação está em resolver com o governo municipal a instalação de uma estrada que ligue a comunidade à “pista”, para facilitar o tráfico de veículos dentro da comunidade, pois hoje as pessoas descem na rodovia e andam, às vezes, até 2Km para chegarem às suas casas. O projeto da estrada criaria a motivação de se ter carro de transporte de mercadoria e de pessoas. A falta de estrada impede, também, a entrada na comunidade de caminhão coletor de lixo. Por isto, as pessoas queimam o lixo, uma prática que polui a natureza.

Quanto à subsistência espiritual, o presidente da Associação confirma que, antigamente, se organizava rezas, rodas de samba e outras diversões assim como encontros espirituais afro-brasileiros. Hoje, são as religiões pentecostais que mantêm a comunidade: são sete igrejas pentecostais e duas católicas, que são muito ligadas à população da comunidade.

Observei que, com informações sobre seus direitos e a boa vontade dos membros da Associação, muitos problemas poderiam ser evitados e, conseqüentemente, aumentaria a qualidade de vida dos membros da comunidade, pois, se, antigamente, não tinha muita gente que fazia parte deste órgão, desde o reconhecimento, quase todas as 152 famílias se associaram sendo este um caminho para usufruir dos direitos de ser remanescente quilombola.

A ideia de fazer o autorreconhecimento pela Fundação Cultural Palmares veio do vereador Eleonaldo, que trouxe três pessoas para falar sobre a proposta de elaboração da carta. Como todo mundo concordou, com a ajuda do vereador, foi feita a carta e enviada à FCP que a aprovou, como já dito anteriormente (Anexo B). Quanto ao problema das terras, foi entregue aos membros das associações, no dia 15 de maio de 2013, as instruções e o passo a passo que devem ser seguidos para reivindicar a documentação de suas terras.

Na próxima etapa, analisarei as narrativas recebidas em resposta aos questionários preparados durante as entrevistas feitas no trabalho de campo.

### 3 A EXPRESSÃO IDENTITÁRIA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DO CANGULA

Foto 11 – Comunidade Cangula: narrando a história do Cangula



Talvez não haja hábito mais antigo em qualquer ajuntamento humano que o de narrar, relatar fatos, sejam eles fictícios ou não. As narrativas imemoriais terminam sendo o eixo de ligação entre o homem primitivo e o da sociedade urbano ocidental. Seus dramas e necessidades não diferem essencialmente, embora sua cultura os diferencie muito.

Entendidas como memória individual, as narrativas transportam os narradores e ouvintes ao seu passado. Como memória coletiva, remontam a tempos longevos. Narra-se um acontecimento, mesclando o real e o fictício, mas sempre algo que já foi concluído. Toda narrativa é, assim, presentificação. No entanto, é importante dizer que a tradição é uma prática cotidiana e não momentos de rememoração do passado.

O ato de narrar é dar continuidade a uma trajetória errante, que traz ecos do passado à contemporaneidade. O narrador não fica imune a esse movimento, ele é transpassado pela tradição e através dele ela se revigora.

O passado (e o presente) que o texto carrega é de alguma forma, também nosso passado. Assim se constrói a memória, reafirmam-se identidades.

(COSTA, 2005, p.16).

### 3.1 REVISÃO DOS OBJETIVOS E DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Como já foi mencionado, a minha preocupação é entender o cotidiano desta comunidade quilombola e, para isto, foi preciso mapear os principais meios de subsistência dos núcleos familiares membros da Associação Comunitária dos Agricultores Rurais do Cangula; diagnosticar como são administradas as relações entre os membros da Associação e os governos federal, estadual e municipal, nos assuntos de subsistência material, mental, espiritual e de continuidade, antes e depois do autorreconhecimento como remanescentes dos quilombos; e, por fim, verificar como o modelo de organização social na comunidade se expressa no cotidiano.

Também foi mencionado anteriormente que a metodologia adotada foi a da observação participante e, tratando-se de um estudo de caso, a pesquisa foi considerada como qualitativa.

Estudo de caso de observação participante com o foco do estudo centrado numa organização particular (escola, centro de reabilitação) ou em algum aspecto particular dessa organização. Os setores enfocados podem ser: um local dentro da organização (sala de aula, sala de professores ou refeitório); um grupo específico de pessoas; ou qualquer atividade da escola. (BOAVENTURA, 2004, p. 125).

O universo da investigação foram os núcleos familiares da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula, lembrando que, tendo a Associação como foco da pesquisa, os sujeitos são os membros dos núcleos familiares a esta associados.

As abordagens teóricas se basearam em Jan Vansina (2010, p. 139-166), no capítulo em que trata da tradição oral e sua metodologia e descreve a importância do reconhecimento da fala como meio de comunicação diária e, também, como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais na sociedade oral. Também em Portelli (2010, p. 19-36), no seu texto “A entrevista de história oral e suas representações literárias”, do livro *Ensaio de história oral*, quando explica que a narração oral da história toma forma em um encontro pessoal promovido pela pesquisa de campo em que um diálogo interativo entre entrevistado e entrevistador ocasiona a evocação dos conteúdos da memória que são, então, organizados verbalmente. Para ele, a diferença cultural entre pesquisador e narrador provoca estímulos imprevistos no narrador e o força a explorar setores e aspectos da sua experiência que não são mencionados quando conta histórias ao seu grupo.

A investigação foi de cunho histórico, em função da ênfase em fontes primária e pelo fato de não ter usado a pesquisa metodológica, que levaria aplicações da matemática e estatística.

Enfim, a pesquisa desta dissertação pode ser também considerada como exploratória descritiva e explicativa, ao mesmo tempo. Como explica Boaventura, as pesquisas devem ser classificadas com base nos seus objetivos:

As pesquisas descritivas identificam as características de determinada população ou fenômeno. O melhor exemplo é o levantamento ou survey. Por fim, as explicativas objetivam identificar os fatores que interferem ou condicionam a ocorrência dos fenômenos, como a pesquisa experimental e *ex post facto* (a partir do fato passado). (2004, p. 57).

### **3.1.1 Coleta de dados**

Além da observação participante (estudo de caso), como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista e, como instrumentos, as anotações, as gravações de áudio e gravação de vídeo, por se tratar de uma comunidade de cultura oral e, conseqüentemente, se expressar também pelos gestos.

Informo que os dados desta pesquisa decorrem das narrativas de 30 pessoas entrevistadas, dentro de 20 núcleos familiares em que pude ser recebida na ocasião do trabalho de campo. Não fui recebida na maioria dos cento e cinquenta e dois núcleos familiares (sítios ou casas), por várias razões, dentre as quais a limitação do transporte, para os dois lados, pois eu fui para a comunidade, seguindo a orientação do presidente da Associação, nas segundas e quartas-feiras, durante quatro meses. Saía de Alagoinhas com o primeiro transporte que vai para o Distrito de Boa União, de segunda a domingo, às seis da manhã, e voltava com o último transporte, que vai do Distrito de Boa União para Alagoinhas, às dezessete horas e trinta minutos. O fato é que a maioria dos membros da comunidade que trabalham em Alagoinhas ou que vendem os produtos agrícolas em diversas feiras, faziam os mesmos trajetos em sentido contrário e nos mesmos horários. Vale lembrar, ainda, que a comunidade do Cangula afirmou a sua desconfiança com os pesquisadores e os políticos, por razões já mencionadas anteriormente.

Entendo como “núcleo familiar” dos moradores da Comunidade Quilombola de Cangula uma moradia onde há membros de família compartilhando o mesmo espaço. Esta moradia pode ser uma casa ou um sítio onde cada membro da família tenha erguido sua casa, sabendo-se que foi declarado haver três famílias/linhagens locais: “Paixão”, “Carvalho” e

“Jesus”. Durante o trabalho de campo, detectei uma quarta família/linhagem infiltrada em todas as três primeiras que é a linhagem “Santos”. A partir destas bases, defino as variáveis.

### 3.1.2 Definição das variáveis

As variáveis foram definidas em duas partes: variáveis identificadoras e variáveis de pesquisa. Esta classificação obedece ao modelo que o Professor Múleka Ditoka wa Kalenga (2004) aplicou na sua disciplina “Metodologia Científica”.

VARIÁVEIS IDENTIFICADORAS: a idade, a família/linhagem, o nível de instrução, o gênero, a religião e o estado civil dos(as) entrevistados(as). Estas variáveis identificam as pessoas segundo suas próprias definições. O critério escolhido para esta classificação é puramente operacional, pois a pesquisa trata do cotidiano das pessoas que se expressam em narrativas.

VARIÁVEIS DA PESQUISA:

1. *Qual a produção que sustenta a família?*

Sabendo-se que os sujeitos são membros da Associação Comunitária dos Agricultores do Cangula, a esta pergunta foi respondido o tipo de atividades usado para a subsistência material.

2. *Quem participa das decisões na comunidade?*

Em uma comunidade, de fato, há um jogo de poder político muito grande, que pode ser ditatorial ou democrático, e isto influencia o modo de vida da comunidade.

3. *Quais são as necessidades dentro da comunidade?*

Analisando as narrativas, chegamos a identificar as necessidades prioritárias para a subsistência da comunidade do Cangula.

4. *Qual a ligação com a África?*

Esta variável permitiu verificar a forma pela qual os membros da comunidade entendem e se identificam como descendentes dos africanos.

5. *Como é feito o contato com os governos federal, estadual e municipal?*

Esta variável permite detectar o espírito de liderança dentre os(as) entrevistados(as).

6. *Há alguma diferença entre o momento atual e o momento de não reconhecimento como remanescentes quilombolas?*

As respostas a esta pergunta nos auxiliam a entender o cotidiano da comunidade.

7. *Como é feita a coleta de lixo?*

A variável serve para compreender a relação da comunidade com a natureza e o meio ambiente no seu cotidiano.

8. *Quais os hábitos que se tinha antes do reconhecimento e que permanecem até o momento atual?*

Através desta variável, é possível identificar as características específicas da comunidade do Cangula, características estas que não deixariam de existir apesar de mudanças.

### 3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OU ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação dos resultados será feita com o auxílio de tabelas e gráficos que serão comentados. O universo investigado são as narrativas de trinta pessoas encontradas em vinte núcleos familiares membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula.

#### 3.2.1 Análise das variáveis identificadoras

Antes de relatar a coleta de dados identificadores, trago aqui algumas entrevistas cujas falas são sobre idade, família/linhagem, nível de instrução, gênero, religião e estado civil. Entrevistando Maria 1, em 5 de dezembro de 2012:

Eu: – *Você tem irmãos?*

Maria 1: – *[...] agora um [...] eu sou a mais nova eh! [...] depois de mim, nasceu outra, mas morreu criança[...]*

Eu: – *Você estudou?*

Maria 1: – *Não, não tive tempo para estudar.*

Eu: – *Você sabe escrever seu nome?*

Maria 1: – *Não.*

Eu: – *O que você fazia?*

Maria 1: – *Com dez anos, já tomava conta da casa, ela trabalhava na roça toda hora, eu tomava conta dos filhos dela, eu cuidava, lavava, dava banho [...].*

Eu: – *Mas não deu escola para você?*

Maria 1: – *Não deu não [...] eu não tive escola.*

Eu: – *Você se casou com uma pessoa do Cangula?*

Maria 1: – *Foi, eu nasci domingo [...] eu, meu marido nasceu domingo pela noite, nós nos criamos e nós nos casamos juntos, oito filhos [...].*

Em uma fala anterior, Maria 1, que é da linhagem “Santos”, explicou que nasceu na fazenda Sítio e que chegou à Cangula com quatro anos, quando a madrinha a “pegou para criar”, depois do falecimento dos seus pais. Em outras falas, ela justifica porque não teve tempo de estudar. Observo que a madrinha, na realidade, a “pegou” para tomar conta da sua casa e cuidar dos filhos dela enquanto trabalhava na roça. Por isto, a Maria 1 não podia estudar, pois, na realidade, ela pagava com as tarefas domésticas a sua estadia na casa da dita “madrinha”. Maria 1 era viúva; o marido era da linhagem “Jesus.

Quando faço a pergunta sobre os estudos dos filhos e das filhas de Maria 1, ela então aproveita para esclarecer que mesmo que ela não tenha estudado, ela tinha preocupação com os estudos das crianças do Cangula, a tal ponto, que ela parou um Senhor pedindo ajuda sobre isso. Também pude entender porque uma publicação na Internet dizia que a primeira professora se chamava Virginia, porque foi ela que cuidou de fazer a lista das mães que tinham filhos para colocar na escola, mas a primeira professora foi a Carmelita como relata Maria 1.

Eu: – *Colocou seus filhos na escola?*

Maria 1: – *[...] Primeira professora foi Carmelita, não, Carlinda, era filha de Maria Antônia e o pai era a [...] Eu vi um Senhor que veio aqui, se chamava Petrônio [...], aí eu disse ‘Oh Senhor Petrônio, ajude as mães daqui para que os filhos possam estudar’ [...] ele me disse: ‘A Senhora quer o que?’; eu disse: ‘Eu quero uma professora pro Cangula’; aí, ele disse assim: ‘A senhora vai fazer assim: a Senhora sai nas casas, anotando os nomes das famílias e a idade dos filhos que têm e eu vou dar a Senhor Manoel de Alagoinhas e Senhor Manoel manda para [...] uma professora para aqui’ [...] Aí eu não fiz, quem fez foi a minha filha, que é a Virginia; ela saía anotando as mães e os filhos também, mãe e filhos, anotando tudo aí para dar ao Senhor Petrônio, pro senhor Petrônio dar pro Senhor Manoel, pro Senhor Manoel mandar pra [...] Mas, depois, a Carlinda foi embora e aí quem ensinava era Carmelita, que é irmã da Carlinda, pela manhã; e Virginia pela tarde e à noite [...].<sup>19</sup>*

Sobre o nível de instrução, Maria 3, da linhagem “Jesus”, 59 anos, casada, o marido com 62 anos e da mesma linhagem, ambos da religião evangélica, declara:

– *Eu mesma estudei até a terceira série e estudava de noite [...] porque de dia era para trabalhar e comecei a trabalhar com idade de sete anos [...] trabalhava de inchada na roça, então o dia era para ajudar mãe nas coisas e de noite a gente ia por [...] para escola [...] minha irmã era a primeira, então deu ela para meu tio, que morava em Salvador, e ela teve condição de estudar mais [...] mas a gente que ficou aqui na roça [...] escrevo alguma coisa, mas só até a terceira série [...].* (Maria 3, entrevistada em 17 de dezembro de 2012).

Depois desta declaração, deduzi que Maria 3 era filha de Maria 1. Também percebi que a Maria 1, apesar de estar em vida, preferiu dar a primeira filha (Virginia) para um membro da família (o “Tio” citado por Maria 3) que morava em Salvador, fora do Cangua, portanto. Esta teve mais sorte do que ela e aproveitou para estudar. Depois dos estudos, ela voltou para a casa da mãe, ajudando no sustento da família e no crescimento da comunidade, pois, além de coletar os nomes das mães para a instrução dos filhos, ela acabou dando aula na escola da comunidade.

Quando pergunto para Maria 2 (67 anos) e João<sup>14</sup> (69 anos), das linhagens de “Paixão” e “Carvalho” e de religião evangélica, sobre o nível de instrução, ela logo explicou:

– *A gente fez essa casa aqui com [...] vendemos calvão, a gente vendia o calvão, comia e aí a gente fomos comprar o material, ainda não era aposentados ainda [...] Aí nós construímos essa casa [...] ainda falta coisa aí pra gente acabar de construir [...] menino homem seis e menina mulher foram dez [...] Eu botei todos para estudar agora, porém, que eles não concluíram nenhum [...] não concluíram, só mal sabem escrever só nome pronto, assinar alguma coisa assim [...] como é que se diz [...] no mais, ninguém concluiu.* (Maria 2, entrevista em 5 de dezembro de 2012).

Sobre os estudos, Maria 5, das linhagens “Santos” e “Carvalho”, de 58 anos, casada com João 11, de 68 anos, linhagem “Lima”, ambos da religião católica, respondeu:

– *Fui até o primeiro ano, só sei escrever meu nome, mas ler assim, não [...] agora meus meninos sabem tudo [...] meu marido sabe um pouquinho também [...] ele não lê assim bem [...] O pior é que aqui não tem como sobreviver [...] aqui tem é muito pouco [...] o que que faz? [...] você tem que estudar [...] naquele tempo, que a gente botava os meninos no colégio, era machado, era cortar a mandioca para vender [...] mas nem por isso a gente deixou de não botar eles no colégio [...] e a gente botava, no dia que eles não queria ir: “Você vai” [...], e hoje em dia nenhum dele está morando aqui, tá tudo mundo com o dele [...] só um aqui, é o caçula, que ficou meio assim, não sabe direito [...] mas os outros já tirou Detran, tem dois que estão em São Paulo [...].* (Entrevista em 17 de dezembro de 2012).

Quando Maria 5 fala dos filhos, é diferente da Maria 2, pois ela pode dizer que obteve um resultado positivo com os filhos, já que todos estudaram e não moram no Cangula. Para Maria 5, o fato de os filhos morarem longe da comunidade é um progresso, pois na comunidade não há possibilidade de se desenvolver devido à falta de oportunidades. Este fato a faz dizer que no Cangula há muito pouco, então, o melhor é estudar e sair da comunidade à procura de oportunidade. Quando ela fala que os outros filhos já tiraram o “Detran”, ela quer dizer que sabem dirigir carros e tiraram as carteiras de habilitação. Isto os capacita ainda mais para as oportunidades do mercado de trabalho.

Comparando as duas situações, chego a entender que se, em resposta à pergunta sobre estudos, Maria 2 começa por explicar sobre a construção da casa, é porque o resultado está sendo positivo e válido, pelos sacrifícios que tem passado. Quanto aos filhos, ela não recebeu um resultado positivo, pois ela fez a sua obrigação de colocá-los na escola, mas eles escolheram não estudar, apesar dos sacrifícios dos pais.

Da mesma forma, Maria 5, em resposta sobre o mesmo problema, logo fala do resultado positivo que é o progresso dos filhos nos estudos. Daí, aproveito para lhe perguntar:

Eu: – *Quantos filhos você tem?*

Maria 5: – *Eu, dez!*

Eu: – *Dez?*

Maria 5 – *Sim! Tive onze morreu um, tenho dez, cinco mulher e cinco homem [...] agora essa daqui casou e mora na casa dela, e aí tenho outra que casou, mora na cidade de Boa União, a outra duas, mora em Salvador [...] aqui mesmo tenho dois também, dois homem e duas mulher em Salvador [...] aqui só tem dois rapazes comigo [...]*

Vendo a Maria 5 falando dos filhos, observei o quanto ela estava feliz de falar de cada um(a) dos(as) filhos(as) e, sobretudo, de citar que eles(as) moram fora do Cangula. Isto aumenta a sua autoestima como mãe e como pessoa crescida no Cangula onde, segundo ela, tem muito poucas oportunidades.

Maria 7, 46 anos, de linhagem “Da Silva” e “Carvalho”, casada com João 9, 42 anos, de linhagem “Santos”. De religião evangélica, é a única das entrevistadas que tem estudo acima do segundo grau. Ela é tecnóloga e é representante comercial da Forewer e outras marcas de cuidado da beleza. Quando lhe pergunto sobre o nível de instrução, ela diz:

– *Somos estudados! Meu pai sempre dizia: “Minha filha estude porque se estudar, você não vai precisar de marido” [risos] [...] Eu sou um caso especial porque quando saí daqui sem saber se tinha parentes e as pessoas queriam saber: “Que*

*descendência você é?”; [...] “Mas por que você é assim?”; [...] Então a gente teve que voltar para perguntar a minha mãe, por que as pessoas tinham que fazer essas perguntas se a gente é brasileira [...] Aí minha mãe teve que contar para nós como foi que aconteceu, aí que quando o bisavô dela veio, num navir de guerra, ele começou a trabalhar aqui pelas fazendas e aí quando ele conseguiu receber um pouco de dinheiro ele comprou um terrenozinho, um terreno que fica por ali [...] mas e outro que fica por ali [...] mas acho que era uma fazenda imensa [...] (Maria 7, entrevista concedida em 19 de dezembro de 2012).*

Em seguida, eu pergunto a Maria 7 sobre a religião que ela frequenta, a resposta foi espontânea:

*– Deus vai ajudar o povo daqui, só basta eles acreditarem que Deus existe [...] Minha religião é Deus, eu creio em Deus e creio que não ia criar o mundo e abandonar assim. A minha igreja mesmo que eu vou é a igreja mundial messiânica do Brasil [...].*

Pela fala de Maria 7, entendo que ela se sentiria melhor se a comunidade a aceitasse, pois ela acaba de comprar, junto com a irmã que mora na Itália, a casa no Cangula, porque ela tem parentes que moram na comunidade e se identificou como sendo descendente de Cangula. Acontece que por ela ter viajado muito pelo Brasil e fora do Brasil, ela acredita que se possa mudar o Cangula e dar oportunidade a todos(as). Por exemplo, ela abriu um salão de beleza na comunidade com a esperança de incentivar as mulheres a frequentarem o espaço e a aprenderem o que ela aprendeu como, por exemplo, o tratamento de cabelo crespo. Isto a leva a responder a minha pergunta sobre religião com a frase “*Deus ajudará o povo daqui, só basta eles acreditarem que Deus existe*” (Maria 7).

Voltando a falar sobre o nível e a oportunidade de escolaridade no Cangula, no dia 7 de janeiro de 2013, Maria 14 comentou:

*Maria 14: – Muita gente vai fora procurar trabalho. Hoje a juventude faz isso né [...] Estuda, muitos estudam, muitos abandonam e vão embora. A juventude de hoje é mais difícil de ser trabalhada [...] Antes não, antes, eles tinham perspectiva, sonhavam [...] Para mim hoje, é o pior grupo de se trabalhar [...] Marca colégio, não vai [...] A maioria já saíram do colégio estão todos aí perambulando [...] Tem muitas oportunidades [...] não aqui na comunidade, mas o colégio é logo ali! [...] Tem segundo grau a noite, não tinha, mas agora já tem [...] Quando eu estudava, eu ia de pé lá na praça de Boa União no centro [...] Não tinha transporte [...] Hoje tem ônibus que pega logo ali na estrada [...] Por que que não vai? De graça! [...] de manhã, de tarde e de noite [...].*

Eu: – *Qual é a causa do abandono escolar?*

Maria 14: – [...] *Eu chamo de falta de interesse [...] Eles têm tudo [...] A juventude de antes era assim [...] Gente fazia o que? Ia pra roça, capinava, buscava água na fonte, buscava a lenha lá no mato e estudava [...] E hoje? Tem água encanada, tem tudo, tem bolsa família, porque antigamente a gente não tinha, porque o governo está dando ajuda, é pouco, mas serve! [...] Antigamente não tinha nada de ajuda do governo [...] Aí eu chamo isso de falta de interesse [...].*

Esses comentários de Maria 14 começaram a abrir uma outra compreensão da comunidade e do seu modo de vida real. Percebi, na sua fala, que o governo municipal procura melhorar as condições da comunidade como, por exemplo, a questão de transporte escolar, três turnos da escola para possibilitar a atualização de todos(as). Até então, eu pensava que as crianças da comunidade não estariam tendo oportunidade para estudar, mas a Maria 14 me alertou sobre o fato de que as próprias crianças fogem da escola para se contentar só com os benefícios recebidos, sem cumprir com as suas obrigações a primeira das quais seria participar das aulas.

Vamos agora relatar a coleta de dados identificadores.

Tabela 1 – Classificação das trinta pessoas entrevistadas por faixa etária e família/linhagem<sup>24</sup>

FAIXA ETÁRIA	FAMÍLIA/LINHAGEM									
	PAIXÃO		CARVALHO		JESUS		SANTOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mais de 80	1	3,33	1	3,33	0	0	2	10	4	<b>13,33</b>
60–80	3	10	2	6,66	1	3,33	5	16,66	11	<b>36,66</b>
40–60	3	10	2	6,66	2	6,66	5	16,66	12	<b>40</b>
20–40	1	3,33	2	6,66	0	0	3	10	6	<b>20</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>26,65</b>	<b>7</b>	<b>23,31</b>	<b>3</b>	<b>9,99</b>	<b>15</b>	<b>49,99</b>	<b>33</b>	<b>110</b>

A Tabela 1 indica que:

- ✓ Foram entrevistadas trinta pessoas dentro de vinte núcleos familiares membros da Associação, que representa o total da análise (100%).
- ✓ A faixa etária varia entre vinte a mais de oitenta anos: 23,32% das pessoas entrevistadas estão na faixa etária de mais de 80 anos<sup>25</sup>; 6,66% destas pessoas

<sup>24</sup> Assim como as fotos, todas as tabelas e gráficos aqui apresentados são de elaboração própria.

<sup>25</sup> A “Maria 1” faleceu logo depois do meu trabalho de campo. Ela tinha 94 anos e era uma das mais velhas da comunidade.

pertencem à linhagem “Paixão”; 6,66%, à linhagem “Carvalho”; e 10% à linhagem “Santos”.

✓ 26,65% das pessoas entrevistadas estão na faixa etária de 60 anos até 80 anos; 6,66% delas pertencem à linhagem “Paixão”; 3,33, à linhagem “Carvalho”; 3,33%, à linhagem “Jesus” e 13,33%, pertencem à linhagem “Santos”.

✓ 40% das pessoas entrevistadas estão na faixa etária de 40 anos até 60 anos; 3,33% delas pertencem à linhagem “Paixão”; 6,66, à linhagem “Carvalho”; e 10%, à linhagem “Santos”.

✓ 20% das pessoas entrevistadas estão na faixa etária de 20 anos até 40 anos; 6,66% delas pertencem à linhagem “Paixão”; 3,33, à linhagem “Carvalho”; 3,33%, à linhagem “Jesus”; e 13,33% pertencem à linhagem “Santos”.

Observa-se que todas as quatro linhagens foram representadas de alguma forma. A linhagem “Jesus” está com um percentual pequeno. Aparece também um total acima de 100% (110%), devido ao fato de várias pessoas terem se identificado com duas linhagens, da parte materna e da parte paterna. Há também uma linhagem que não é declarada, como aconteceu em várias ocasiões, de pessoas é “Jesus / Santos”, mas se identifica pelo “Santos”.

Tabela 2 – Classificação das pessoas entrevistadas por faixa etária e nível de instrução

FAIXA ETÁRIA	NÍVEL DE INSTRUÇÃO											
	NENHUMA		1º Grau incompleto		1º Grau completo		2º Grau incompleto		2º Grau completo		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mais de 80	3	10	0	0	0	0	0	0	0	0	3	10
60–80	7	23,33	3	10	0	0	0	0	0	0	10	33,33
40–60	1	3,33	7	23,33	2	6,66	0	0	2	6,66	12	40
20–40	0	0	0	0	4	13,33	0	0	3	10	7	23,33
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>36,66</b>	<b>10</b>	<b>33,33</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>16,66</b>	<b>32</b>	<b>106,66</b>

A Tabela 2 indica que:

✓ Foram entrevistadas trinta pessoas dentro de vinte núcleos familiares membros da Associação, número que representa 100% do total analisado sobre a faixa etária e o nível de instrução.

✓ 3 pessoas (10%) do total entrevistado têm mais de 80 anos e nenhuma delas estudou.

✓ 10 pessoas (33,33%) do total entrevistado têm de 60 a 80 anos; destas pessoas, 7 (23,33%) não estudaram e 3 (10%) estudaram o primeiro grau mas não completaram;

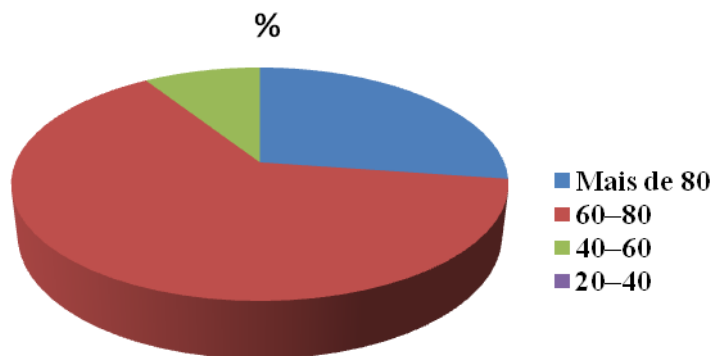
✓ 10 pessoas (33,33%) do total entrevistado têm de 40 a 60 anos; destas 7 (23,33%) não completaram o primeiro grau, 2 pessoas (6,66%) o completaram e os mesmos 6,66% completaram o segundo grau;

✓ 7 pessoas (33,33%) do total entrevistado têm de 20 a 40 anos; dentre estas, 4 (13,33%) do total da amostra completaram o primeiro grau e 3 (10%) continuaram até terminar o segundo grau.

Observa-se que o total da Tabela 2 apresenta 32 pessoas (106,66%) em função de as pessoas que fizeram o Segundo Grau Completo serem as mesmas que terminaram o Primeiro Grau. Pouco dentre os mais velhos estudaram, mas, a partir da faixa etária de 20 a 40 anos, as pessoas estudam, pelo menos, o primeiro grau e são alfabetizadas ou sabem escrever, pelo menos, os próprios nomes.

Tabela 3/Gráfico 1 – Nível de Instrução: Nenhum

FAIXA ETÁRIA	NENHUMA INSTRUÇÃO	
	N	%
Mais de 80	3	10,00
60–80	7	23,33
40–60	1	3,33
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>36,66</b>

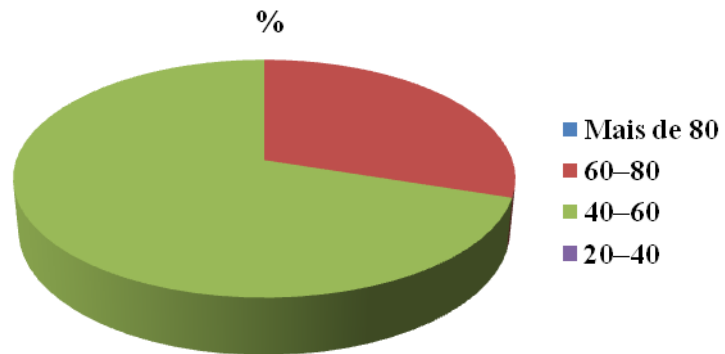


A Tabela 3 e o Gráfico 1 indicam que:

✓ Do total entrevistado sem nenhuma instrução, 3 pessoas (10%) têm mais de 80 anos; 7 pessoas (23,33%), de 60 a 80 anos; 1 pessoa (3,33%), de 40 a 60 anos; e nenhuma pessoa tem de 20 a 40 anos, confirmando, assim, que as pessoas entrevistadas nesta faixa etária estudaram, pelo menos, o primeiro grau, conseqüentemente, sabem, no mínimo, escrever seus nomes.

Tabela 4 / Gráfico 2 – Nível de Instrução: Primeiro Grau Incompleto

FAIXA ETÁRIA	1º GRAU INCOMPLETO	
	N	%
Mais de 80	0	0
60–80	3	10,00
40–60	7	23,33
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>33,33</b>

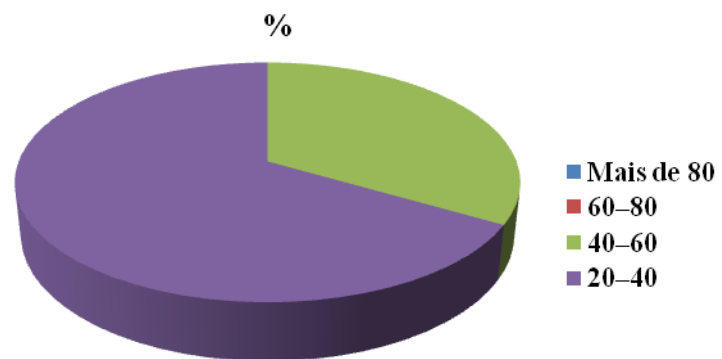


A Tabela 4 e o Gráfico 2 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas e com primeiro grau incompleto, nenhuma pessoa tem mais de 80 anos, 3 pessoas (10%) têm de 60 anos a 80 anos; 7 pessoas (23,33%), de 40 a 60 anos; nenhuma pessoa tem de 20 a 40 anos. Aqui percebi que, antigamente, não havia possibilidades ou condições de estudar. Tudo começou quando a Maria 1 junto com a filha Virginia coletaram a lista das mães com os filhos que tinham que entrar na escola.

Tabela 5 / Gráfico 3 – Nível de Instrução: Primeiro Grau Completo

FAIXA ETÁRIA	1º GRAU COMPLETO	
	N	%
Mais de 80	0	0
60–80	0	0
40–60	2	6,66
20–40	4	13,33
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>20,00</b>



A Tabela 5 e o Gráfico 3 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas e com primeiro grau completo, nenhuma tem mais de 80 anos, ou de 60 a 80 anos; 2 pessoas têm de 40 a 60 anos; e 4 pessoas têm de 20 a 40 anos.

Tabela 6 – Nível de Instrução: Segundo Grau Incompleto

FAIXA ETÁRIA	2º GRAU INCOMPLETO	
	N	%
Mais de 80	0	0
60–80	0	0
40–60	0	0
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

A Tabela 6 indica que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas nenhuma pessoa tem o segundo grau incompleto. Por isto não há necessidade de gráfico.

Tabela 7 – Nível de Instrução: Segundo Grau Completo

FAIXA ETÁRIA	2º GRAU COMPLETO	
	N	%
Mais de 80	0	0
60 – 80	0	0
40 – 60	2	6,66
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>6,66</b>

A Tabela 7 indica que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas com o segundo grau completo, nenhuma pessoa tem mais de 80 anos ou de 60 a 80 anos; as 2 pessoas que têm de 40 a 60 anos e que terminaram o primeiro grau continuaram estudando até terminar o segundo grau; e das 4 pessoas de 20 a 40 anos que terminaram o primeiro grau, uma não continuou os estudos e 3 completaram o segundo grau.

Tabela 8 – Classificação das pessoas entrevistadas por faixa etária e religião que frequenta:

FAIXA ETÁRIA	RELIGIÃO										TOTAL	
	NENHUMA		MATRIZ AFRICANA		CATÓLICA		EVANGÉLICA		OUTRAS			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mais de 80	0	0	0	0	2	6,66	1	3,33	0	0	3	10
60–80	0	0	1	3,33	6	20	4	13,33	0	0	11	36,66
40–60	3	10	0	0	3	10	4	13,33	0	0	10	33,33
20–40	0	0	0	0	4	13,33	3	10	0	0	7	23,33
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>3,33</b>	<b>15</b>	<b>49,99</b>	<b>12</b>	<b>39,99</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>31</b>	<b>103,33</b>

A Tabela 8 indica que:

- ✓ Foram entrevistadas 30 pessoas dentro de 20 núcleos familiares de membros da Associação, que representa 100% da amostra analisada sobre a faixa etária e a religião frequentada por cada um(a).
- ✓ Observe-se que são as mesmas pessoas que responderam às perguntas sobre instrução e, no entanto, o total da Tabela 8 apresenta 31 pessoas (103,33%) porque a pessoa que pratica a religião da matriz africana é também católica.

Tabela 9– Religião: Nenhuma

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>NENHUMA RELIGIÃO</b>	
	<b>N</b>	<b>%</b>
Mais de 80	0	0
60–80	0	0
40–60	3	10
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>10</b>

A Tabela 9 indica que:

- ✓ Do total das pessoas entrevistadas e sem nenhuma religião, não há pessoas de mais de 80 anos nem de 60 a 80 anos; 3 pessoas (10%) têm de 40 a 60 anos; e não há pessoas que têm de 20 a 40 anos.

Tabela 10 – Religião: Matriz Africana

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>RELIGIÃO MATRIZ AFRICANA</b>	
	<b>N</b>	<b>%</b>
Mais de 80	0	0
60–80	1	3,33
40–60	0	0
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>3,33</b>

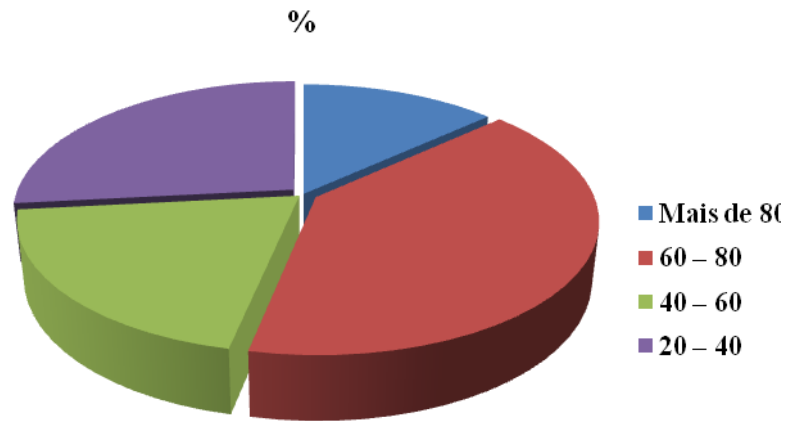
A Tabela 10 indica que:

- ✓ Do total das pessoas entrevistadas só há uma pessoa que tem entre 60 e 80 anos, que pratica a religião da matriz africana.
- ✓ Percebe-se que as pessoas estão em uma religião como consequência da subsistência, pois as igrejas pentecostais e católicas têm possibilidades materiais

para intervir na vida dos fiéis, em casos de doença ou necessidades de sobrevivência:

Tabela 11 / Gráfico 4 – Religião: Católica

FAIXA ETÁRIA	RELIGIÃO CATÓLICA	
	N	%
Mais de 80	2	6,66
60 – 80	6	20,00
40 – 60	3	10,00
20 – 40	4	13,33
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>49,99</b>

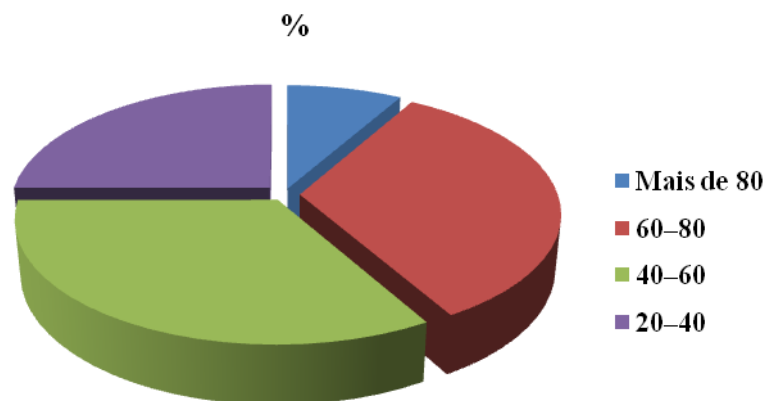


A Tabela 11 e o Gráfico 4 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas que praticam a religião católica, há 2 pessoas (6,66%) de mais de 80 anos; 6 pessoas (20%), de 60 a 80 anos; 3 pessoas (10%), de 40 a 60 anos; e 4 pessoas (13,33%), de 20 a 40 anos.

Tabela 12 / Gráfico 5 – Religião: Evangélica

FAIXA ETÁRIA	RELIGIÃO EVANGÉLICA	
	N	%
Mais de 80	1	3,33
60-80	4	13,33
40-60	4	13,33
20-40	3	10,00
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>39,99</b>



A Tabela 12 e o Gráfico 5 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas que praticam a religião evangélica, há 1 pessoa (3,33%) de mais de 80 anos; 4 pessoas (13,33%), de 60 a 80 anos, 4 pessoas (13,33%), de 40 a 60 anos; e 3 pessoas (10%), de 20 a 40 anos.

Tabela 13 – Classificação das pessoas entrevistadas por estado civil

FAIXA ETÁRIA	ESTADO CIVIL								TOTAL	
	SOLTEIRO		CASADO		VIÚVO		OUTROS		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Mais de 80	0	0	0	0	3	10,00	0	0	3	10,00
60–80	0	0	7	23,33	1	3,33	2	6,66	10	33,33
40–60	2	6,66	4	13,33	0	0	4	13,33	10	33,33
20–40	2	6,66	5	16,66	0	0	0	0	7	23,33
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>13,33</b>	<b>16</b>	<b>53,33</b>	<b>4</b>	<b>13,33</b>	<b>6</b>	<b>20,00</b>	<b>30</b>	<b>100,00</b>

A Tabela 13 indica que:

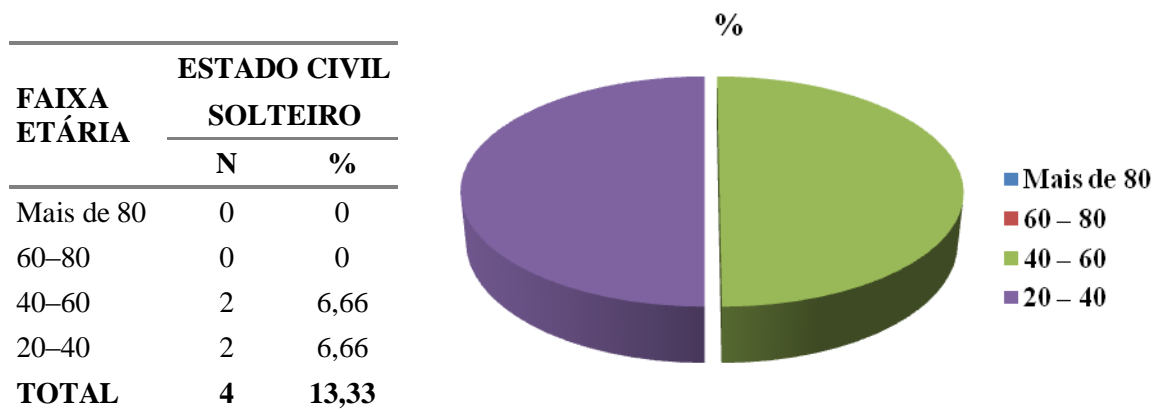
✓ Foram entrevistadas 30 pessoas dentro de 20 núcleos familiares de membros da Associação que número representa 100% das pessoas entrevistadas sobre a faixa etária e o estado civil de cada um(a).

✓ Observei que, mesmo separados, os casais continuam tendo um laço em função das terras que possuem juntos. Por exemplo, um casal com mais de sessenta anos vive separado, mas morando no mesmo núcleo familiar onde cada um tem sua casa, mas as lavouras continuam sendo tratadas e usadas no cotidiano, compartilhando entre os dois e os filhos. A única condição é que o ex-marido não pode conviver com outra mulher ou esposa na casa que está dentro do sítio (núcleo familiar) e quando indago para “Maria 11” por que isto se já estão separados há muitos anos? ela responde com convicção:

– *Aqui é o terreno dos meus avós, da minha família, aqui é meu terreno...*

(Entrevista concedida por “Maria 11”, 7 jan. 2013).

Tabela 14 / Gráfico 6 – Estado Civil: Solteiro(a)

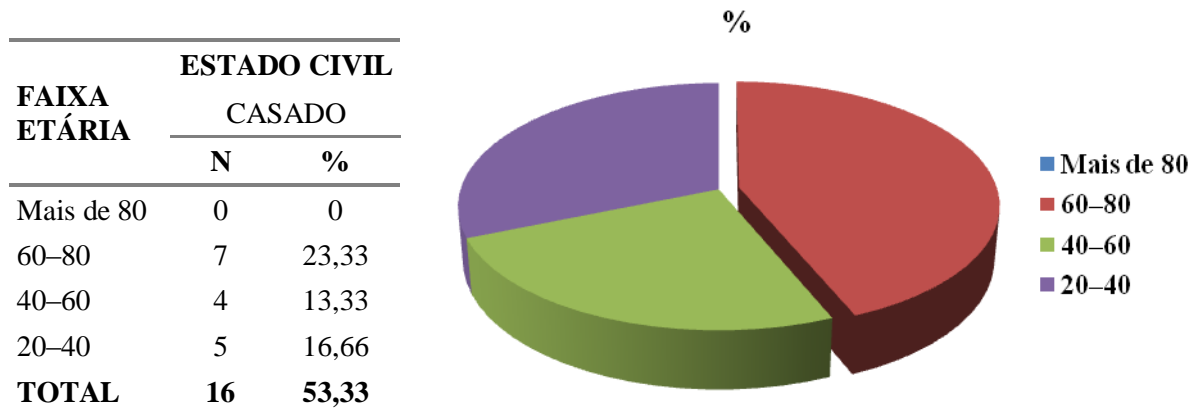


A Tabela 14 e o Gráfico 6 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas cujo estado civil é solteiro(a), há 2 pessoas (6,66%) que têm de 40 a 60 anos; e 2 (6,66%) de 20 a 40 anos.

Este fato me leva a presumir que antigamente, o casamento era importante, mesmo que depois venha a se separar.

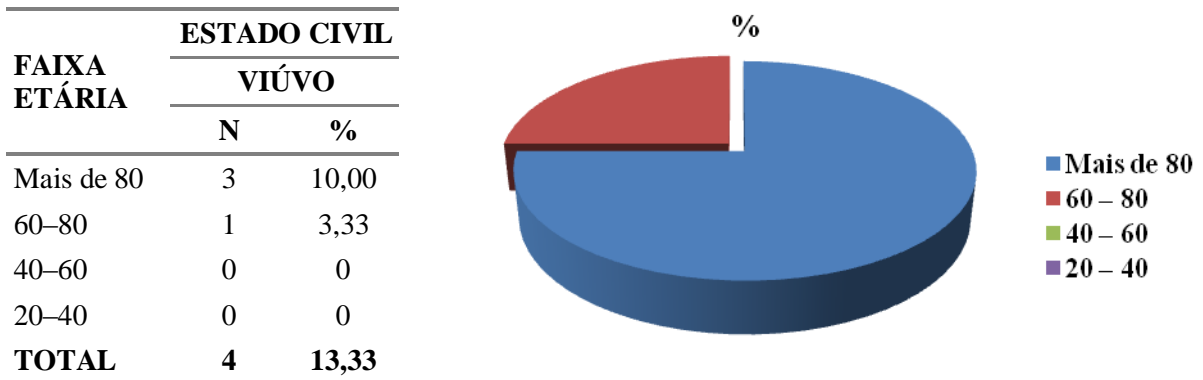
Tabela 15 / Gráfico 7 – Estado Civil: Casado(a)



A Tabela 15 e o Gráfico 7 indicam que:

✓ Do total da amostra entrevistada com estado civil casado(a), há 7 pessoas (23,33%) de 60 a 80 anos; 4 pessoas (13,33%), de 40 a 60 anos; e 5 pessoas (16,66%) que têm de 20 a 40 anos.

Tabela 16 / Gráfico 8 – Estado Civil: Viúvo(a)

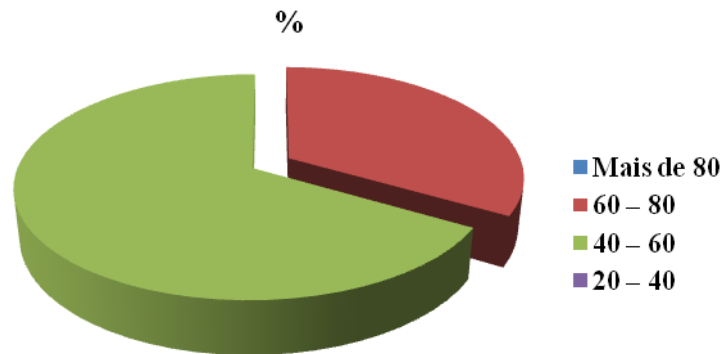


A Tabela 16 e o Gráfico 8 indicam que:

✓ Do total das pessoas entrevistadas cujo estado civil é viúvo(a), há 3 pessoas (10%) de mais de 80 anos; e 1 pessoa (3,33%) de 60 a 80 anos.

Tabela 17 / Gráfico 9 – Estado Civil: Outros

FAIXA ETÁRIA	ESTADO CIVIL	
	OUTROS	
	N	%
Mais de 80	0	0
60–80	2	6,66
40–60	4	13,33
20–40	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>20,00</b>



A Tabela 17 e o Gráfico 9 indicam que:

- ✓ Do total das pessoas entrevistadas com estado civil outros, há 2 pessoas (6,66%) de 60 a 80 anos; e 4 pessoas (13,33%) que têm de 40 a 60 anos.

Antes de passar para a análise das variáveis de pesquisa, gostaria de lembrar que foram entrevistadas trinta pessoas dentre as quais 16 mulheres, que são identificadas neste trabalho pelos nomes fictícios de “Maria 1 a Maria 16”, e 14 homens, identificados como “João 1 a João 14”.

### 3.2.2 Análise das variáveis de pesquisa

As variáveis de pesquisa são as perguntas que foram feitas aos/às entrevistados(as) para resolver o problema da pesquisa que é o de entender o cotidiano do povo da comunidade quilombola do Cangula. Os dados foram colhidos em forma de narrativa das pessoas entrevistadas. Como já foi mencionado, essas pessoas são as mesmas das quais acabei de analisar os dados identificadores.

Antes de começar a análise, que será feita com o auxílio de tabela e gráficos comentados em certas variáveis se necessário, gostaria de lembrar que as variáveis de pesquisa foram oito perguntas selecionadas de muitas que foram feitas durante o trabalho de campo.

#### 3.2.2.1 Qual a produção que sustenta a família?

Maria 1 diz:

– *Eu plantei fumo, muito, mas [...] tudo a minha madrinha plantava fumo e colhia fumo e vendia [...] eu fazia tudo, eu fazia o caldo do fumo [...] o burro levava [...] um fardo*

*era quatro arroba, dois fardos era oito arroba, aí o burro levava dois fardo tudo dia [...] em troca dava dinheiro.*

Como Maria 1 veio para o Cangula com 4 anos de idade para morar com a “madrinha”, posso entender que ela herdou a plantação de fumo desta madrinha e continuou trabalhando com o fumo até se aposentar.

João 14 responde assim:

*– Toda vida eu trabalhei na roça, essa roça aqui só saí uma vez [...] mais um pouco lá em Salvador [...] aí demorei um pouco mas sempre continuo na roça [...] Aí: “Vamos pra Salvador, vamos pra Salvador” por causa de telefone [...] nós voltamos pra aqui nós vivemos na roça mesmo porque é nossa mesmo, voltamos tranquilo [...]. Nós planta muita coisa, nós planta mandioca, batata, fava, amendoim, feijão, milho, fumo [...] Graças a Deus me aposentei [...].*

João 14 e Maria 2 estavam explicando que, durante um certo momento, João tinha que satisfazer o desejo dos filhos e foi trabalhar em Salvador, mas resolveu voltar para Cangula, onde se sentia à vontade. Agora, os dois são aposentados, mas continuam sempre cuidando da roça.

Maria 3: *– Meu avô trabalhava era na roça [...] e vendia na feira e meu pai [...] a gente fazia carvão, meu pai ia na frente, cortava a madeira e dizia [...] “Tô em tal lugar”, aí a gente ia, levava a farinha, levava uma água [...] a gente carregava a madeira, botava [...] ele abria a cova e botava a madeira toda, ia cortando e botando a madeira, depois jogar areia por cima. E aí a gente vinha embora para casa. Ele ficava terminando o resto [...] Aí, quando chegava o dia de sexta feira, ele ia, às vezes a gente ia ajudar ele pegar o carvão, ensacar naquele saco [...] aí amarrava e levava no jegue [...].*

Aqui, Maria 3 relata toda a estratégia que era utilizada para a fabricação e venda de carvão, na época em que ela morava com os pais. Logo, ela continua explicando o seguinte:

*– Trabalhava de roça para criar meus filhos [...] Esse terreno aqui é do meu pai, agora é meu por direito, porque antes dele falecer, ele dividiu para cada qual filho [...], que é seis irmãos, mas o caso, as três, são três que não quis terreno, aí a minha irmã mais velha fez escritura para mim [...] aí nós combinamos assim, se algum dia, essa das três irmãs quiser fazer uma casa aqui, uma faz no de [...] Toda vida eu gostei de plantas [...] cuidar de plantas é minha profissão [...] Olha, eu sei fazer um monte de coisas, eu sei torrar café [...] quando eu morava [...] aqui não, porque lá tem muito café, eu catava, colocava num balde para*

*melar, quando ele mela, aí que a gente ponha ele para secar, aí que depois a gente pisa, pisa aquela palha e depois seca na peneira e aí que vai torrar num prato de barro, torra até ele ficar bem torrãozinho [...] aí fica a mesma coisa de cocada, aí bota no pilão vai pisando, pisando, pisando até [...] (Entrevista concedida pela Maria 3, em 17 de dezembro de 2012).*

Na casa da Maria 3, tive a oportunidade de ver como ela trabalha as plantas e o quanto estas são um produto muito interessante para o sustento da família. Ela também explicou como se fazia o café: para mim foi um grande aprendizado!

Perguntada sobre o sustento da família, Maria 4 respondeu o seguinte:

*– Meu pai trabalhou com carvão [...] minha mãe trabalhava nas plantas no quintal [...] (Entrevista em 17 de dezembro de 2012).*

Maria 4, estava cansada, pois estava cuidando dos(as) bisnetos(as) que estavam correndo e brincando enquanto a mãe deles(as) administrava a casa, pois aquele dia estava faltando água na comunidade.

No mesmo dia 17 de dezembro fui entrevistar a Maria 5 que falou sobre a sustentabilidade de sua família.

*– [...] a gente trabalha com a roça, a gente planta tudo quanto tanto é tudo aqui [...] é coentro, é alface, é aipim [...] vendo lá na feira [...] eu mesma o meu espaço eu comprei, mas nunca mais eu fui porque as vezes é pouca [...]. (Maria 5, entrevistada em 17 de dezembro de 2012).*

Aqui, Maria 5 explica que, como o tempo está muito seco e sem previsão de chuva, praticamente não tem nada para levar na feira, mas o pouco que conseguia da roça, era para o sustento da família.

Maria 7 explica:

*– Eu faço tudo, sou terapeuta, faço terapia capilar, eu trabalho com o couro cabeludo, tratamento para queda, caspa e as donas de salões sempre me chamam para botar “mega” estes cabelos que amarram e deixa a mulher ficar com cabelo liso [...] (Entrevista em 19 de dezembro de 2012).*

A entrevista de Maria 7 foi muito interessante no sentido de aprendizado sobre tratamento de cabelo e lá, observei que, no jardim dela, tinha muitas garrafas pet cheias de água e estas garrafas cercavam as plantas e árvores fruteiras. Quando perguntei da necessidade destas garrafas cheias de água, ela me explicou que era uma forma de preservar a natureza e de conservar a água para ser usada quando faltar, “como hoje” [naquele dia faltava água na comunidade]. Isto foi muito interessante, porque mostrava que ela trabalhava com a

autossustentabilidade. A casa da Maria 7 tem muitas frutas, o que atraiu a minha curiosidade de saber se foi ela quem plantou as fruteiras e o que ela fazia com as frutas:

Eu: – *Esta casa é de algum parente seu?*

Maria 7: – *Sim é da minha irmã, a gente comprou isso aqui tem pouco tempo [...] a gente sabia que tinha uma tia, irmã da minha mãe, filha da minha avó [...] a gente vinha visitar e conhecer as outras tias [...] A minha mãe criou a gente com o modo daqui, modo de fazer a comida, modo de tratar a casa, de limpar a casa [...] Aqui a limpeza é fundamental dentro das casas. É uma higiene muito, muito rigorosa [...] Vendo acerola, laranja, carambola, manga, caju e se aparecem empresas para comprar aqui melhor para mim[...] Prefiro vender para empresa porque a empresa me paga bem e ganha bastante em cima, né [...] Trabalho pra gente só de catar [...].*

Eu: – *Você já conseguiu vender para empresas alguma vez?*

Maria 7: – *Não, quando eu tava com meu esposo aí havia mais pessoas aí catavam frutas, aí eu ia levar no carro aí chegava na rua e eu gritava: “Olha a fruta minha gente” e aí vinha tudo mundo comprar frutas [...] e as laranjas daqui são doce, docíssima [...] você precisa ver, é uma semente muito boa.*

Maria 7 contou depois que o marido dela trabalhava fora da comunidade e que ela estava separada dele. Daí, ela não podia mais vender as frutas na rua, pois estava sem carro para levar. O grande sonho dela é de interessar alguma empresa que possa comprar a colheita das frutas. Uma ideia muito empreendedora!

Maria 8 respondeu o seguinte sobre a subsistência de sua família, recém-chegada de Salvador e com um filho pequeno:

– *Vivemos do salário do marido e banca escolar em casa [...] Vim para cá por causa da situação que é melhor que em Salvador. Tanta violência! [...] aqui é mais sossegado [...] Aqui tudo é natural, Salvador nada é natural! Cheguei aqui este ano, tenho orgulho de morar aqui [...] Não tem hambúrguer, mas tem laranjas! [...]. (Entrevistada em 19 de dezembro de 2012).*

Uma boa visão de economia e de qualidade de vida, pois ela se sente feliz de não mais comprar hambúrguer para o filho, mas de colher laranja para ele.

No dia 7 de janeiro de 2013, foi a vez da Maria 9 falar sobre o sustento da sua família:

– *Eu moro aqui, trabalho com essas coisas mesmas [...] Eu não vendo nada, só faço para comer [...] Eu vivo do salário que recebo do governo [...] Meu pai criou a gente*

*com carvão, eu ia ajudar ele, cortava a lenha, a gente carregava para fazer carvão [...] ele trabalhava com carvão, mamãe trabalhava com beiju [...] Minha mãe é de lá do Catuzinho!*

Maria 9 é separada, mas se declara solteira e vive só com seus filhos(as). No mesmo espaço, viviam seus pais e ela tinha acabado de perder a mãe no ano 2011. Efetivamente, os produtos dela são de uso familiar e como sustento. Ela cita o salário que recebe do governo, que pode ser a bolsa família ou alguma pensão, pois a bolsa família começou há pouco tempo e ela diz que vive do salário do governo, o que significa que sempre recebeu alguma coisa do governo.

Maria 10 respondeu à pergunta sobre sustentabilidade da família nestes termos:

*– Pai fazia teia, trabalhava mais no Mangalô. Era teia e tijolinho. Minha mãe plantava alface, coentro, cebolinha [...] Tudo que plantava [...] Aí, sexta feira, a gente arrancava, fazia balainhos, botava na cabeça e ia caminhando até Alagoinhas caminhando a pé, tudo mundo [...] Eu tomava conta da minha avó, aí, ela faleceu e meu tio chegou de Salvador e disse: “Você estava aqui tomando conta dela!” Aí ele me deu esta parte e eu construí [...] Eu planto mandioca e só planto pra comer, não é pra vender não [...] Eu tenho a bolsa família, antes disso, dava o dia [...] Aí você tem uma roça e vem me perguntar: “O que vai fazer amanhã?”; “Eu, nada”; “Você quer me dar o dia?”; “Sim” [...] Aí eu trabalhava semana toda e chegava sexta feira me pagava [...] Era por dez Reais o dia [...] Agora é vinte e cinco reais o dia [...]. (Maria 10, entrevista em 7 de janeiro de 2013).*

Uma informação interessante sobre prestação de serviço na comunidade que é chamada de “dar o dia”. Maria 10 é mãe solteira e, como todo mundo da comunidade, planta mandioca só para uso da família. Como ela tem filhas na escola, ela recebe a bolsa família para outras despesas. Nesta visita, eu tive a oportunidade de conhecer as instalações sanitárias que o governo instalou para algumas pessoas da comunidade. Isto é um resultado do trabalho da Associação que tinha pedido a assistência do governo sobre isso.

Sabendo-se que os sujeitos são membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula, a esta pergunta foi respondido o tipo de atividade que é usado para a subsistência material. Como já foi explicado, os/as entrevistados(as), pertencendo à cultura oral, se expressam, na sua maior parte com a referência de seus passados, o que significa que a sua sustentação não começa hoje, mas desde que os antepassados construíram o espaço onde eles se encontram. Este fato me leva a trabalhar esta variável considerando os dados baseados nas linhagens dos núcleos familiares, lembrando que todas as quatro linhagens foram representadas, de alguma forma, como consta nas variáveis identificadoras. A linhagem “Jesus” está com um percentual pequeno. Aparece também que o total está acima

de 100% (110%), devido ao fato de que várias pessoas se identificam com as duas linhagens, da parte materna e da parte paterna.

Foto 12 – Comunidade Cangula:  
Pilão de arroz



Os principais meios de subsistência material na comunidade do Cangula são: cultivos de mandioca, feijão, milho, hortaliças, frutos e fabricação de carvão.

Nas classificações das linhagens/famílias dos vinte núcleos familiares entrevistados, conforme apresentadas nos Quadros 3 a 10, será usado o termo “SIM” na coluna do produto correspondente à linha da linhagem – ”Paixão”, “Carvalho”, “Jesus” ou “Santos” – para aquela que usa o produto ou a forma como principal forma de subsistência material e “NÃO”, para a linhagem que não usa o produto ou a forma.

Quadro 3 – Relação entre a Pergunta 1, linhagem e tipo de sustentação

LINHAGEM	TIPO DE SUSTENTAÇÃO					
	MANDIOCA	FEIJÃO	MILHO	CARVÃO	HORTALIÇA	FRUTOS
PAIXÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
CARVALHO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM
JESUS	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
SANTOS	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM

No Quadro 3, observa-se que as quatro linhagens dos núcleos familiares entrevistados usam a mandioca como meio principal de subsistência. Esta é usada para alimentar a família e é, também, vendida em forma de beiju, farinha, biscoitos e outros produtos fabricados nas casas de farinha.

O feijão é usado como principal sustentação na linhagem “Paixão” e não nas outras.

As pessoas entrevistadas das linhagens “Paixão” e “Santos” usam também o milho como meio de sustentação. Este produto é usado na alimentação familiar ou vendido nas feiras de Alagoinhas e região.

As hortaliças e os frutos são usados em todas as linhagens e são encontrados nos quintais das casas ou nas roças.

O Cangula é conhecido como fornecedor de carvão nos tempos antigos; o Quadro 3 mostra que a linhagem Carvalho não usa este meio de sustentação, mas as outras linhagens o utilizam para a subsistência material, como explica “Maria 3” (2013), na sua narrativa:

– *Meu avô trabalhava na roça e vendia na feira, meu pai fazia calvão, meu pai era crente e vendia calvão, a gente carregava no ombro... Quando chegava dia de sexta-feira ele ia pegar o calvão...*

### 3.2.2.2 Quem participa das decisões na comunidade?

Em uma comunidade, de fato, há um jogo de poder político muito grande que pode ser ditatorial ou democrático isso influencia no modo de vida da comunidade. Esta pergunta foi elaborada para poder verificar quais as pessoas que participam dos processos decisórios na comunidade. Para isso, era preciso saber quem representa as famílias na Associação. (Quadro 4).

Quadro 4 – Relação entre a Pergunta 2, linhagem e participação na Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula

LINHAGEM	QUEM PARTICIPA DA ASSOCIAÇÃO			
	PAI	MÃE	FILHOS(as)	TODOS
PAIXÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
CARVALHO	SIM	SIM	SIM	SIM
JESUS	SIM	SIM	SIM	SIM
SANTOS	SIM	SIM	SIM	SIM

O Quadro 4 demonstra que todos os membros das linhagens entrevistadas podem participar e, de fato, participam da Associação, conseqüentemente, participam das decisões na comunidade. Como os processos decisórios da Associação são feitos por eleição, podemos dizer, então, que a comunidade do Cangula é regida pelo sistema democrático.

### 3.2.2.3 *Quais são as necessidades dentro da comunidade?*

Muitos precisam de um trator porque a mão de obra humana hoje é cara e o trabalho é bem menos [...] A diária, vinte e cinco ou trinta Reais [...], mas uma hora de trator realmente vai funcionar muito mais [...] O que falta mesmo na comunidade é regularizar a questão de um transporte, o transporte escolar circulando dentro da comunidade [...] eu já falo em termo de comunidade! [...] Uma moto comunitária, a necessidade é muito grande! 154 famílias enfrentando cercas, ladeiras, areia, cachorros, vacas [...] (Maria 14, entrevista em 9 de janeiro de 2013).

Numa análise geral, cheguei a detectar as necessidades prioritárias para a subsistência da comunidade do Cangula. (Quadro 5).

Quadro 5 – Relação entre a Pergunta 3, linhagem e tipo de necessidades

LINHAGEM	TIPO DE NECESSIDADE		
	COLETA DE LIXO	ESTRADA NA COMUNIDADE	CURSO PROFISSIONALIZANTE
PAIXÃO	SIM	SIM	SIM
CARVALHO	NÃO	SIM	NÃO
JESUS	SIM	SIM	NÃO
SANTOS	SIM	SIM	NÃO

O Quadro 5 mostra que a coleta de lixo é preocupação prioritária para as linhagens “Paixão”, “Jesus” e “Santos” mas não para a linhagem “Carvalho” cuja maioria mora perto da pista onde passa a coleta de lixo do governo. A estrada ou ruas navegáveis dentro da comunidade é necessidade prioritária para todas as linhagens. Para a linhagem “Paixão”, é necessário instalar cursos

profissionalizantes na comunidade, mas as outras linhagens acreditam que se houver estrada e avenidas dentro da comunidade, poderá então ter transportes para levar quem quiser estudar em Alagoinhas onde há muitos cursos.

– *O maior problema aqui é a falta de estrada, tem gente que mora a mais de dois quilômetros da pista...* (João 2, 2013).

#### 3.2.2.4 Qual a ligação com a África?

Esta variável permitiu detectar a forma pela qual os membros da comunidade entendem e se identificam como negros e descendentes dos africanos. (Quadro 6).

Quadro 6 – Relação entre a Pergunta 3, linhagem e tipo de necessidades

LINHAGEM	TIPO DE LIGAÇÃO COM A ÁFRICA			
	NENHUMA	VONTADE DE CONHECER	PELA TELEVISÃO	UM SONHO
PAIXÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
CARVALHO	NÃO	SIM	SIM	SIM
JESUS	NÃO	SIM	SIM	SIM
SANTOS	NÃO	SIM	SIM	SIM

Segundo o Quadro 6, todas as linhagens entrevistadas acreditam ter alguma relação com a África, seja pela vontade de conhecer, pela televisão ou em um sonho, como declara “Maria 10” (2013):

– *Já fiz um sonho da África... Eu fui lá no sonho, eu vi muitas coisas bonitas, vi mais um lugar do ouro eu gostei...*

“Maria 3” (2013) tem uma sobrinha que já foi para a África e, toda feliz, ela declara:

– *Nós tínhamos o título de quilombo... Nós tinha e não sabíamos... Eu mesma... Só tá registrado gente como quilombola, não temos contato... Eu mesma nunca fui lá, tinha uma sobrinha que já foi lá.*

A ligação de “Maria 15” (2013) com a África é a cor da pele, além das danças que ela praticava usando as saias grandes, mas ela não tem vontade de conhecer a África:

– *Nesta idade não, se eu for pra lá vou morrer do choque...*

A “Maria 4”(2013) se acha negra, por não ser branca, e isto a leva a se identificar com a África. Por sua vez, “João 2” (2013) pensa que a ligação com a África era muito mais forte no passado do que agora e declara:

– *Tem que retornar como era antes... Respeitar a relação com antepassados, agora não posso dizer nada sobre a África porque não conheço bem... Não tenho problema, se tivesse não recebia você... Aqui tem gente que não sabe o que é quilombo... Na verdade, existia mesmo esse povo aí...*

João 3 (2013) declara que é ligado à África porque é filho de negro.

Para “João 7” a ligação com a África tem a ver com o fato de ser negro mas declara o seguinte:

– *[...] Rapaaaz, eu sei que a minha cor é cor de formiga agora o que é que eu sou, é o que eu não sei, se bem que branco eu não sou, mas aqui é negro...*

A identificação com a África de “Maria 4” (2013) se deu com a ajuda da neta, que insistiu em confirmar que a avó é negra e não o que ela estava declarando:

– *Pela minha qualidade só pode ser morena...*

João 1 (2013) foi objetivo e explica:

– *[...] Me considero negro e nunca fui discriminado.*

– *Eu sou negra [...] aí nossa história, nossa bisa tatá era descendente de africanos [...] Eu até abri na Internet não tem quase nada sobre nós apesar de muita gente ter procurado aqui [...].* (Maria 14, entrevista 9 de janeiro de 2013).

– *Rapaz! Não é que tenha uma ideia da África é que eu tinha um sonho de um dia ir na África [...] Mas eu vou na África [...] A ideia que tenho da África é que é um continente como o Brasil, muito rico, né [...] A África é um país muito, muito rico, tem também as guerras, né [...] Nós aqui no Brasil não temos a guerra como na África, nós temos a guerra fria aqui dentro, uma família que briga com a outra, tem uma gangue que começa a fazer confusão, aí mata não sei quantos [...], entendeu? Mas a diferença daqui do Brasil para a África é a cultura, porque a cultura europeia ela é mais exigida não como aqui, lá eles conservam muitas coisas já aqui não conserva nada. Por exemplo, se eu sair daqui e deixo essa bolsa na sua mão e peço que você guarde e se eu demoro, quando eu voltar, não vou encontrar não [...] e a pessoa vai dizer: “Eu pensei que você não vinha mais” [...].*

*Eu sou mestiça, eu sou misturada e não digo a ninguém que eu sou negra, nem que sou branca, nem que sou índia [...] Eu sou mestiça, a minha mãe [...] a mãe da minha mãe era uma índia, o meu avô, o pai da minha mãe, era um negro, o meu bisavô era um*

européu, só não sei a cor dele, mas penso que ele era amarelo [risos], e a minha tia é amarela e eu saí amarela, mas eu tenho um bocado de pinta negra [...] eu quero ser negra! Eu sou negra! Negra, negra, negra é assim! [...].

Eu comecei a trançar meu cabelo e o pessoal começou a me chamar para dizer: “Por que você está trançando o cabelo?”. Falei: “Porque eu gosto e me sinto bem com o cabelo trançado” Ai eles dizem: “Você está trançando o cabelo para se amostrar!”, mas eu não dizia nada [...]. Minha mãe ainda tem uma parenta dela que sabe fazer essas tranças deitadas[...]. (Maria 7, em 19 de dezembro de 2012).

Respondendo à pergunta sobre a África, Maria 7 explica muita coisa sobre a sua vida, sobre a cor da sua pele e a dos familiares. Ela também explica como ela está sendo vista pelos outros. O que foi interessante é que ela acha que a cor do avô materno dela é amarela!

### 3.2.2.5 Como é feito o contato com os governos federal, estadual e municipal?

Esta variável permitiu a observação da identificação dos sujeitos com a Associação à qual pertencem e responde a um dos meus objetivos, que é de diagnosticar a relação entre a comunidade e os órgãos governamentais. (Quadro 7).

Quadro 7 – Relação entre a Pergunta 5, linhagem e tipo de contato com os governos

LINHAGEM	MEIO DE CONTATO COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL		
	ASSOCIAÇÃO	POLÍTICOS QUE VISITAM A COMUNIDADE	AGENTE COMUNITÁRIA
PAIXÃO	SIM	NÃO	SIM
CARVALHO	SIM	NÃO	SIM
JESUS	SIM	NÃO	SIM
SANTOS	SIM	NÃO	SIM

O Quadro 7 mostra que todas as linhagens entrevistadas se fazem representar pela Associação nas comunicações com os governos Federal, Estadual ou Municipal e pela agente comunitária, que também faz parte da Associação.

### 3.2.2.6 Há alguma diferença entre o momento atual e o momento de não reconhecimento como remanescentes quilombolas?

– *Eu acho que a coisa melhorou um pouquinho, tá melhor do que antes estava [...]; falta coisas aqui em Cangula que ainda não conseguiu fazer [...] O que a gente queria aqui é que aqui em baixo tem uma ladeira e, quando chove, o carro não sobe e animal também não desce. Bom, a luz daqui vem de lá pra lá depois da casa do meu cunhado, aí a gente puxou de lá pra cá [...] mas, depois disso, a gente já foi lá umas três vezes [...] aí, meu irmão veio de Salvador com um colega dele, aí juntou um grupo e disseram que devia vir a luz pra todos. E quando acabou chegaram e colocaram o poste aí [...] nunca autorizaram e lá em baixo a gente já foi vítima, aí roubaram aqui, roubaram na mãe, no Cangula e foram embora. O que eles roubam é fio, eles tiraram tudo, aí a gente disse que tem que se dar a queixa, aí meu marido foi dar queixa. Quando chegou lá, eles disseram: “E o que foi que você fez?”; ele disse: “Eu saí atrás do malandro”; eles disse: “Por que você fez isso? Arriscou a sua vida!”. Aí ele disse: “Antes da política, da eleição a gente vai resolver [...] e até hoje não chegou [...]”. (Maria 5, em 17 de dezembro de 2012).*

Aqui a Maria 5 responde sobre as mudanças que aconteceram depois do reconhecimento, mas insiste sobre o fato de que há muitas promessas que o governo não cumpre como no exemplo que ela relata sobre a “Luz para todos” que é um programa do governo Federal.

As respostas a esta pergunta nos auxiliam a entender o cotidiano da comunidade. (Quadro 8).

Quadro 8 – Relação entre a Pergunta 6, linhagem e tipo de mudança

LINHAGEM	TIPO DE MUDANÇA			
	NENHUMA	NA SAÚDE	BENEFÍCIOS	NA CULTURA
PAIXÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
CARVALHO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
JESUS	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
SANTOS	NÃO	SIM	NÃO	NÃO

O Quadro 6 mostra que todas as linhagens entrevistadas perceberam que o reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola mudou suas vidas de certa forma. Nas narrativas ouvidas e gravadas, percebi que este fato criou a esperança de obter os títulos das terras herdadas, mas isto não foi dito claramente:

foi mais gesticulado, em movimentos de mostrar as terras com as mãos ou a cabeça. Todas também reconhecem que houve melhoria na saúde, mas isto não se deve à identidade quilombola, pois já recebiam agente comunitária para intermediá-los com os postos de saúde há muito tempo. Sobre a mudança cultural e os benefícios que as comunidades remanescentes de quilombo têm, algumas pessoas da linhagem “Paixão” reconheceram que há, talvez, mudanças, mas o fato é que a Associação ainda não foi buscá-las como reconheceu o seu presidente:

– *Na verdade, a gente não buscou o nosso direito.* (Presidente da Associação do Cangula, 2013).

Esta resposta ocasionou, também, a proposta de organizar um evento que pudesse esclarecer aos remanescentes quilombolas de Alagoinhas sobre seus direitos como quilombolas e como cidadãos brasileiros.

### 3.2.2.7 *Como é feita a coleta de lixo?*

Esta variável serve para compreender a relação da comunidade com a natureza e o meio ambiente no seu cotidiano. (Quadro 9).

Quadro 9 – Relação entre a Pergunta 7, linhagem e forma de descarte de lixo

LINHAGEM	FORMA DE DESCARTE DE LIXO		
	QUEIMA	COLETA URBANA	ENTERRA
PAIXÃO	SIM	SIM	NÃO
CARVALHO	NÃO	SIM	NÃO
JESUS	SIM	NÃO	SIM
SANTOS	SIM	NÃO	SIM

O Quadro 9 indica que a linhagem “Carvalho” entrevistada elimina seu lixo pelo coletor urbano devido ao fato de as pessoas desta linhagem estarem instaladas perto da pista onde passa o coletor urbano. Algumas pessoas entrevistadas da linhagem Paixão usam, também, o coletor urbano para algumas coisas; o restante é queimado. As pessoas entrevistadas das linhagens “Jesus” e “Santos” queimam o lixo, tal como plástico, e enterra, para adubar as plantas, restos de frutos, legumes ou verduras.

Sobre coleta de lixo, as pessoas entrevistadas se mostraram muito preocupadas com a queima do lixo e acham que a melhor maneira de resolver este problema é construir a estrada na comunidade para permitir que o coletor urbano (caminhão) possa entrar e, assim, permitir que todos moradores possam descartar seus lixos.

### 3.2.2.8 *Quais os hábitos que se tinha antes do reconhecimento e que permanecem até o momento atual?*

Pode-se aqui detectar as características específicas da comunidade do Cangula, aquelas características que não mudariam apesar de haver mudanças. (Quadro 10).

Quadro 10 – Relação entre a Pergunta 8, linhagem e tipo de hábito

LINHAGEM	TIPO DE HÁBITO					
	LAVOURA	PLANTAR FRUTOS	TOMAR BANHO DE RIO	CARVÃO	RODA DE SAMBA	RELIGIÃO DA MATRIZ AFRICANA
PAIXÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
CARVALHO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
JESUS	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
SANTOS	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM

O Quadro 10 mostra que todas as pessoas entrevistadas de todas as linhagens continuam tendo suas lavouras, como acontecia no passado com seus antepassados e continuam plantando frutos, mas, no lugar do banho do rio, eles tomam banho em chuveiros quentes. Mesmo assim, os mais velhos estão muito preocupados com os jovens de hoje e com os acontecimentos deste século, o que pode ser demonstrado na narrativa de João 4 (2013):

*– Antigamente tudo isso aqui do lado era mato, mas hoje é só eucalipto... Hoje, madeira é só eucalipto... Até carvão hoje é difícil... A maioria do povo vivia de carvão, mas hoje, tá difícil... Quem tem uma ponta de mato hoje não pode queimar porque o IBAMA vai pegar... Num tempo deste, estávamos catando amendoim, a turma moderna não quer plantar nem um pé de banana...*

Apesar deste lamento de João 3, algumas pessoas das linhagens “Paixão” e “Santos” continuam fazendo carvão. Outros entrevistados das linhagens “Carvalho” e “Santos” declararam praticar, ainda, a roda de samba junto com o grupo da comunidade

vizinha. Quanto à religião da matriz africana, como descrito anteriormente, somente uma pessoa da linhagem “Santos” declarou praticar esta religião, mas, não podemos esquecer que a prática da religião africana não é muito declarada pelas pessoas, sobretudo sabendo que estão em outras religiões por razões de sobrevivência material.

Para Maria 7, tudo continua sendo a mesma coisa, então, a organização social do Cangula não mudou em nada. Veja o que ela declara:

*– Minha mãe, meu pai nunca saiu daqui... É assim, morrendo aquele mais velho e chegando aquele mais novo e acho que tudo que tinha... Menina! O que eu vou te dizer o que, menina? Eu tô com cabeça ruim, o que tinha naquele tempo, é o que está tendo agora a mesma coisa... (Maria 7, 2013).*

Assim eu terminei a pesquisa de campo acreditando que o povo de Cangula tem alguma coisa que só existe para eles, o território Cangula, as linhagens bem ordenadas, da forma que somente seus ancestrais entendiam, sua cultura quilombola, de nunca deixar de ter uma lavoura, apesar das aposentadorias e do Bolsa Família que todos os entrevistados classificaram de ajuda, pois a verdadeira sustentação é aquela que vem da lavoura ou do carvão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante da lentidão dos processos de titulação, da erosão das mobilizações atuais provocadas pelas retomadas das velhas estratégias clientelísticas de cooptação das lideranças para os quadros administrativos do Estado e de algumas políticas meramente assistencialistas, o quilombo continua representando insurgência, mais do que acomodação e apaziguamento.

Reafirmo, neste sentido, que o quilombo como direito tornou-se uma espécie de potência que atravessa hoje a sociedade e o Estado – embaralhando as identidades fixas e a configuração do parentesco, do local, regional, nacional e transnacional, e, principalmente, instaurando grandes dúvidas sobre a capacidade do Estado de ser o gestor da cidadania e o ordenador do espaço territorial (LEITE, 2008, p 333 – 354).



A presente dissertação de mestrado intitulada *Organização Social e Subsistência na Fazenda Cangula*, um quilombo situado no distrito de Boa União, município de

Alagoínhas–Ba, foi desenvolvida na linha de pesquisa “Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida”, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, com a preocupação de entender o cotidiano desta comunidade quilombola.

Comecei por mapear os principais meios de subsistência da comunidade e dos núcleos familiares. Os sujeitos da pesquisa foram trinta membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula encontrados em 20 núcleos familiares escolhidos aleatoriamente. Usando a técnica da observação participativa e as entrevistas, que me levaram a constatar que as quatro linhagens da comunidade do Cangula entrevistadas se sustentam, principalmente, pela lavoura e os produtos que constitui esta sustentação material desde a ocupação das terras pelos ancestrais, segundo o Quadro 3 são:

A mandioca, plantada em roça ou no próprio quintal e que é primeiramente consumida pelos membros da linhagem para depois ser vendida nas feiras de Alagoínhas e região, de várias formas, ou seja, como farinha, beiju, biscoito e outras regalias fabricadas a partir da mandioca.

A folha da mandioca não é muito usada para a fábrica de maniçoba evitando o demorado processo de fabricação desta culinária do Pará.

A hortaliça, que é plantada, principalmente, nos quintais das linhagens, também é de uso familiar e somente é vendida quando há necessidade de se obter algum outro produto ou quando a safra é excessiva.

Os frutos também são de uso familiar ou da comunidade, seguindo o mesmo princípio de vender somente o que sobrar.

O carvão era o produto pelo qual a comunidade do Cangula se destacava nos meios urbanos da região de Alagoínhas, mas, com a chegada da energia e da tecnologia, a procura do carvão diminuiu e, assim, deixa de ser meio de subsistência principal para certos núcleos familiares.

Percebi que o plantio de eucaliptos ao redor da comunidade é o grande vilão com relação à subsistência dos moradores do Cangula e, ao mesmo tempo, uma solução para a subsistência de alguns núcleos familiares que, algumas vezes, para resolver problemas familiares se veem obrigados a vender ou locar suas terras para este tipo de plantio.

A resolução de problemas familiares atinge a esfera ambiental até no que diz respeito ao único rio que atravessa a comunidade, pois este não pode ser tratado nem melhorado para poder servir como atração turística ou como produtor de peixes para beneficiar a comunidade, como é o sonho da Associação, visto que as terras pertencem a muitos descendentes e são, às vezes, divididas desproporcionalmente ou, simplesmente,

vendidas e o dinheiro da venda repartido entre os familiares. A proposta da criação de um “pesque e pague” no rio continua suspensa, pois são muitos herdeiros e a negociação exige a presença de todos(as).

Atualmente, para sua subsistência material, a Associação conta com o projeto “Grupo Esperança Viva” que mantém a granja de galinhas caipira, como explicado no capítulo dois. Os moradores do Cangula são os principais clientes da granja e alguns fazendeiros ou moradores de locais próximos ao Cangula. Percebi que pouca gente trabalha na granja e a maioria é da linhagem “Paixão” e que o movimento na granja é pequeno em consequência de problemas internos da própria Associação.

Observei que algumas famílias criam animais, tais como boi, galinha de quintal, porco, cavalo. Não mencionei estes meios como de subsistência principais, pois além de serem poucas famílias que possuem animais, estes servem, como é o caso dos bois e cavalos/mulas, para o transporte dos produtos agrícolas até a “pista” ou de um sítio para outro. No Cangula, há muitas ladeiras e isto dificulta a evacuação de produtos agrícolas para feiras, pois não há estrada que facilite a passagem de veículos, muito menos de carrinhos para o transporte. Este fato se agrava no período chuvoso em que os moradores da linhagem “Santos” (a maioria deles mora na parte de ladeiras) são obrigados, praticamente, a não sair dos sítios. No período de seca, a maioria dos membros de família procura empregos remunerados fora da comunidade para o sustento até voltarem as chuvas para, assim, dedicar o tempo às lavouras.

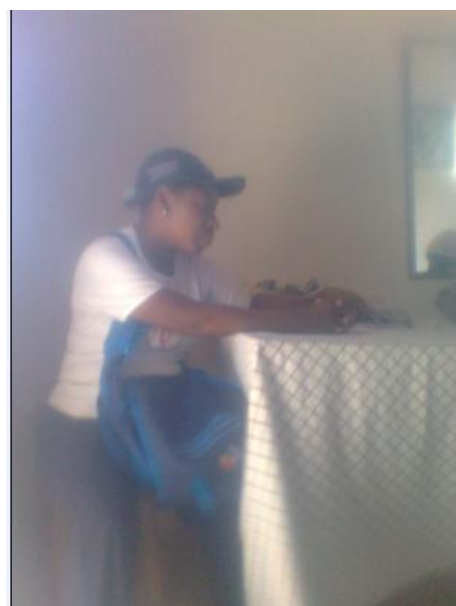
Facilmente os homens da comunidade conseguem serviços remunerados em Alagoinhas, como pedreiros ou em outras profissões do ramo de construção, pois este período coincide com o período escolhido pelos moradores da cidade para reformas ou construção de imóveis. Muitas mulheres do Cangula trabalham fora da comunidade como faxineiras, babás e outras funções menores, em Alagoinhas, mas logo que chegam na comunidade, cuidam das lavouras.

A questão da lavoura na comunidade do Cangula é a essência da vida de cada morador. Este fato me leva a uma conclusão, talvez precipitada, de pensar que a lavoura é o próprio valor simbólico da cultura do Cangula. Adam Kuper (2002) explica, no texto “Cultura, diferença e identidade”, como a própria cultura é vista, estudada e analisada pela antropologia e por outras disciplinas como os estudos culturais. Este autor conceitua a cultura de três formas distintas: a) não é uma questão de raça; b) que a cultura evolui; e c) é uma atitude mental coletiva – ou em outras palavras, um sistema simbólico.

O meu outro objetivo foi diagnosticar como são administradas as relações entre os membros da comunidade e os governos federal, estadual e municipal, nos assuntos de subsistência material, mental, espiritual e de continuidade, antes e depois do autorreconhecimento como remanescentes dos quilombos. O Quadro 7 deste trabalho indica que as relações com os órgãos governamentais estão sendo administradas pela Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula para todas as linhagens.

Na entrevista com o presidente da Associação, José Higino da Paixão, foi esclarecido que até então, não está havendo uma diferença material entre os dois momentos, o do antes e do depois da certificação, devido à “falta de tempo” para ir até os governos procurar informação e assim usufruir de todos os direitos. Ele explicou que a falta de informação e sobretudo o desinteresse dos governos em promover eventos instrutivos na própria comunidade faz com que a Associação, na maior parte do tempo, não saiba com que órgão se comunicar para a resolução de certos problemas. Informou que, anos atrás, a Associação buscou o governo para a instalação de sanitários em algumas residências da comunidade onde faltava e a resposta foi positiva e, efetivamente, há novos sanitários em algumas casas da comunidade. A entrevista terminou com a frase que já foi citada mais cedo: *“Na verdade a gente não buscou o nosso direito”*.

No que diz respeito especificamente à saúde, o governo municipal contratou uma agente comunitária que é também moradora da própria comunidade, Claudineia Jesus da Paixão. Ela nasceu no Cangula, tem trinta e oito anos, estudou até o segundo grau completo e trabalha como agente desde 1998. O pai dela, além de trabalhar com lavoura da mandioca, também fabricava tijolos para construção. Ela mesma se identifica como lavradora e declara ser uma das informantes para o projeto de autorreconhecimento da comunidade e pesquisadora das origens dos ancestrais do povo de Cangula com o incentivo da escola onde ela estudava. Claudineia percorre toda comunidade a pé para as visitas aos membros que moram em diversos sítios. Ela, como outros agentes comunitários do município, segue um planejamento. No dia 9 de janeiro de 2013, fiz um dos trajetos com ela e percebi o quanto a comunidade precisa dela e a capacidade que ela tem de passar diversas informações, consolar os doentes, ajudar a quem precisa de contato com a prefeitura, em casos específicos, sem envolver a Associação. Casada e mãe de dois filhos, o



marido dela cuida ainda de sua plantação de hortaliça e abacaxi, no próprio quintal do sítio, além da mandioca, que nunca parou de plantar.

Por último, eu tinha de verificar como o modelo de organização social na comunidade se expressa no cotidiano. No capítulo 1, eu defini a organização social na comunidade do Cangula, considerando o conceito de Cuisenier (1971), dizendo que “*A organização social na comunidade Cangula é um agenciamento da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula que é um sistema social formado por núcleos familiares manifestando as afinidades das formas de subsistência existentes entre eles*”. Este fato se confirmou na prática, pois somente consegui fazer esta pesquisa com êxito porque a Associação administrou praticamente meus vaivens dentro da comunidade e, a cada encontro, eu fui sempre convidada para ser apresentada aos membros que não me conheciam para, assim, não estranharem quando eu fosse nas casas pedindo as entrevistas.

No cotidiano dos moradores e membros da Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula, há plantação da mandioca, de hortaliça, de frutos. Há a indagação de saber quando o governo vai cuidar, efetivamente, da comunidade, instalando uma infraestrutura que permitirá o desenvolvimento da juventude atual e a qualidade de vida dos antigos moradores. Há inquietação ao pensar que se a situação continuar a mesma haverá sempre evasão dos jovens, que precisarão sair da comunidade à procura de faculdade ou de trabalho, pois o mais alto nível de instrução é o segundo grau completo.

Diferentemente da comunidade que eu pesquisei antes (Castainho-PE), não senti a preocupação das terras no cotidiano dos moradores do Cangula, ao contrário, senti que, para a maioria dos moradores do Cangula, não há dúvidas quanto às terras herdadas dos ancestrais: quase todo mundo tem certeza de que a terra é deles e com ou sem o documento de posse vindo do INCRA. Percebe-se a preocupação dos pais quanto à estrutura de transporte, pois o ônibus escolar não entra na comunidade, parando na “pista” que, como já foi explicado, é longe das aglomerações. A instalação da estrutura de lumináres e de estrada dentro da comunidade resolveria, conseqüentemente, o nível de instrução, porque os moradores poderão frequentar faculdades, universidades ou cursos técnicos à noite, já que durante o dia, trabalham. Esta estrutura é importante porque facilitará também a evacuação dos produtos agrícolas para a venda nas feiras de Alagoinhas e região.

Uma visão geral deste trabalho dissertativo permite observar que todas as formas de subsistências (material, mental, espiritual e de continuidade) na organização social da comunidade do Cangula são interligadas e na maioria das vezes dependem da vontade política dos governos Federal, Estadual e Municipal.

Os modos de vida do povo de Cangula pode até ser igual a qualquer outra comunidade rural, mas só em poucos aspectos, pois existem muitas particularidades que diferencia esta comunidade das outras. Como por exemplo o fato desta comunidade ter aberto a sua Associação bem antes do governo brasileiro exigir esta condição para o reconhecimento; também, esta comunidade se identifica pelo pertencimento as famílias Carvalho, Paixão, Jesus mas observei que a família Santos entra em toda comunidade pelo matrimônio dos antepassados. O que diferencia mais ainda esta comunidade das outras, é o fato de ela já estava preocupada com seus direitos de pertencimento à mesma descendência seja ela africana ou outra, mas, eles sempre procuraram a solidariedade entre todos os membros da comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Rogério de. *Indivíduo e sociedade no pensamento de Durkheim*. [online]. Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/14764/material/Artigo%20-%20Durkheim%20-%20Indiv%20C3%ADduo%20e%20Sociedade.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2013.
- AMARAL, Assunção José Pureza. Remanescente das comunidades dos quilombos no interior da Amazônia: conflitos, formas de organização e políticas de direito à diferença. *Caderno do CEOM – Políticas públicas: memórias e experiências*, v. 22, n. 30, p. 179-206, 2008. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/457/291>>. Acesso em: 7 set. 2013.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/oq/biblioteca-detalhes.asp?cod=18>>. Acesso em: 2 set. 2013.
- BARTH, Fredrick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: \_\_\_\_\_. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Organização Tomke Lask. Tradução John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-58.
- BEZERRA, Maria Helena Viana. *Sociologia*. Cuiabá: EdUFMT; Curitiba: UFPR, 2008.
- BOAVENTURA, M. Edivaldo. *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese*. São Paulo: Atlas, 2004.
- BRASIL. *Estatuto da Igualdade Racial – Lei nº 12.288*. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. DOU, 21 jul. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acesso em: 3 set. 2013.
- BRASIL. *Decreto nº 4.887*, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. DOU, 21 nov. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm)>. Acesso em: 6 set. 2013.
- BRASIL. *Lei nº 7.347*, de 24 de julho de 1985. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio-ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico (VETADO) e dá outras providências. DOU, 25 jul. 1985. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7347orig.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7347orig.htm)>. Acesso em: 6 set. 2013.
- BRASIL. *Lei nº 7.716*, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. DOU, 6 jan. 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm)>. Acesso em: 6 set. 2013.

BRASIL. *Lei n° 9.029*, de 13 de abril de 1995. Proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização, e outras práticas discriminatórias, para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho, e dá outras providências. DOU, 17 abr. 1995. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9029.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9029.htm)>. Acesso em: 6 set. 2013.

BRASIL. *Lei n° 10.778*, de 24 de novembro de 2003. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. DOU, 25 nov. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.778.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.778.htm)>. Acesso em: 6 set. 2013.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). *O quilombo do Rio das Rãs: história, tradições, lutas*. Salvador: EDUFBA, 1995.

CARVALHO, José Jorge; DÓRIA, Siglia Zambrotti; OLIVEIRA JÚNIOR, Adolfo. *Quilombo do Rio das Rãs: história, tradições, lutas*. Salvador, EDUFBA/Centro de Estudos Afro-Orientais, 1996.

CHAMPAGNE, Patrick. *La sociologie*. Milan: 1997. (Les Essentiels Milan, v. 102).

CONSOLIM, Marcia. Um concorrente de Durkheim: René Worms e a Revue Internationale de Sociologie. In: OLIVEIRA, Marcio; WEISS, Raquel (Org.). *David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico*. Curitiba: UFPR, 2011. p. 25-54. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1838039/Um\\_Concorrente\\_de\\_Durkheim\\_Rene\\_Worms\\_e\\_a\\_Revue\\_Internationale\\_de\\_Sociologie](http://www.academia.edu/1838039/Um_Concorrente_de_Durkheim_Rene_Worms_e_a_Revue_Internationale_de_Sociologie)>. Acesso em: 2 set. 2013.

COSTA, Edil. *Comunicação sem reservas: ensaios de malandragem e preguiça*. São Paulo: BDTD-PUC-SP-SAPIENTA, 2005 p. 16.

CROZIER, Michel; FRIEDBERG, Erhard. *L'acteur et le système: les contraintes de l'action collective*. Paris: Seuil, 1977.

CUISENIER, Jean. Organisation sociale. *Encyclopaedia Universalis* [online], v. XII, p. 205-208, 1971. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/organisation-sociale/>>. Acesso em: 2 set. 2013.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: \_\_\_\_\_. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 221-247.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: rizoma. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. São Paulo: 34, 1995. v. 1, p. 11-37.

DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos). Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0B1gI01b79FKEZjkhYTYyOGItMTdjOC00M2FkLWIwMDctYWQ1ZDg0MTlhY2Fk/edit?hl=pt\\_BR&pli=1](https://docs.google.com/file/d/0B1gI01b79FKEZjkhYTYyOGItMTdjOC00M2FkLWIwMDctYWQ1ZDg0MTlhY2Fk/edit?hl=pt_BR&pli=1)>. Acesso em: 2 set. 2013.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os nuer*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FIRTH, Raymond. Organização social e estrutura social. In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Org.). *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1973.

FRIEDBERG, Erhard. *O poder e a regra: dinâmicas da ação organizada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Institucional*. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>.

JAIME, Pedro; LIMA, Ari. Da África ao Brasil: entrevista com o Prof. Kabengele Munanga. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 56, n. 1, p. 507-551, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/5240>>. Acesso em: 2 set. 2013.

KALENGA, Muleka D. *Metodologia da pesquisa em comunicação*. Disciplina ministrada no curso de pós-graduação em gestão Estratégica da Comunicação. Vitória da Conquista: Faculdade de Tecnologia e Ciências, 2004.

KUPER, Adam. Cultura, diferença e identidade. In: \_\_\_\_\_. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/100158685/Cultura-diferenca-e-identidade-Adam-Kuper>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

LEITE, Ilka B. *Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas* [online]. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000. Disponível em: <<http://www.nuer.ufsc.br/artigos/osquilombos.htm>>. Acesso em: 4 set. 2013.

MAXIMIANO, A. C. A. *Teoria Geral da Administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada*. São Paulo: Atlas, 2000.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Dicionário de Português Online*, 2012. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>.

MICHAELIS DICIONÁRIO DE ALEMÃO ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/escolar/alemao/index.php>>.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez./fev. 1995/1996.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2002.

OLIVEIRA, Sandra Nivia Soares de. *De mangazeiros a quilombolas: terra educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, Salvador, 2004. Disponível em: <[http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2006/sandra\\_nivia\\_soares\\_de\\_oliveira.pdf](http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2006/sandra_nivia_soares_de_oliveira.pdf)>. Acesso em: 7 set. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*. De acordo com a Resolução nº 44/228 da Assembleia Geral da ONU, de 22-12-89, estabelece uma abordagem equilibrada e integrada das questões relativas a meio ambiente e desenvolvimento: a Agenda 21. Tradução Ministério das Relações Exteriores, Divisão do Meio Ambiente, com a colaboração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1995. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2013.

PAES DE BARROS, Ricardo; HENRIQUES Ricardo; MENDONÇA Rosane. Evolução recente da pobreza e da desigualdade: marcos preliminares para a política social no Brasil. *Cadernos Adenauer – Pobreza e política social*, São Paulo, p. 11-30, 2000.

PAIXÃO, I. J.; JESUS, Maximiano. *Carta de Reconhecimento de Pertença da Comunidade do Cangula*. Alagoinhas, 2005.

PORTELLI, Alessandro. A entrevista de história oral e suas representações literárias. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 209-230.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-35.

RATTS, Alessandro José Prudêncio. *O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROBBINS, S. P. *Comportamento organizacional*. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. Disponível em: <[http://wps.prenhall.com/br\\_robbins\\_comporg\\_9/0,5240,187984-main,00.html](http://wps.prenhall.com/br_robbins_comporg_9/0,5240,187984-main,00.html)>. Acesso em: 2 set. 2013.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília M.; CARVALHO, Maria Celina P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 10, 1 sem. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2013.

SILVA, Gilvan Barbosa da. *Comunidades quilombolas: o reconhecimento e a autoidentificação frente ao processo de globalização e a massificação cultural*. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Alagoinhas, 2011. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0BxHlkateQuw6VHdVN3VHRG9seE0/edit?usp=sharing&pli=1>>. Acesso em: 6 set. 2013.

SILVA, Palmira Manoela de Oliveira Silva; ALVES, Arivaldo Lima. Discussões sobre reminiscências de quilombos. In: FÓRUM NACIONAL DE CRÍTICA CULTURAL, 2 – Educação básica e cultura: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. Alagoinhas, 18-21 nov. 2010. *Anais...* Alagoinhas, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e textos etnográficos nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EdUSP, 2000.

SILVA, Valdélío Santos. Rio das Rãs à luz da noção de quilombo. *Afro-Ásia*, Salvador, UFBA, n. 23, 1999. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77002309>>. Acesso em: 4 set. 2013.

SILVA, Valdélío A. Os novos desafios dos quilombos contemporâneos. *Revista CEPAIA*, Salvador, v. 1, n. 1, dez. 2001.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de Pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TELLES, Edward E. *O significado da raça na sociedade brasileira*. [online]. Tradução Ana Arruda Callado. ago. 2012. Disponível em: <<http://uranohistoria.blogspot.com.br/2012/09/o-significado-da-raca-na-sociedade.html>>. Acesso em: 2 set. 2013

TELLES, Edward E. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TÖNNIES, Ferdinand. *Communauté et société: catégories fondamentales de la sociologie pure*. Paris: Retz-C.E.P.L., 1977. (Les Classiques des Sciences Humaines).

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO/MEC, 2010. v. I: Metodologia e pré-história da África, p. 139-166.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b>	<b>PÁGINA CRIADA NA INTERNET SOBRE O ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>FOTOS DA COMUNIDADE CANGULA .....</b>	

## APÊNDICE A

## PÁGINA CRIADA NA INTERNET SOBRE O ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL



## APÊNDICE B

### FOTOS DA COMUNIDADE DO CANGULA

PISTA PARA BOA UNIÃO



CAMPO DE PESQUISA



CAMPO DE PESQUISA



“LAGO”



GRANJA



IGREJA EVANGÉLICA



LARANJAS DO CANGULA



EM CAMPO... CONFRATERNIZANDO



AS PESSOAS



Alice



Ana Cátia



Atanásio



Bené



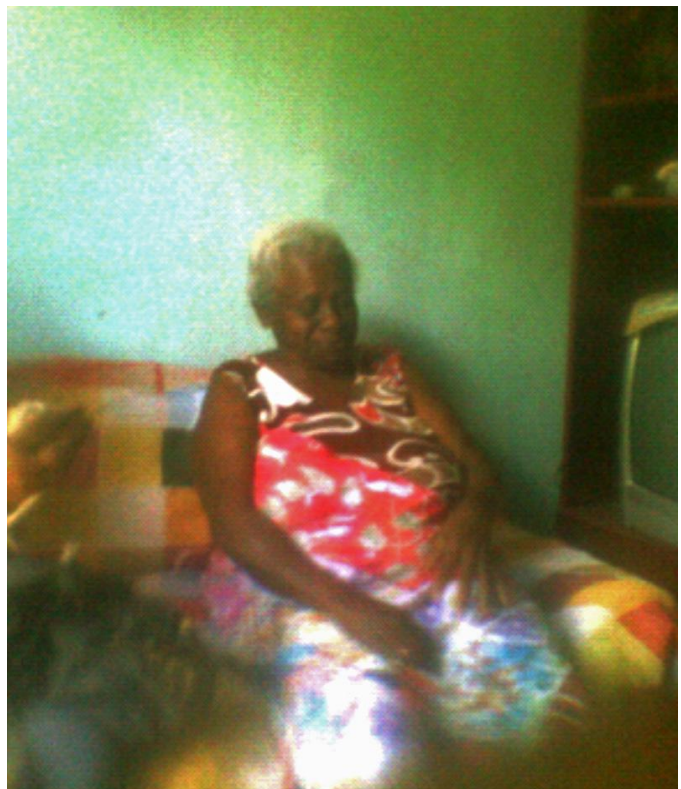
Caetana



Domingo



Doralice



Florentina



Claudineia



Firmina



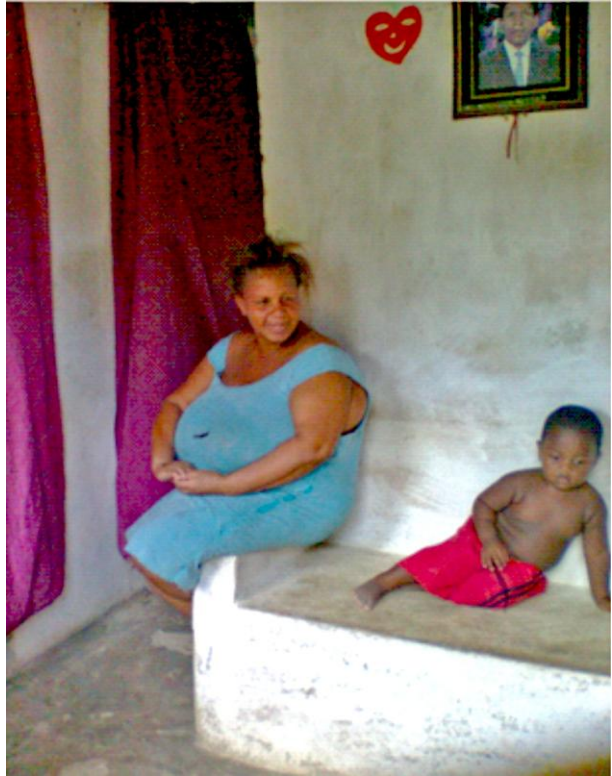
José Higinio



José Paixão



Maria Evangelista



Rose Mari



Vera Lúcia



Zacaria

## ANEXOS

<b>ANEXO A</b>	<b>ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA, EM 5 DE OUTUBRO DE 1998</b> .....	110
<b>ANEXO B</b>	<b>CARTA DE RECONHECIMENTO DE PERTENÇA DA COMUNIDADE DO CANGULA</b> .....	113
<b>ANEXO C</b>	<b>OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO</b> .....	115
<b>ANEXO D</b>	<b>ABERTURA DE PROCESSO PARA O RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO, COMUNIDADE FAZENDA CANGULA</b> .....	116
<b>ANEXO E</b>	<b>FICHA DE ACOMPANHAMENTO</b> .....	117
<b>ANEXO F</b>	<b>CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO</b> .....	118
<b>ANEXO G</b>	<b>DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, NR 15, DE SEXTA FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 2006, SESSÃO 1, PÁGINA 17</b> .....	119
<b>ANEXO H</b>	<b>OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA DA BAHIA</b> .....	120
<b>ANEXO I</b>	<b>ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE ELEIÇÃO E POSSE DA NOVA DIRETORIA, EM 4 DE ABRIL DE 2005</b> .....	124
<b>ANEXO J</b>	<b>CARTAZ – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	126
<b>ANEXO K</b>	<b>FOLDER – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	127
<b>ANEXO L</b>	<b>CONVITE – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	129
<b>ANEXO M</b>	<b>CARTA DO CANGULA – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	130
<b>ANEXO N</b>	<b>FOTO – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL</b> .....	132

## ANEXO A

**ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA  
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA  
EM 05 DE OUTUBRO DE 1998**

Cartório do Registro de Imóveis  
Documentos e das Pessoas Jurídicas  
Comarca de Alagoinhas  
Bel.ª Inaciana Souza de Senechal  
OFICIAL - TITULAR

1

ATA DA ASSEMBLEIA DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA, uma sociedade civil, sem fins lucrativos, criada nos dias do mês de outubro de 1998, no CANGULA, no Município de Alagoinhas Estado de Bahia, reuniram as pessoas a seguir indicadas, com o propósito de constituir uma Associação dos Produtores Rurais do Cangula, sob o regime de sociedade civil sem fins lucrativos: O Produtor Rural o Sr. José Afonso Pereira, Brasileiro, trinta e sete anos, casado, lavrador natural de Alagoinhas, RG 9103763 e CPF 169820455-82, residente na comunidade do Cangula; O Produtor Rural, o Sr. Florentino dos Santos, Brasileiro, sessenta e seis anos, casado, lavrador natural de Alagoinhas, RG 3969.786, residente na comunidade do Cangula; O Produtor Rural Maria de Jesus, Brasileira, cinquenta e nove anos, casada, lavrador, natural de Alagoinhas, RG 0543485528, residente na Comunidade do Cangula; O produtor Rural Jaciana Santos da Paixão, Brasileira, trinta e nove anos, casada, lavrador natural de Alagoinhas RG 4252175 CPF 449957835-20; O Produtor Rural o Sr. Jaime Bispo dos Santos, Brasileiro, cinquenta e um anos, casado, lavrador natural de Alagoinhas, residente na Comunidade do Cangula; O Produtor Rural, o Sr. José Higinio da Paixão, Brasileiro, cinquenta e um anos, casado, lavrador natural de Alagoinhas, RG 0209616261, CPF 39827623-91, residente na Comunidade do Cangula; O Produtor Rural, o Sr. José Jorge dos Santos, Brasileiro, sessenta e sete anos, casado, lavrador, natural de Alagoinhas, RG 2138592 CPF 284225035-49, residente na Comunidade do Cangula; O Produtor Rural o Sr. Flaviano da Paixão, Brasileiro, noventa e seis anos, casado, lavrador natural de Alagoinhas, RG 1662249, residente na Comunidade de

(continua)



ANEXO A - ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DO CANGULA EM 05 DE OUTUBRO DE 1998

(conclusão)

Cartório do Registro de Títulos  
Documentos e das Pessoas Jurídicas  
Comarca de Alagoas  
Bel. Inácia Souza de Santos  
OFICIAL - TITULAR

FUNDADA Nº 10 3  
OPR  
CANGULA  
CANGULA  
CANGULA

ballas foram...  
Devi de Secretário...  
da conforme...  
Tempo...  
Sobretudo...  
Joãozinho de...  
Santos...  
ilusão dos...  
Primeiro da...  
Fazenda...  
Membros...  
Raul...  
dos...  
Santos...

anexo...  
anexo...  
anexo...  
anexo...  
anexo...

Cartório do Registro de Títulos  
Documentos e das Pessoas Jurídicas  
Comarca de Alagoas  
Bel. Inácia Souza de Santos  
OFICIAL - TITULAR

CARTÓRIO DO REGISTRO DE TÍTULOS  
DOCUMENTOS E DAS PESSOAS JURÍDICAS  
COMARCA DE ALAGOAS-BA

Aprovação...  
de...  
Alagoas...

OFICIAL

## ANEXO B

**CARTA DE RECONHECIMENTO DE PERTENÇA DA COMUNIDADE DO  
CANGULA**



Ao Dr. Ubiratan Castro Barbosa  
DD Presidente da fundação Cultural Palmares.

**RECONHECIMENTO DE PERTENÇA DA COMUNIDADE DO  
CANGULA**

**APRESENTAÇÃO**

Nós da comunidade da Fazenda Cangula, nos autodefinimos remanescentes de quilombo, portanto requeremos o registro no livro de cadastro geral e expedição de certidão pela Fundação Cultural Palmares/MINC.

**NOSSA HISTÓRIA**

A comunidade do Cangula está localizada no distrito de Cangula, pertencente ao município de Alagoinhas, fazenda de propriedade do município de Teodoro Sampaio tem a sua história remontada na perspectiva da história oral onde antigos moradores como Sr. José da Paixão, dona Firmina dos Santos, Sr. Pedro Lima dos Santos, relatam que "ouviram" dos seus avós um pouco da história de Cangula, que herdou esse nome por existir em grande quantidade, um espinho conhecido por nome Cangula. A história de Cangula está também ligada a presença de três famílias de diferentes nomes: a Família Carvalho, a Família Paixão e a Família Jesus, sobrenomes que prevalecem na região.

Ladainhas de Nossa Senhora e Santo Antonio, samba de roda e os mutirões com cantorias para o cultivo do fumo e da mandioca fizeram (e ainda fazem) parte do contexto cultural da comunidade do Cangula. A manifestação da religiosidade é uma referência forte da comunidade, com uma presença marcante dos evangélicos, do catolicismo e a presença não menos importante do culto afrodescendente (o candomblé).

A comunidade desde do início dos anos sessenta já dava provas de sua capacidade de luta, pois datam desse período a elaboração de abaixo assinados reivindicando do poder municipal a implantação de escola para a comunidade, que depois de inaugurada teve em dona Virginia de Jesus sua primeira professora.

ANEXO 2 CARTA DE  
RECONHECIMENTO.jpg  
Tipo: Imagem JPEG  
Tamanho: 870 KB  
Dimensão: 1700 x 2379 p

(continua)

## ANEXO B – CARTA DE RECONHECIMENTO DE PERTENÇA DA COMUNIDADE DO CANGULA

(conclusão)



A inspiração da luta do seu povo está exemplificado na vida de filhos ilustres como, por exemplo, o militante de esquerda Alfredo Ângelo que lutou contra a ditadura militar em favor dos direitos humanos e pela reforma agrária, e que segundo relatos faleceu no Rio de Janeiro em razão das surras e espancamento promovido pela repressão militar.

Por todas essas razões aqui resumidas nesse documento, reiteramos o pedido de certificação como remanescentes dos quilombos, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de nossas terras pelo órgão competente.

Alagoínhas, 14 de setembro de 2005.

Comunidade de Cangula/Alagoínhas-Ba.  
Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Cangula  
CNPJ: 02885090/0001-70

*José Igino da Paixão*

José Igino da Paixão  
RG: 02096162-61  
CPF: 398276235-91

ANEXO 2 CARTA DE  
RECONHECIMENTO 2.jpg  
Tipo: Imagem JPEG  
Tamanho: 627 KB  
Dimensão: 1700 x 2325 pixels

*José da Paixão*

José da Paixão  
RG: 0905728-20

Firmino Santos  
RG: 0277377803

Alice Cirriana dos Santos  
RG:  ✓

## ANEXO C

## OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO



MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Ministério  
da Cultura



MEMO 077/05 - RR - BA/FCP/MinC

Salvador, 27 de setembro de 2005.

**Para:** Sr. Prof. Dr. Ubiratan Castro Araújo  
Presidente da FCP/MinC

**Assunto:** Solicitação de Reconhecimento

Senhor Presidente,

Encaminhamos a V. Sa., em anexo, solicitação de reconhecimento e registro da Comunidade de **Fazenda Cangula**, localizada no município de Alagoinhas, Estado da Bahia, com fulcro no decreto 4.887 de 20/11/03, entregue à Representação Regional Bahia, tendo como solicitante os moradores da comunidade, conforme documentos em anexo.

Atenciosamente,

*Lindinalva A. Barbosa*  
Lindinalva Barbosa

Representante Regional - BA/FCP/MinC.

## ANEXO D

**ABERTURA DE PROCESSO PARA O RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE  
REMANESCENTE DE QUILOMBO, COMUNIDADE FAZENDA CANGULA**



MEMO n° 645/DPA/FCP/MinC/2005

Brasília, 21 de outubro de 2005.

À: Divisão de Serviços Gerais

**Assunto:** Abertura de Processo para o Reconhecimento da Comunidade Remanescente de Quilombo, Comunidade Fazenda Cangula

Senhor Chefe,

*Com fulcro na Lei n° 7.668/88, Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, artigos 215 e 216 da Constituição Federal, Decreto n° 4887/2003, solicitamos a abertura de processo administrativo, para emissão de certidão de auto-reconhecimento como comunidade de remanescente do quilombo, a Comunidade Fazenda Cangula, localizada no município de Alagoinhas, estado de Bahia.*

Atenciosamente,

*Miriam Caetano de Souza Ferreira*  
Miriam Caetano de Souza Ferreira  
Diretora Substituta

ANEXO 4 ABERTURA DE  
PROCESSO.jpg  
Tipo: Imagem JPEG  
Tamanho: 524 KB  
Dimensão: 1700 x 2304 pixels

SBN Quadra 02 - Ed. Central  
Fone: (0 XX 61) 424 9101-fax: (0xx61) 424 0145

E-mail: [ccq@palmares.gov.br](mailto:ccq@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>  
"A felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Waly Salomão)

## ANEXO E

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO



Fundação Cultural Palmares - FCP  
 Controle de Processos e Documentos - CPROD

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO

Nº Documento : 01428.002545/2005-95  
 Qtdc. Anexos : 9  
 Data Abertura : 18/10/2005  
 Hora Abertura : 17:14:40

Espécie: MEMORANDO Número: 77 Data: 23/09/2005  
 Código Class. Arquivo:  
 UF: BAHIA Município: SALVADOR País: BRASIL  
 Procedência: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES-REPRESENTAÇÃO DA BAHIA - FCP/BA  
 Solicitante: LINDINALVA BARBOSA - REPRESENTANTE REGIONAL UF: BA

## Resumo do Assunto:

SOLICITA RECONHECIMENTO E REGISTRO DA COMUNIDADE DE FAZENDA CANGULA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS/BA.

## Complemento:

Interessado: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP UF: BRASILIA - DF

Para: DA

## Antecedentes:

Para o objetivo de

<input type="checkbox"/> Falar-me	<input type="checkbox"/> Providenciar
<input type="checkbox"/> Examinar e Informar	<input type="checkbox"/> Dar Parecer
<input checked="" type="checkbox"/> Responder	<input type="checkbox"/> Arquivar
<input type="checkbox"/> Preparar Resposta	<input type="checkbox"/> Urgente
<input type="checkbox"/> Falar com	

## Favor Providenciar até:

## Observações:

Data: 13/10/05

Assinatura Marta Rosa F. Coimbra  
 Coordenadora de Comunicação FCP

## Data de Devolução:

## ANEXO F

## CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA CULTURA  
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES  
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Fazenda Cangula**, localizada no município de Alagoinha, Estado da Bahia, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 025, Registro n. 456, Il. 64, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s):

José Igino da Pação - CPF nº 398.276.235-91  
 Maximiano Pação de Jesus - R.G. nº 3091572 - SSP/BA  
 José da Pação - R.G. nº 0905728-20 - SSP/BA  
 Firmina dos Santos - R.G. nº 0277377803 - SSP/BA  
 Alice Cipriana dos Santos - R.G. nº 3164276 - SSP/BA

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.) \_\_\_\_\_, Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e-e extraí. Brasília, DF, 12 de dezembro de 2005.

O referido é verdade e dou fé

**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SEPN Quadra 02 - Ed. Central Brasília - CEP: 70040-904 - Brasília - DF - Brasil  
 Fone: (0 XX 61) 424-0106/(0 XX 61) 424-0137 - Fax: (0 XX 61) 326-0042  
 E-mail: [chefedegabinete@palmares.gov.br](mailto:chefedegabinete@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é sua felicidade guerreira" (Wally Salgado)



## ANEXO H

**OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE  
AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA  
DA BAHIA**



Ministério  
de Cultura



OFÍCIO Nº 151 /2006 – GAB/PRES/FCP/MinC

Brasília, 17 de fevereiro de 2006

A Sua Senhoria, o Senhor  
Marcelino Antônio Martins Galo  
Superintendente Regional do INCRA da Bahia (SR-05)

Av. Ulisses Guimarães, 640 – Centro Administrativo  
Salvador-BA  
41746-900



**Assunto:** Envio de Certidão de Auto Reconhecimento

Senhor Superintendente Regional,

Em cumprimento ao que determina o artigo 1º, §§ 1º e 2º, artigo 3º, § 4º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, encaminhamos a Vossa Senhoria, em anexo, as Certidões de Auto Reconhecimento das Comunidades Remanescentes de Quilombos, publicadas no Diário Oficial da União.

- **Alagadiço de Lage dos Negros**, localizada no município de Campo Formoso, estado da Bahia, (publicado no DOU de 8/12/2005, seção 1 nº 233, através da Portaria 44, de 30/11/2005);
- **Alegre/Barreiros**, localizada no município de Itaguaçu, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
- **Araçá**, município de Bom Jesus da Lapa (publicado no DOU de 04 de junho de 2004, seção 1, folha 19, através da portaria nº 19, de 14 de maio de 2004);

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil  
Fone: (0 XX 61) 424-0100 – Fax: (0 XX 61) 326-0242  
E-mail: palmares@palmares.gov.br <http://www.palmares.gov.br>


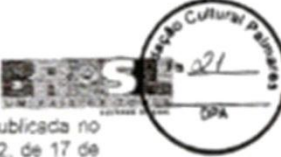

*"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira"* (Wally Salomão)

Página 1 de 2

(continua)

ANEXO H – OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE  
AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA  
DA BAHIA

(continuação)

-  **MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**
- Ministério da Cultura** 
- Barra do Parateca, localizada no município Carinhanha, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - Boitaraca, localizada no município de Nilo Peçanha ( publicado no DOU de 19 de Abril de 2005, seção 1, folha 3, através da Portaria nº 7 de 6 de abril de 2005);
  - Cachoeira da Várzea e Mocambo da Cachoeira, localizadas no município de Seabra, estado da Bahia, ( publicada no DOU de 9 de novembro de 2005, através da Portaria 43, de 8 de novembro de 2005);
  - Capão das Gamelas, localizada no município de Seabra, estado da Bahia, ( publicada no DOU de 9 de novembro de 2005, através da Portaria 43, de 8 de novembro de 2005);
  - Cariacá, localizada no município de Senhor do Bonfim, ( publicada no DOU de 9 de novembro de 2005, através da Portaria 43, de 8 de novembro de 2005);
  - Catuzinho, localizada no município de Alagoinhas, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - Cordearia, localizada no município de Camaçari, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - Empata Viagem, localizada no município de Maracá, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - Enseada do Paraguaçu localizada no município de Maragojipe, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - **Fazenda Gangulá**, localizada no município de Alagoinhas, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
  - Fazenda Olteiro, localizada no Distrito de Boa União no município de Alagoinhas, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006).
- 

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF - Brasil  
Fone: (0 XX 61) 424-0100 – Fax: (0 XX 61) 326-0242  
E-mail: palmares@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)

Página 2 de 2

(continua)

## ANEXO H – OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA DA BAHIA

(continuação)



MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Ministério  
da Cultura



- **Gatos Vespertina**, localizada no município de Riacho de Santana, Estado da Bahia, (publicado DO U de 9/11/2005, seção 1, nº 215, através da Portaria 43 de 9/11/2005);
- **Ingazeira**, localizada no município de Ituberá, (publicado no DOU em 8 de junho de 2005, seção 1, folhas 15 e 16, através da Portaria nº 26 de 6 de junho de 2005);
- **Iuna**, localizada no município de Lençóis, estado da Bahia (publicado no DOU de 6/12/2005, seção 1 nº 233, através da Portaria 44, de 30/11/2005);
- **Lagoa Santa**, localizada no município de Ituberá (publicado no DOU em 8 de junho de 2005, seção 1, folhas 15 e 16, através da Portaria nº 26 de 6 de junho de 2005);
- **Largo da Vitória**, localizada no município de Riacho de Santana, Estado da Bahia, (publicado DOU de 9/11/2005, seção 1, nº 215, através da Portaria 43 de 9/11/2005);
- **Mata do Sapé**, localizada no município de Riacho de Santana, Estado da Bahia, (publicado DOU de 9/11/2005, seção 1, nº 215, através da Portaria 43 de 9/11/2005);
- **Morro Redondo**, localizada no município de Seabra, Estado da Bahia, (publicada no DOU de 30/09/2005, seção 1, nº 189, através da Portaria nº 39, de 29/09/2005);
- **Mulungu**, localizada no município de Boninal, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
- **Nova Batalhinha**, município de Bom Jesus da Lapa (publicado no DOU de 04 de junho de 2004, seção 1, folha 19, através da portaria nº 19, de 14 de maio de 2004);
- **Paus Pretos**, localizada no município de Riacho de Santana, Estado da Bahia, ((publicado DOU de 9/11/2005, seção 1, nº 215, através da Portaria 43 de 9/11/2005);
- **Rio do Tanque**, localizada no município de Riacho de Santana, Estado da Bahia, (publicada no DOU de 30/06/2005, seção 1, nº 189, através da

SBN Quadra 92 - Ed. Central Brasília - CEP: 70040-904 - Brasília - DF - Brasil  
Fone: (0 XX 61) 424-6100 - Fax: (0 XX 61) 326-0042  
E-mail: [palmares@palmares.gov.br](mailto:palmares@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)

Página 3 de 3

(continua)

ANEXO H – OFÍCIO DE ACOMPANHAMENTO DE ENVIO DE CERTIDÃO DE  
AUTORRECONHECIMENTO AO SUPERINTENDENTE REGIONAL DO INCRA  
DA BAHIA

(conclusão)



MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES  
Portaria nº 39, de 29/09/2005;

Ministério  
da Cultura



- Segredo, localizada no município de Souto Soares, (publicada no DOU de 20/01/06, seção 1, folha 17, através da portaria nº02, de 17 de janeiro de 2006);
- Tabatinga, Giral Grande e Guerem, localizada no município de Maragojipe, (publicado no DOU de 12/09/2005, através da Portaria nº 37 de 09/09/2005);
- Vão das Palmeiras, localizada no município de Seabra, Estado da Bahia, (publicada no DOU de 30/09/2005, seção 1, nº 189, através da Portaria nº 39, de 29/09/2005);



Atenciosamente,

Ubiratan Castro de Araújo  
Presidente

ANEXO 8 OFICIO ENVIO  
CERTIDÃO AO INCRA 4.jpg  
Tipo: Imagem JPEG  
Tamanho: 479 KB  
Dimensão: 1700 x 2305 pixels

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP. 70040-904 – Brasília – DF - Brasil  
Fone: (0 XX 61) 424-0100 – Fax: (0 XX 61) 326-0242  
E-mail: [palmares@palmares.gov.br](mailto:palmares@palmares.gov.br) <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)

ANEXO I

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE ELEIÇÃO E POSSE DA NOVA DIRETORIA EM 4/04/2005

importância de s.º sindicaliza  
 do e de associados em determi  
 nado sindicato ou associação  
 quais o documento "Deliberação"  
 Para tal, falou também sobre  
 os direitos e deveres Previden  
 cialmos não havendo mais  
 assunto a ser discutido foi  
 encerrada a reunião laura  
 foi assinada por mim  
 Secretária, Sândara Rodrigues  
 dos Santos  
 Presidente: José Maria  
 Ata de Assembleia geral de eleição e posse da  
 nova diretoria da Associação Comunitária dos  
 Produtores Rurais de Bomgula, as quatro de  
 abril de dois mil e cinco, às quinze horas, na  
 capelinha de Bomgula, foram abertos os trabalhos  
 pelas dez e meia horas da manhã por José Hilgino da  
 Paixão. A seguir foi lida e aprovada a ata  
 sendo eleito a chapa única composta pelos sig  
 nificantes membros: Presidente: José Hilgino da Paixão;  
 Vice-presidente: António do Carmo dos Santos;  
 Primeiro suplente: Cláudio de Jesus da Silva;  
 Segundo suplente: João Alves de Lima; Prime  
 ro Tesoureiro: Sândara Rodrigues dos Santos;  
 Segundo Tesoureiro: Maria de Jesus; Conselho Fiscal  
 Titulares: Atanásio da Paixão, Maria Inês de  
 Carvalho, José Afonso Pereira; Supl. Tit.: José de  
 Jesus, Rosália dos Santos Carvalho; Primeiro supl.  
 des Santos. A seguir o presidente se pôs de pé  
 elito que foram aclamados pelos presentes. A  
 palavra foi entregue ao presidente eleito a quem  
 a presidente eleito a quem



(continua)



## ANEXO J

**CARTAZ – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL**

 UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL  
CAMPUS II - ALAGOINHAS

*POSCRÍTICA*

1º ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE  
ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL,  
ESTADUAL E MUNICIPAL



TEMA: QUALIDADE DE VIDA NOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS:  
SAÚDE, EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E TITULAÇÃO  
DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA

DATA: 15/05/2013  
HORÁRIO: 8H30MIN A 12H00MIN/ E 14H00MIN A 17H00MIN  
LOCAL: CÂMARA DE VEREADORES DE ALAGOINHAS

 ALAGOINHAS 

## ANEXO K

**FOLDER – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS  
GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL**

**PARTICIPAÇÃO**

**Comunidades Quilombolas de Alagoínas**

Associação Comunitária do Buri  
Associação Comunitária de Produtores Rurais do Cangula  
Associação Comunitária de Produtores Rurais do Catuzinho Esperança de Deus Remanescente de quilombo  
Associação Comunitária da Região do Catuzinho  
Associação Remanescente quilombola do Oiteiro

**Governo Federal**

Representante da Fundação Cultural  
Palmares: Verônica Nairobi Sales de Aguiar  
Representante do INCRA: Luiz Guge Santos Fernandes

**Governo Estadual**

Secretário de Saúde: Jorge José Santos Pereira Solla  
Secretário de Educação: Osvaldo Barreto filho  
Secretária de Meio Ambiente: Márcia Cristina Telles de Araujo Guedes  
Secretário de Reparação Racial: Elias de Oliveira Sampaio  
Secretário de Agricultura: Eduardo Seixas de Salles

**Governo Municipal**

Secretário da Cultura: André Nunes  
Secretário da educação: Caio Castro  
Secretário da saúde: Reginaldo Paiva  
Secretário de agricultura: Jenser Souza Miranda  
Secretária de Assistência Social: Tatiana Andrade

**COORDENAÇÃO**

André Nunes - Secretário Municipal de Cultura  
Mwewa Lumbwe - Mestranda em Crítica Cultural

**ORGANIZAÇÃO**

Jaldice Nunes - Diretora Municipal de Cultura  
Mwewa Lumbwe - Mestranda em Crítica Cultural

**REALIZAÇÃO**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DEDC  
CAMPUS II ALAGOINHAS



**I ENCONTRO  
DOS QUILOMBOS DE  
ALAGOINHAS COM OS  
GOVERNOS FEDERAL,  
ESTADUAL E MUNICIPAL**



**ZUMBI DOS PALMARES**  
1655-1695

**TEMA: Qualidade de Vida nos  
Quilombos de Alagoínas: Saúde,  
Educação, Meio Ambiente e  
Titulação do Território Quilombola**

**Data: 15/05/2013**  
**Horário: 8h30min a 12h00min / e**  
**14h00min a 170min**  
**Local: Câmara de Vereadores de**  
**Alagoínas**

(continua)

## ANEXO K: FOLDER – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL

(conclusão)

### JUSTIFICATIVA

Este evento é importante para as comunidades quilombolas de Alagoínas por possibilitar que elas expressem seus próprios pontos de vista sobre suas necessidades diante de autoridades dos Governos - Federal, Estadual e Municipal. Assim, podem obter respostas imediatas às suas preocupações quanto à subsistência, à evolução material/intelectual e ao bem estar coletivo. Para as autoridades governamentais, este evento permitirá uma visão específica da realidade das organizações sociais dos quilombos de Alagoínas e de suas particularidades. Para a Universidade do Estado da Bahia - UNEB e para o Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural PPGCC, este evento vai oportunizar aos pesquisadores docentes e discentes - com estudos nestas comunidades para a produção de monografias e dissertações - a mediação e a qualificação do debate entre governos e comunidades, além de expandir o diálogo em curso. Para a Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer de Alagoínas, criam-se os meios para a participação e construção conjunta com a universidade de um espaço de intercâmbio das autoridades governamentais com os quilombos de Alagoínas, bem como de inter-relação dos próprios quilombos, ainda bastante precária.

### OBJETIVOS

#### GERAL

Facilitar o intercâmbio entre os quilombos de Alagoínas e os governos federal, estadual e municipal.

#### ESPECÍFICOS

- Reunir os quilombos de Alagoínas com os representantes governamentais para conhecimento recíproco e apresentação de seus problemas ou soluções;
- Identificar as comunidades quilombolas de Alagoínas sejam elas reconhecidas ou não;
- Facilitar o intercâmbio entre as comunidades quilombolas de Alagoínas;
- Mediar a construção de uma agenda política e uma pauta de reivindicações - comuns e específicas - das comunidades Quilombolas de Alagoínas.

#### PROGRAMAÇÃO

- 8h30min Credenciamento
  - 09h00min - Abertura Oficial:
    - Secretário de Cultura, Esporte e Lazer: André Nunes
    - Prefeito de Alagoínas: Carlos Augusto
    - Moderador: Carlos Augusto, Executivo Adjunto de Justiça e Paz, Ex-primeiro Secretário de Palmares.
  - 09h30min - Exposição UNEB/PPGCC com o Dr. Osmar Moreira, Coordenador do PPG em Crítica Cultural/UNEB Alagoínas. Pesquisa que ocasionou este evento: Mestranda do PPGCC/2012 Mwewa Lumbwe.
- BLOCO 01: SAÚDE**
- 09h50min - Exposição: "Anemia Falciforme". Prof. Altair Lira, Federação Nacional dos Portadores de Anemia Falciforme - FENAFAL.

- 10h30min - Representação dos Quilombos de Alagoínas: apresentação da pauta de reivindicações
- 11h00min - Resposta dos Governos
- 11h20min - Assinatura de acordos e convenções
- 12h00min - Almoço

#### BLOCO 02: EDUCAÇÃO

- 14h00min - Exposição: "Educação Quilombola: limites e possibilidades" - Profª Cristiana Ferreira, Secretária de Educação de São Francisco de Conde
- 14h15min - Representação dos Quilombos de Alagoínas: apresentação da pauta de reivindicações
- 14h30min - Resposta dos Governos
- 14h45min - Assinatura de acordos e convenções.

#### BLOCO 03: TITULAÇÃO DO TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

- 15h00min - Exposição: "Direito e Posse dos Territórios Quilombolas em Alagoínas" - Verônica N. S. de Aguiar Fundação Cultural Palmares/Salvador
- 15h15min - Representação dos Quilombos de Alagoínas: apresentação da pauta de reivindicações
- 15h30min - "Resposta dos Governos"
- 15h45min - "Assinatura de acordos e convenções"

#### BLOCO 04: MEIO AMBIENTE

- 16h00min - Exposição: "A realidade ambiental nas comunidades quilombolas de Alagoínas" Roque Costa - Fórum Alagoïnense para o Desenvolvimento Sustentável - FADES e Conselho Municipal de Meio Ambiente de Alagoínas
- 16h15min - Representação dos Quilombos de Alagoínas: apresentação da pauta de reivindicações
- 16h30min - Resposta dos Governos
- 16h45min - Assinatura de acordos e convenções.
- 17h00min - Encerramento

FOLDER I ENCONTRO  
QUILOMBOS FUNDO  
ORIGINAL.jpg  
Tipo: Imagem-JPEG  
Tamanho: 1,68 MB  
Dimensão: 4136 x 2837 pixels

## ANEXO L


**CONVITE – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS  
GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL**

A Câmara Municipal de Alagoinhas  
tem a honra de convidar V.Sa. para participar  
da Audiência Pública.

**Tema:**

**QUALIDADE DE VIDA NOS  
QUILOMBOS DE ALAGOINHAS**

Que se realizará no dia 15 de maio de 2013,  
às 08:30h no plenário da Câmara.

  
Jorge Mendes dos Santos  
PRESIDENTE



## ANEXO M

**CARTA DO CANGULA– I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS  
COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL**



**CARTA DO CANGULA**

*Alagoíneas, 14 de abril de 2013*

Nós, comunidades quilombolas aqui reunidas, no II Encontro das Comunidades Quilombolas de Alagoíneas, vimos através desta, fazer saber a toda sociedade alagoínea, baiana e brasileira, bem como aos poderes públicos por elas instituídos e legitimados, que existimos, resistimos e insistimos na mesma luta encampada por nossos ancestrais, qual seja: a busca de uma sobrevivência digna numa sociedade marcada por um perverso processo de exclusão social, sobretudo no que se refere aos descendentes dos africanos aqui escravizados.

Como é sabido por todos, antes e depois da Abolição, as populações negras sempre foram uma pedra no sapato de nossas elites tanto no âmbito nacional, regional, quanto local. O medo e a marginalização das massas negras sempre pesaram nessa relação. Após a Abolição, em 13 de maio de 1888, essas mesmas elites se esforçaram para silenciar e desarticular nossas comunidades por conta da posse da terra.

Mas, a partir da Constituição Federal de 1988, ou seja, cem anos depois, conseguimos, na forma de lei, garantir direitos que coroam a secular luta de nossos antepassados no que se refere à cidadania plena. Assim, fazemos saber a todos que estamos unidos e dispostos a ir até as últimas consequências para que todos compreendam que **LEI É PARA SER CUMPRIDA E DIREITOS USUFRUÍDOS**.

A nossa Consciência Negra, somada aos direitos que nos cabe, enquanto comunidades quilombolas oficialmente reconhecidas, hoje tem balizado nossas ações, pois fez aflorar em nossas mentes a convicção de que, enquanto negros, somos **CREDORES** de todos os avanços – materiais, culturais e **ESPIRITUAIS** – que a sociedade brasileira alcançou ao longo de quase cinco séculos de exploração de nossas potencialidades. Por isso, e para além disso, consideramos justo o pronto atendimento de nossas solicitações que, em linhas gerais, buscam resolver, ainda que minimamente, alguns problemas que enfrentamos a muito tempo.

Nossa Consciência Negra hoje nos faz rejeitar a ideia preconceituosa de que nossas experiências e tradições se reduzem a eventos folclóricos. Não aceitamos esse estado de coisas e queremos aqui afirmar que ser negro e quilombola vai além dessas noções que pretendem nos alienar.

Ser quilombola não significa tão somente ser membro de uma comunidade originalmente constituída por “escravos fugidos”. Muito de nossos pequenos quilombos se formaram após a Abolição como estratégia de sobrevivência diante do violento processo de marginalização que sucedeu ao 13 de maio.

Ser quilombola não significa necessariamente ser membro de religiões de matrizes africanas, pois além destas o velho catolicismo (com seus sincretismos) e as igrejas evangélicas têm presença marcante em nossas comunidades.

Ser quilombola não significa necessariamente ser um negro “retinto” de cabelo encarapinhado. Não podemos esquecer que em Palmares – nosso exemplo maior – havia muitos índios e até brancos empobrecidos. O que nos define de fato não é o tom de nossas peles e sim nossa cultura enquanto modo de vida, nosso jeito de ser e estar neste mundo de exclusões. O quilombo desde sempre foi um grande guarda-chuva social.

Enfim, ser quilombola não significa está preso num passado, mas conectado a um futuro. Por isso mesmo não estamos dispostos a abrir mão de nossa identidade, tradições e cultura. Reafirmamos agora e sempre nossa negritude, nossa pertença, nossa irmandade com os povos de África. E que isso não sirva de barreiras entre as pessoas.

O progresso que almejamos se baseia nessa comunhão dos povos, e que ninguém fique de fora, pois ao pé da letra, “quilombola” é quem vive nos quilombos, mas, ser negro, é uma estrutura de sentimento, é um estado de espírito que ultrapassa aos limites da pele. A África continua sendo o berço da humanidade.

(continua)

## ANEXO M – CARTA DO CANGULA– I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL (conclusão)

Assim, considerando tudo isso, depois de um dia inteiro de discussões, listamos algumas das nossas reivindicações no que se refere à saúde, à educação, ao meio-ambiente e à demarcação e titulação de nossos territórios. Todavia, nossas necessidades vão além destes itens. Para nós, povos de comunidade, o "todo" sempre é mais significativo do que as "partes". Dessa forma, outros temas – a exemplo do transporte, da segurança, da juventude, do desenvolvimento sustentável, da mulher, etc – também passam por nossas preocupações.

Esse nosso segundo encontro superou todas as expectativas. E, na certeza que somente com a unidade conseguiremos avançar, propomos e criamos uma entidade que provisoriamente se chamará UNICQA – União das Comunidades Quilombolas de Alagoinhas e Aramari – que visa agregar todas as comunidades quilombolas (reconhecidas ou não) da região. Os primeiros passos foram dados, caminhamos agora para a formalização. Como fruto dessa convergência, segue nossa pauta "conjunta" de reivindicações.

### SAÚDE

- Construção de postos de saúde (PSF), manutenção e regularização dos atendimentos nos já existentes.
- Criação de equipes de atendimento especializado em doenças que acometem mais comumente as populações negras (anemia falciforme, miopia, pressão arterial alta).
- Atendimento domiciliar para os idosos.
- Aumento da frequência da Unidade Móvel de Saúde com um calendário elaborado junto às associações de moradores.
- Disponibilização de ambulância para atuar em cada uma das comunidades.
- Criação de condições de deslocamento e assistência social para os doentes que necessitem ser atendidos fora de suas comunidades.
- Ampliação dos serviços odontológicos para além das meras extrações de dentes.
- Revisão urgente, junto às associações comunitárias, da proposta do CRAS-QUILOMBOLA para que o mesmo esteja VERDADEIRAMENTE a serviços das comunidades quilombolas da região, o que hoje, infelizmente, não acontece.

### EDUCAÇÃO

- Implementação da Educação Quilombola nos moldes indicados pelo Ministério da Educação.
- Efetivação urgente da Lei 10.639/03.
- Formação continuada para os professores e gestores que atuam nas escolas das comunidades.
- Acompanhamento efetivo do desenvolvimento acadêmico do alunado.
- Democratização o processo de escolha dos gestores e da gestão.
- Retomada do projeto do MEC referente à construção de novas unidades escolares "quilombolas" na região.
- Início do processo de alterações dos nomes das escolas que deverão ter nomes de personagens históricos ligados a causa negra ou de pessoas da/ou reconhecida pela comunidade, precedida do termo "quilombola".

- Criação de um projeto de acompanhamento e assistência aos alunos que saem das escolas quilombolas e passam a estudar nas escolas urbanas de Ensino Fundamental e Médio.
- Melhorias no sistema de transporte e segurança dos alunos quilombolas.
- Criação de condições para o ingresso e permanência dos jovens quilombolas nas universidades.

### MEIO AMBIENTE

- Retirada do **plantation** de eucalipto do entorno do sítio antropológico dos quilombos.
- O respeito da legislação no que se refere a plantação de eucalipto no limites das estradas e dos mananciais.
- Recuperação dos mananciais e rios degradados
- Oferta de assistência técnica no manejo de atividades agropecuárias.
- Implementação de projetos de desenvolvimento sustentável.
- Implementação de coleta regular de lixo bem como uma rede de coleta seletiva.

### DEMARCAÇÃO E TITULAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

- Definição do sítio antropológico das comunidades reconhecidas.
- Demarcação e titulação urgente do território das comunidades já reconhecidas.
- Oficialização do reconhecimento da Comunidade Quilombola do Buri.
- Consideração da unidade comunitária e territorial da Comunidade Quilombola do Catuzinho na efetivação de políticas públicas.

Compreendendo que, a despeito da boa vontade de nossos dirigentes, a burocracia costuma travar a máquina administrativa, nos colocamos a disposição para que num diálogo fraterno possamos caminhar rumo ao atendimento destas solicitações. Assim, propomos, aos representantes do poder público, a criação de uma "agenda" para a efetivação dos compromissos que esperamos firmar desde já.

Por fim, nos voltamos à comunidade alagoinhense, baiana, e brasileira, bem como aos agentes do poder público por elas escolhidos e legitimados, para reafirmar a nossa identidade e também para dizer que fazemos parte de vocês na justa medida em que, além de quilombolas, também somos alagoinhenses, baianos e brasileiros. Assim sendo, pedimos o apoio e o encaminhamento de nossas solicitações para que possamos dar continuidade a essa nova etapa de nossas vidas.

Sem mais, agradecemos a todos.

*Comunidade Quilombola do Buri  
Comunidade Quilombola do Cangula  
Comunidade Quilombola do Catuzinho  
Comunidade Quilombola do Oiteiro*

**ANEXO N****FOTO – I ENCONTRO DOS QUILOMBOS DE ALAGOINHAS COM OS  
GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL**